



As Artes Visuais como Prática Pedagógica Diferenciadora



PAULA FRASSINETTI

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
RUA GIL VICENTE 138 - 142
4000-255 PORTO
T +351 225 573 420 / 7 F +351 225 508 485

www.esepf.pt

JUNHO 2019

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

As Artes Visuais como Prática Pedagógica Diferenciadora

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI
PARA A OBTENÇÃO DE
GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

DE

Beatriz Rodrigues Soares

ORIENTAÇÃO

Doutora Sandra Mónica Figueiredo de Oliveira

ESEPF



PAULA
FRASSINETTI



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

AS ARTES VISUAIS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DIFERENCIADORA

Beatriz Rodrigues Soares

Porto
2019

Beatriz Rodrigues Soares

Relatório de Investigação apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Sob Orientação da Professora Doutora Sandra Mónica Figueiredo de Oliveira

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Porto
2019

RESUMO

O relatório de investigação cujo tema se denomina por “As Artes Visuais como prática pedagógica diferenciadora”, apresenta como objetivo principal perceber como as Artes Visuais são importantes na promoção das aprendizagens das crianças. Sendo a criança um ser de descobertas e capaz de comunicar de variadas formas sobre tudo o que a rodeia, é apresentado um tema focado neste subdomínio que parte do domínio da Educação Artística e que aprofunda a imaginação de uma forma livre e a oportunidade de a criança se exprimir através da arte, capaz de estimular até a sua confiança ou autoestima.

O estudo decorre através da investigação qualitativa com os dados recolhidos da observação participante do grupo e das entrevistas de educadoras de infância decorrendo ao longo do ano em contexto de Educação Pré-Escolar e, no ano letivo seguinte, são também recolhidos os dados das entrevistas de impacto das mesmas crianças do grupo como técnicas de recolha de dados.

Em síntese, os dados concluem que são tomadas estratégias diversificadas utilizadas pelo/a educador/a de infância que potencializam as Artes Visuais como principal recurso educativo e que levam a desenvolver competências quando utilizadas, tais como o interesse, a motivação ou a criatividade da criança, percebendo, assim, que as Artes Visuais são fulcrais como facilitadora e ferramenta de aprendizagens.

Palavras-Chave: Artes Visuais; Educação Pré-Escolar; Estratégias; Competências.

ABSTRACT

The investigation report whose theme is “Visual Arts as a differencing pedagogic practice”, presents as main objective to understand how Visual Arts are important in promoting children’s learning. Being the child as a being of discoveries and able to communicate in various ways about everything that surrounds it, a topic focused in this subdomain that takes part of the Artistic Education domain and deepens the imagination in a free form and the opportunity of a children to express herself through art, capable of stimulating even its self-esteem or confidence , is presented.

The study runs through the qualitative investigation with the data gathered in the participant observation and in the childhood educators’ interviews throughout the year in the Pre-Scholar context and, in the next school year, data from impact interviews from the same children were also gathered.

In summary, the data concluded that diversified strategies used by the childhood educator that potentialize Visual Arts as a major educative resource are taken and lead to developing competences when used, such as interest, motivation or child’s creativity, allowing to understand, in this way, that Visual Arts are essential as facilitators and learning tools.

Keywords: Visual Arts; Pre-Scholar; Strategies; Competences.

AGRADECIMENTOS

O relatório de investigação determina uma das etapas mais importantes que será para sempre recordada e que não seria possível sem quem esteve sempre do meu lado.

Agradeço à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti por me ter proporcionado as melhores aprendizagens e oportunidades.

Agradeço à minha Orientadora Doutora Mónica Oliveira por todos os momentos de partilha de conhecimentos e cooperação ao longo deste percurso.

Obrigada à minha família pela educação que recebi e deu frutos a todo o caminho que fui capaz de concluir neste relatório. Obrigada por todas as vezes que me incentivaram com a presença e o conforto.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	I
ABSTRACT	II
AGRADECIMENTOS	III
LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS	VII
ÍNDICE DE TABELAS	VIII
ÍNDICE DE GRÁFICOS	IX
ÍNDICE DE ANEXOS	X
ÍNDICE DE FIGURAS	XI
INTRODUÇÃO	13
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	15
1. A Educação Artística.....	15
1.1. Objetivos da Educação Artística.....	18
1.2. A Educação Artística na Educação Pré-Escolar	19
2. As Artes Visuais.....	22
2.1. Educação pela Arte	23
2.1. A Arte como forma de expressão	25
2.2. As Artes Visuais na Educação Pré-Escolar	27
2.2.1. Competências das Artes Visuais.....	28
2.2.2. O papel do/a educador/a de infância	29
3. Metodologia de Trabalho de Projeto	32
3.1. Definição do problema.....	33
3.2. Planificação e lançamento do trabalho	34
3.3. Execução	35
3.4. Avaliação/Divulgação	37
PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS	38
1. Paradigma da investigação.....	38

1.1. Objetivos do estudo.....	39
1.2. Caracterização da instituição.....	40
1.3. Participantes em estudo	41
2. Opções técnicas de investigação.....	42
2.1. Observação participante.....	42
3.1.1. Características das atividades	43
3.1.1.1. Atividade 1 – “Aqui vamos a um museu verdadeiro!”	43
3.1.1.2. Atividade 2 – “Impressionando... com Monet”	43
3.1.1.2. Atividade 3 – “Adivinhem e recriem... com Goya”	44
3.1.1.2. Atividade 4 – “Que tal uma fruta...com Frida Kahlo?”	45
3.2.1.2. Atividade 5 – “Um museu cheio de tinta!”	45
3.2.2. Objetivos gerais das atividades	46
3.2.4. Competências a desenvolver	46
3.2.5. Planificação das atividades	48
3.2.7. Avaliação das atividades	49
2.2. Entrevista	50
Parte III – Análise de Dados.....	54
1. Análise da Observação Participante	54
1.1. Análise da Atividade 1 - "Aqui vamos a um museu verdadeiro"	55
1.2. Análise da Atividade 2 - "Impressionando... com Monet"	56
1.3. Análise da Atividade 3 - “Adivinhem e recriem... com Goya”	58
1.4. Análise da Atividade 4 - “Que tal uma fruta...com Frida Kahlo?”	59
1.5. Análise da Atividade 5 - “Um museu cheio de tinta!”	61
1.6. Síntese das atividades	62
2. Análise das Entrevistas.....	64
2.1. Análise das entrevistas a Educadores de Infância.....	64
2.1.1. Perfil dos Entrevistados	64
2.1.2. Conceito de Educação Artística	64

2.1.3. Competências específicas relacionadas com a Educação Artística	65
2.1.4. A relação da Educação Artística com a Interdisciplinaridade	66
2.1.5. A importância da Educação Artística na Educação Pré-Escolar.....	67
2.1.6. O papel da Arte no processo educativo	67
2.1.7. Utilização de estratégias com as Artes Visuais como recurso educativo..	68
2.1.8. A receptividade das crianças face às Artes Visuais	69
2.1.9. A importância de formação na área das Artes Visuais	69
2.1.10. Tipo de estratégias a serem optadas para explorar as Artes Visuais	70
2.1.1. Síntese das entrevistas e Educadores/as de Infâncias	70
2.2. Análise das entrevistas de impacto às crianças.....	72
2.2.1. Identificação dos Entrevistados.....	72
2.2.2. Análise das entrevistas	72
2.2.1. Síntese das entrevistas de impacto às crianças.....	75
LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
ANEXOS	82

LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

EPE – Educação Pré-Escolar

Jl – Jardim de Infância

ME – Ministério da Educação

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Referencial de competências - Comportamentais

Tabela 2 - Referencial de competências – Artes Visuais

Tabela 3 - Guião da planificação das atividades

Tabela 4 - Níveis de avaliação para registo de observação

Tabela 5 - Blocos temáticos e objetivos específicos da entrevista a Educadores de Infância

Tabela 6 - Blocos temáticos e objetivos específicos da entrevista de impacto às crianças

Tabela 7 - Tabela de categorização da entrevista a Educadores de Infância

Tabela 8 - Tabela de categorização da entrevista de impacto às crianças

Tabela 9 - Análise das entrevistas de impacto

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Competências - Comportamentais

Gráfico 2 - Competências - Artes Visuais

Gráfico 3 - Competências - Comportamentais

Gráfico 4 - Competências - Artes Visuais

Gráfico 5 - Competências - Comportamentais

Gráfico 6 - Competências - Artes Visuais

Gráfico 7 - Competências - Comportamentais

Gráfico 8 - Competências - Artes Visuais

Gráfico 9 - Competências - Comportamentais

Gráfico 10 - Competências - Artes Visuais

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Planificações das atividades e fotografias dos resultados

Anexo 2 - Grelhas de observação e avaliação das atividades

Anexo 3 - Guião das entrevistas a educadores/as de infância

Anexo 4 - Registos das entrevistas a educadores/as de infância

Anexo 5 - Guião das entrevistas de impacto às crianças

Anexo 6 - Registos das entrevistas de impacto às crianças

Anexo 7 - Cronograma da Investigação

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1 - Início "Aqui vamos a um museu verdadeiro!"
- Figura 2 - Percurso pelas exposições no museu
- Figura 3 - Continuação da observação das exposições
- Figura 4 - Início da exposição de Almada Negreiros
- Figura 5 - Construção do registo coletivo
- Figura 6 - Registo coletivo afixado na sala
- Figura 7 - Utilização das aguarelas
- Figura 8 - Utilização dos pincéis com canas
- Figura 9 - "A Ponte Japonesa"
- Figura 10 - "Nenúfares"
- Figura 11 - "Campo de Papoulas"
- Figura 12 - Exposição das obras de Claude Monet
- Figura 13 - Observação da obra de Goya
- Figura 14 – Desenho dos pormenores da obra
- Figura 15 - Início da pintura do registo
- Figura 16 - Continuação da pintura da obra
- Figura 17 - Finalização dos registos
- Figura 18 - Exposição das obras de Goya no museu
- Figura 19 - Recorte com tesoura
- Figura 20 - Continuação do recorte com tesoura
- Figura 21 - Início da montagem da obra
- Figura 22 - Colagem da obra
- Figura 23 - Obra final "Natureza morta com
- Figura 24 - Obra da Frida Khalo exposta no
- Figura 25 - Início "Um museu cheio de tinta!"
- Figura 26 - Obra de Ana Manso e a "gotinha de água
- Figura 27 - Chegada à casa cor-de-rosa
- Figura 28 - "Oficina à Solta" na cozinha da casa
- Figura 29 - Pinturas com esponja
- Figura 30 - Pinturas com corantes

INTRODUÇÃO

O presente relatório enquadra-se na unidade curricular designada por “Prática de Ensino Supervisionada”, relativamente inserida no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Este tema foi escolhido, essencialmente, pela importância que deve ser dada à arte na educação, como prática diferenciadora por parte do/a educador/a de infância dentro da sala e na promoção de atividades, assim como esta atua sobre a aprendizagem e comportamento da criança, percebendo como, através da Educação Artística, educar um grupo de crianças contribui para a sua capacidade de aprender e para o seu equilíbrio emocional, utilizando as Artes Visuais como meio de expressão e comunicação daquilo que satisfaz os seus interesses de uma forma criativa, através do contacto e manipulação de diversos materiais. É essencial referir, ainda, que as Artes Visuais se propõem a vários objetivos centrados na criança, colocando, assim, a questão de partida: “De que forma as Artes Visuais facilitam as aprendizagens e desenvolvem diferentes competências na prática pedagógica?”.

A criança é capaz de comunicar de várias formas e de observar aquilo que a rodeia, descobrindo vários materiais de forma criativa e pormenorizada, sendo interessante para um futuro profissional perceber e aprofundar a importância do saber fazer, ser, pensar e agir junto do domínio da imaginação e da utilização dos objetos de forma livre, permitindo desenvolver nas crianças um conjunto de competências específicas desta área do saber relacionadas com a cultura, criatividade e comunicação, bem como competências transversais ligadas às relações interpessoais, éticas e valores.

Para a presente investigação foram, primeiramente, implementadas cinco atividades em torno do projeto denominado por “As Nossas Artes e À Procura dos Museus do Mundo” da sala de um grupo de 5 anos de idade com 25 crianças de uma instituição de ensino particular. Adicionalmente, foram analisadas as opiniões de 12 educadoras de infância sobre a temática através de uma entrevista e, depois desta, no ano letivo seguinte, foram também realizadas entrevistas às mesmas crianças sobre o projeto do ano letivo anterior, servindo de entrevista de impacto sobre as atividades realizadas. Sendo assim, foram traçados os seus três objetivos específicos:

- Perceber a importância das Artes Visuais como facilitadora de aprendizagem;
- Compreender o tipo de estratégias que podem ser utilizadas pelo/a educador/a para potencializar as Artes Visuais como recurso educativo;

- Entender que competências podem ser trabalhadas na área das Artes Visuais.

Para compreender o tema e os seus conceitos inseridos, o presente relatório encontra-se organizado em três partes fundamentais. Inicialmente, na parte I, apresenta-se a revisão bibliográfica da temática, ou seja, a fundamentação teórica sustentada em documentos analisados, centrando-se em torno do domínio da Educação Artística e os seus objetivos, tal como a sua importância na Educação Pré-Escolar. Após isto, contém o foco no subdomínio das Artes Visuais com conceitos da educação pela arte, a arte como forma de expressão e, também, a sua importância na Educação Pré-Escolar, as competências que desenvolvem e o papel do/a educador/a relativamente a este subdomínio. Apresenta também a metodologia de projeto e as fases em que esta se desenvolve, visto ser a base de umas das partes da investigação.

É importante referir que acreditamos que é essencial que a fundamentação teórica possa partir da Educação Artística para as Artes Visuais, visto este subdomínio fazer parte da sua importância global e ser trabalhado e aliado aos restantes, trabalhando em simultâneo dentro do domínio da Educação Artística.

De seguida, surge a parte II onde são referidas as opções metodológicas, isto é, o paradigma da investigação em que temos em conta o tipo de investigação qualitativa, os objetivos do estudo, a caracterização da instituição e dos participantes onde esta decorreu, as técnicas de recolha, justificando as opções selecionadas, nomeadamente a observação participante e a entrevista.

Aliada a esta parte, surge a parte III onde é apresentada toda a análise dos dados recolhidos e, de seguida, contém as considerações finais com os aspetos mais positivos de todo o percurso desenvolvido e investigado, junto da resposta aos objetivos iniciais. Por fim, são evidenciadas todas as referências bibliográficas e os respetivos anexos do relatório de investigação.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A Educação Artística

Podemos referir que a Educação Artística parte de uma educação focada no desenvolvimento coerente da personalidade do indivíduo, isto é, partindo que também se interligue com as dimensões efetivas, cognitivas, sociais e motoras. “Trata-se, pois, de uma educação que proporciona uma equilibrada cultura geral, com vivências culturais no âmbito das letras, das ciências e das artes, que levará a um melhor desenvolvimento da pessoa, no seu todo” (Sousa, 2003, p. 61). Segundo Oliveira (2017), a Educação Artística trata-se da estética, confronta o caminho pessoal do ser com a diversificação das suas ideias sobre os diversos factos e sobre si próprio, “alargando das possibilidades de escolha e decisão, com implicações no desenho amplo da nossa condição da humanidade, centrando nos conceitos de liberdade e dignidade humana” (p. 17), na medida em que tudo isto dirija uma geração de indivíduos independentes, com vontade de participar e de serem responsáveis, desenvolvendo valores para o seu futuro.

Esta é imprescindível para o desenvolvimento nivelado da criança que pode promover o acompanhamento das suas dificuldades, sem se concentrar apenas em aprender a escrever, nos números ou nas ciências, e que tem pontos fulcrais de trabalho de compreensão e realização, estimulando-a no processo de conhecimento e aprendizagem para o sucesso, pois como afirma Lowenfeld (1954), “a educação unilateral, em que se dá a máxima importância à acumulação do saber, tem descuidado de muitas coisas para se adaptarem, adequadamente, ao mundo” (p. 19). A exploração das possibilidades dos vários sentidos, a capacidade de intervir, o uso da liberdade e da análise crítica, devem ser estimuladas apelando à criatividade individual da criança. As atividades nas diferentes faixas etárias devem, então, ser diversificadas e essenciais para este aspeto, na qual a Educação Artística é indispensável para uma educação integral e para a construção do indivíduo como explorador da procura, da crítica, do conhecimento partilhado e da autonomia.

Consideramos que a Educação Artística deve estar ligada à interdisciplinaridade, onde pode existir uma coesão entre as artes e as restantes áreas do saber, direcionada para a formação do ser, do seu espírito e valores, em que seja primordial o contacto com as emoções e sentimentos, aprendendo e descobrindo ao vivenciar, sentir e criar.

Para isto, é importante falar do papel das escolas e dos educadores/professores para uma dita revolução da educação no que se refere ao ensino das artes e como estas são valorizadas neste processo. Como é referido por vários autores, a educação pela arte e com a arte origina um crescimento e enriquecimento pessoal e coletivo a todos aqueles que com esta se envolvam, devendo os agentes educativos, como profissionais, de assegurar caminhos que reforçam a importância da arte no processo educativo, onde o desenvolvimento global e a criatividade da criança sejam encorajados. Como refere Eça (2010),

Na escola vive-se rotineiramente, joga-se pelo seguro, para os alunos terem bons resultados nos exames, porque a escola e a sociedade acreditam que ter resultados nos exames é um passaporte para o sucesso na vida futura. (...) Para que as escolas promovam ativamente a criatividade em cada criança, temos um grande caminho a percorrer, temos que virar tudo do avesso. E isso vai criar muitos problemas a toda a gente que trabalha no setor da educação. A criatividade requer um tipo de “espaço” raro nas escolas dirigidas por objetivos que dificilmente poderão deixar entrar o acidental das descobertas não esperadas que surgem, às vezes, quando se procuram outras coisas completamente diferentes (p.19).

No jardim de infância (JI) as crianças devem ter a oportunidade de realizar atividades desafiadoras em que se envolvam na arte, com propostas que promovam a criatividade e a sua reflexão crítica.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) contém um documento baseado nos objetivos globais pedagógicos definidos pela Lei n.º 5/97 de 10 de fevereiro que se destina a apoiar a construção e a gestão do currículo no JI, da responsabilidade de cada educador/a em colaboração com a equipa educativa da instituição.

Como designa este documento, a Educação Artística “engloba as possibilidades de a criança utilizar diferentes manifestações artísticas para se exprimir, comunicar, representar e compreender o mundo” (Lopes da Silva, Marques, Lourdes & Rosa, 2016, p. 40). Estas manifestações são meios para enriquecer as hipóteses de expressão e comunicação da criança que mantêm contacto com as mesmas até antes do JI, quando desenham, pintam, cantam ou dançam. Para desenvolver estas manifestações, consideramos relevante existir um processo educativo que englobe a expressão espontânea da criança e a intervenção do/a educador/a para encorajar a utilização de instrumentos e diferentes técnicas.

“A Educação Artística processa-se genericamente em todos os níveis de ensino como componente da formação geral dos alunos” (Decreto-Lei n.º 344/90, artigo 3.º), isto significa uma educação que deve fazer parte integrante da educação geral dos dias de hoje desde o JI.

Referimos, ainda, que as artes devem ter um papel necessário na mudança do sistema educativo, dando espaço à expressão e à diferença, devendo existir, assim, uma intencionalidade por parte dos docentes sobre a prática de atividades no Domínio da Educação Artística, onde muitas vezes não arriscam por falta de estratégias ou preparação. A criança expressa-se através da linguagem oral, desenhos, danças, dramatizações, músicas, entre outras, que devem ser estimuladas, apostando, então, na formação onde estes subdomínios sejam explorados, de maneira a que os docentes aprofundam os seus conhecimentos e reflitam sobre a sua atuação.

Existem autores que afirmam que os domínios artísticos evoluem as capacidades cognitivas sociais da criança e que se deve promover a sua prática pedagógica e desenvolver as várias linguagens expressivas, pois a criança pode descobrir, experimentar e considerar as mesmas como um dos seus motores de desenvolvimento. Tal como sustentam Godinho e Brito (2010), “a criança até aos seis anos centra os seus interesses artísticos essencialmente nos aspectos mais sensoriais e manipulativos dos materiais sonoros e plásticos e, gradualmente, nos elementos expressivos que esses materiais assumem” (p. 15). Adicionalmente, na revista Saber & Educar nº 24, a autora defende que uma escola do futuro deve permitir que todos participem na sua vida e espaços que, ao longo do tempo, deverão assumir um maior papel no mundo da educação. “Toda esta abordagem pedagógica dá origem a novos ambientes de aprendizagem necessários para orientar os alunos para um trabalho de abrangência multidisciplinar, interdisciplinar, integrador (...)” (Oliveira, 2018).

Relativamente ao termo “Educação Artística”, para Eça (2008) “as terminologias para designar a educação através da apreciação, análise crítica e produção artística, são extremamente ambíguas e conflituosas”, propondo que se abandone este termo e o termo “arte”, mas sim referir-nos ao ensino da arte, educação pela arte, através das artes ou arte–educação. Por outro lado, de acordo com a autora Oliveira (2017), a arte na educação significa perceber como esta atua sobre o saber do que o rodeia e sobre si próprio e “deste ponto de vista, uma Educação Artística atende à possibilidade de expressão e privilegia a comunicação” (p. 15).

Podemos salientar que a Educação Artística compreende uma área que leva o sujeito a questionar e a entender as diferentes formas de expressão, ou mesmo que esta pode ser a transmissão do seu conhecimento, pois consideramos a arte como o que é produzido e a Educação Artística como o ensino, isto é, não sendo a dita obra final, mas sim o que foi ensinado, as aprendizagens de técnicas, de conceitos, de cores, de materiais, entre outras.

O Decreto-Lei n.º 344/90 de 2 de novembro estabelece as bases gerais da organização da Educação Artística pré-escolar, escolar e extraescolar, definindo a implementação da mesma no sistema educativo português, referindo que

o Governo tem consciência de que a educação artística é parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa, independentemente do destino que venha a ter. A formação estética e a educação da sensibilidade assumem-se, por isso, como elevada prioridade da reforma educativa em curso e do vasto movimento de restituição à escola portuguesa de um rosto humano (Decreto-Lei n.º 344/90).

1.1. Objetivos da Educação Artística

Após a análise dos conceitos em torno da Educação Artística, verificamos que esta adota uma pertinência sobre a formação e educação da criança, tendo por base vários objetivos expostos no Decreto-Lei n.º 344/90 de 2 de novembro referido anteriormente.

O artigo 2º, pressupõe, primeiramente, o seguinte objetivo: “estimular e desenvolver as diferentes formas de comunicação e expressão artística, bem como a imaginação criativa, integrando-as de forma a assegurar um desenvolvimento sensorial, motor e efectivo equilibrado” (Decreto-Lei n.º 344/90, artigo 2º, alínea a), atendendo-se que esta comunicação não é cognitiva, mas sim a nível dos sentimentos e que a expressão e a criatividade são dois fatores fulcrais no desenvolvimento da personalidade.

Outro dos objetivos refere-se a “promover o conhecimento das diversas linguagens artísticas e proporcionar um conjunto variado de experiências nestas áreas, de modo a estender o âmbito da formação global” (Decreto-Lei n.º 344/90, artigo 2.º, alínea b).

“Educar a sensibilidade estética e desenvolver a capacidade crítica” (Decreto-Lei n.º 344/90, artigo 2º, alínea c). A formação estética é despertar o sentimento do belo, como refere Kowalski (2012), “o reconhecimento das virtudes que para as crianças advêm das possibilidades de (...) participarem na procura de sintonias, de experiências de ordem estética, construindo significados nas interações exige modos de ser educador que enquadrem esta premissa” (p. 47).

Para além dos objetivos referidos anteriormente, outro objetivo clarificado é “fomentar práticas artísticas individuais e de grupo, visando a compreensão das suas linguagens e o estímulo à criatividade, bem como o apoio à ocupação criativa de tempos livres com actividades de natureza artística” (Decreto-lei n.º 344/90, artigo 2º, alínea d). Tal como defende Sousa (2003) na sua obra, é à escola que compete proporcionar estas atividades como disciplinas/áreas integradas na organização curricular/tempos livres, promovendo atividades individuais ou em grupo.

Seguidamente, também é objetivo da Educação Artística, “detetar aptidões específicas em alguma área artística” (Decreto-Lei n.º 344/90, artigo 2º, alínea e), o que significa detetar uma vocação e dar-lhe a oportunidade de formação nessa respetiva área artística, sem derrubar essa hipótese no indivíduo porque afetará o seu equilíbrio da personalidade.

Os restantes três objetivos referidos, mais concretamente, “proporcionar formação artística especializada, a nível vocacional e profissional, destinada, designadamente, a executantes, criadores e profissionais dos ramos artísticos, por forma a permitir a obtenção de elevado nível técnico”, “desenvolver o ensino e a investigação nas áreas das diferentes ciências das artes” e “formar docentes para todos os ramos e graus do ensino artístico, bem como animadores culturais, críticos e promotores artísticos” (Decreto-Lei n.º 344/90, artigo 2º, alíneas f, g, h), referem-se à importância da Educação Artística ser implementada e à evolução da arte em Portugal que só serão conseguidas quando as artes se unirem a um nível superior para que possa, assim, vincar-se e valorizar-se no país.

Com a análise dos objetivos apresentados, é possível referir que a Educação Artística implica transmitir princípios de vida e de boas práticas às crianças, na qual, através da interdisciplinaridade, possam estimular a sua consciência crítica e que a sensibilidade permita construir identidades culturais. A educação pela arte implica, assim, que a mesma seja considerada como um meio para aprender o conteúdo de outras áreas e conseguir resultados.

1.2. A Educação Artística na Educação Pré-Escolar

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar enumera que um dos objetivos da Educação Pré-Escolar (EPE) é “desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo” (Lei nº 5/97, artigo 10.º, alínea e).

Cruzando com as OCEPE (2016), é na área de Expressão e Comunicação que se engloba o Domínio da Educação Artística e onde se deve recorrer a ações que permitam fornecer suportes para a ampliação da criatividade como procura, a descoberta de soluções e a exploração de novos mundos.

Neste documento, percebemos que a Educação Artística se encontra, então, no desenvolvimento da criatividade, do sentido estético e da apreciação de diferentes manifestações artísticas e culturais.

Necessariamente vinculada com a construção da identidade pessoal, social e cultural ao longo da EPE, a criança reforça, ainda, a sua curiosidade, a expressão verbal e não verbal, a resolução de problemas, entre outras, em que realiza uma ligação entre todas as áreas do saber no JI.

Este domínio, na EPE, integra quatro grandes subdomínios: o subdomínio das Artes Visuais, do Jogo Dramático/Teatro, da Música e da Dança. Estes completam-se entre si e são recursos que valorizam as capacidades de expressão e comunicação das crianças com as suas características específicas, de forma a estarem associados ao jogo, ao brincar ou ao lúdico, pois, nestes casos, podem manifestar como a criança vê o mundo e é a partir destes que está conectada com a criatividade.

Na EPE, é relevante falar do espaço e do ambiente educativo, uma vez que são estes que proporcionam que os aspetos referidos anteriormente possam estar integrados nas diversas linguagens artísticas. Como referem os autores das OCEPE, neste ambiente,

a organização do espaço e dos materiais da sala, a sua diversidade, qualidade e acessibilidade são também determinantes para as oportunidades de exploração e criação das crianças no domínio da educação artística. De igual modo, o espaço exterior do jardim de infância pode ser utilizado para a realização de atividades (...). As potencialidades artísticas e culturais do meio social próximo serão também rentabilizadas na educação artística e complementadas pelo contacto com outras fontes de informação (...) (Lopes da Silva et al., 2016, p. 48).

Para além do espaço e do ambiente educativo, também o/a educador/a de infância deve pensar em estratégias que permitam a abordagem da Educação Artística, de maneira a que a criança se aproprie de diferentes técnicas e conhecimentos “através da exploração, experimentação e observação, utilizando-as de modo intencional nas suas produções” (Lopes e Silva et al., 2016, p. 48), que pratique formas de expressão, relacione as técnicas, materiais e meios para recriar e que contacte com diferentes obras para desenvolver a capacidade de observação e interpretação onde compreende os seus gostos e sentimentos pessoais.

Deste modo, o contributo dos subdomínios da Educação Artística fomenta o autoconhecimento e a autoconfiança da criança, em que privilegiam a expressão e comunicação criativa, isto porque a criança é criadora, gosta de descobrir e tudo deve ser colocado em ação para favorecer essas possibilidades de criação. Por esta razão, o/a educador/a deve proporcionar experiências que possibilitem o contacto com diversas manifestações artísticas, quer mesmo de diferentes épocas, culturas e estilos, com a intenção de incentivar o espírito crítico perante diferentes visões do mundo.

“A expressão é libertadora de energias contidas, muitas vezes desconhecidas para o próprio e, portanto, incentivadora de um processo que, de um modo geral, concorre para o desenvolvimento harmónico do indivíduo e, em certos casos para a sua re-educação, re-construção” (Leite & Malpique, 1986, p. 10). Consequentemente, pela perspectiva dos autores, voltamos a entender que esta expressão artística pode contribuir para o apuramento da sensibilidade, desenvolvendo possibilidades cognitivas, afetivas e expressivas, bem como de criação, reflexão e compreensão que contribuem para construção da identidade pessoal e social e o conhecimento de diferentes culturas.

As práticas educativas na EPE devem prestar atenção a fatores como, para além da importância da criação de espaços e ambiente educativo referidos anteriormente, desafios educativos em que a criança desenvolva o seu potencial em toda a sua medida, sendo essencial fornecer à criança, nesta etapa, o apoio para que desenvolva a imaginação e a descoberta de exploração de diferentes perspetivas.

Ao longo do seu percurso na EPE, as diferentes formas de expressão estão presentes nas crianças, bem como antes de entrarem para o JI, pois são inúmeras as oportunidades de desenhos, pinturas, canções, danças, quer no meio familiar, ou mesmo em distintos contextos onde possam estar inseridas e caso este contacto não exista, é o papel do JI fornecer estas primeiras ocasiões. No entanto, deve existir um primeiro contacto, mas um desenvolvimento gradual dessas formas de expressão, implicando um processo educativo, ou seja, um acompanhamento gradual que incentive a criança a conhecer instrumentos e técnicas, o que supõe não só a sua expressão espontânea, como também a fulcral intervenção do/a educador/a.

Confrontando com as OCEPE, esta intervenção deve surgir do que as crianças já conhecem e do que são capazes de fazer, do seu prazer em explorar, manipular, transformar, criar, observar e comunicar. Tendo assim como objetivo, proporcionar experiências e oportunidades de aprendizagem diversificadas que ampliam a expressão espontânea das crianças e que garantem o direito no acesso à arte e à cultura artística.

2. As Artes Visuais

A investigação do presente relatório foca-se no subdomínio das Artes Visuais que, como referido no ponto anterior, pertence ao Domínio da Educação Artística, e constata-se a importância de partir de um enquadramento teórico focado, primeiramente, neste domínio, partindo para as Artes Visuais no presente capítulo, percebendo como educar um grupo de crianças e contribuir para a sua capacidade de aprender e para o seu equilíbrio emocional, utilizando as Artes Visuais como meio de expressão, comunicação e aprendizagem daquilo que satisfaz os seus interesses de uma forma criativa através do contacto e manipulação de diversos materiais.

Introduzindo este tema, “as Artes Visuais são formas de expressão artística que incluem a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura, a fotografia e outras, que, sendo fundamentalmente captadas pela visão, podem envolver outros sentidos” (Lopes da Silva et al., 2016, p. 49). Podemos referir que as Artes Visuais expressam, através dos materiais, o pensamento do ser humano, como as suas emoções, histórias ou imaginação. Este ensino é fulcral para a formação do ser e é através da criação artística que acontece esta aprendizagem.

“No he podido localizar ni un solo test publicado que esté disenando especificamente para valorar la actitud del estudiante hacia las artes visuales” (Eisner, 2005, p. 127). É, assim, relevante que a criança tenha oportunidade de aprender através de múltiplas sensações, tais sensações que podem ser proporcionadas pelas Artes Visuais, ativando os seus cinco sentidos, através de atividades com este subdomínio como recurso pedagógico que estimulem experiências que integram vários sentidos em simultâneo.

No JI, diariamente, as crianças lidam e exploram diferentes materiais para desenhar ou pintar, o que leva a que, ao longo do tempo, desenvolvam a sua imaginação e as suas criações com esses mesmos materiais, repensando o seu acesso aos mesmos, a sua diversidade como, por exemplo, “ (...) papel de diferentes dimensões e texturas; tintas de várias cores; diferentes tipos de lápis como pastel seco, carvão, barro, plasticina e outros materiais moldáveis; etc.” (Lopes da Silva et al., 2016, p. 49). Para além disto, podem utilizar materiais de uso utilitário ou reutilizáveis com novas funcionalidades, dialogar sobre as suas produções e as dos colegas, imagens, museus, obras de arte, entre outras.

Nas OCEPE (2016), concluímos, também, que os elementos expressivos devem ser explorados e variados, tais como: a cor, a textura, as formas geométricas, as linhas, as tonalidades, a figura humana e a desproporção e a proporção natural.

Estes elementos expressivos levam a criações que a criança analisa e reflete, suscitando a vontade de criar mais, conversar, fazer novas descobertas e, concretizando estes aspetos, concebe novos conceitos, experiências e fortalece o seu sentido estético com as várias técnicas, entre o contacto com modalidades das Artes Visuais e em diferentes contextos, seja dentro ou fora do JI.

Sousa (2003) defende que as Artes Visuais proporcionam uma atitude pedagógica diferente, “não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades” (p. 160). Isto significa que podem apresentar grandes oportunidades de desenvolvimento na aprendizagem da criança, ou seja, ampliam o conhecimento do mundo em que está inserida, as suas habilidades e a descoberta das suas potencialidades, uma vez que estão presentes nas rotinas das crianças quando se expressam, comunicam ou demonstram sentimentos, por diferentes meios referidos pelo autor.

Pode levar a uma mudança educativa que se resume à expressão e à diferença, dado que é fornecida uma maior liberdade à criança para que aprenda numa lógica mais aberta e menos ligada aos “números e às letras”. É fulcral que na sala do JI, o grupo de crianças lide com obras de arte presentes continuamente e à sua disposição, também, com o intuito de desenvolver a apreciação crítica, interpretando e descobrindo.

2.1. Educação pela Arte

Primeiramente, é importante referir a opção de partir deste ponto, visto ser um conceito aliado aos dias de hoje, fundamentando e partindo desta noção que não se foca num método que tem a intenção de ensinar às crianças, em exclusivo, mas sim conceitos em torno da arte, histórias, vidas de artistas ou de impor técnicas de produção artística.

Começamos a ouvir o conceito “Educação pela Arte” que foi desenvolvido pelo crítico Herbert Read, esforçando-se por dar visibilidade ao papel das artes na educação, defendendo que a criança é uma artista das suas capacidades e que estas devem ser estimuladas.

Segundo o autor, “a arte, como quer que a definamos, está presente em tudo o que fazemos para agradar aos nossos sentidos” (Read, 2010, p.28). Isto significa que é através dos nossos sentidos que observamos e sentimos a arte, tomando consciência de que podemos ir mais além de tudo o que somos, sentimos, ouvimos, vemos ou pensamos como seres humanos.

Sousa (2003) garante que a arte e a educação têm o mesmo significado, significados esses que “andam extremamente unidos quanto aos seus propósitos e quanto às suas metodologias” (p. 79), referindo, também, que Herbert Read provou em 1942 que a arte deve mesmo estar na base da educação para a paz, com a sua obra *Education Through Art*, ligando esta paz aos momentos que viveu na 2ª Guerra Mundial.

“A resposta da mente a qualquer acto de percepção não é um acontecimento isolado: faz parte de um desenvolvimento serial, tem lugar dentro de uma completa orquestração das percepções dos sentidos e das sensações e é controlado – dado o seu lugar dentro do modelo - por aquilo a que chamam sentimento” (Read, 2010, p. 53), o que exprime a ideia que, através da assimilação de estímulos, a criança imagina, imite expressões ou remete o seu pensamento e que entre os sentidos referidos anteriormente e a arte, existem incentivos que envolvem ações e relações diárias.

No campo da Educação através da Arte, na prática pedagógica, a Educação pela Arte centra-se na criatividade e devemos referir-nos à mesma que, para Kowalski (2012), ao ser pensada na perspetiva da educação estética, revela possibilidades que renovam as crianças em desafios para a EPE. Trata-se mesmo de uma capacidade cognitiva que permite à criança a possibilidade de inventar e projetar, em que a palavra “criação” pode mesmo ter dois sentidos: o ato de realizar uma ação criativa através de pinturas, desenhos, modelagens, etc, ao longo da sua expressão artística e a obra criada, o produto final em si. Read (2010) afirma que “a forma de uma obra de arte é a configuração que tomou. Não importa se é um edifício, uma estátua, um quadro, um poema ou uma sonata – todas estas coisas tomaram uma configuração particular ou «especializada» e essa configuração é a forma da obra de arte” (p.29).

Podemos considerar, assim, a arte como um espaço onde, acima de tudo, é privilegiada a criação e a liberdade, em que uma educação pela arte passa por um despertar de sensibilidades, potencialidades artísticas e criativas. A educação pela arte parte, então, da arte como meio de educação e de formação estável da personalidade da criança, admitindo uma relação harmoniosa entre esta e o mundo exterior, de maneira a construir a sua personalidade e a ser autónoma. Ou seja, o objetivo não é ensinar arte, mas sim utilizar a mesma como meio condutor de promover a educação, onde podemos utilizar, assim, o termo “Educação pela Arte”.

Para Eça (2008), ainda existem pessoas que podem separar as artes a partir de outros meios de finalidades, “mas, hoje em dia, não é mais possível fazer separações de meios, porque as artes se interpenetram, se misturam e saltitam entre áreas” (Eça, 2008).

Na revista de Educação, Ciência e Tecnologia, determinamos que

as propostas sobre a relação entre arte e educação, consensuais até há pouco tempo, não satisfazem mais as expectativas de uma educação que enfrenta a heterogeneidade do saber, da sensibilidade e da experiência contemporânea. Assim, os princípios pedagógicos até agora hegemônicos, que informavam sobre as concepções e práticas da arte na educação, demonstram-se insatisfatórios (Oliveira, 2016).

A arte continua a ser vista como pouco apta no contexto dos sistemas educativos e esta preocupação fez a autora refletir sobre, também, no papel da formação inicial dos docentes na sociedade contemporânea que se encontra sempre em transformação e em clarificar qual a concepção e as práticas de arte que sensibilizam esta questão. Esta ideia, para a autora, trata-se “de pensar as questões educativas com base na atualidade, da qual somos contemporâneos, pois ela determina em grande parte o que somos, pensamos e fazemos hoje, mesmo que insuficiente para dar conta da indeterminação da experiência contemporânea” (Oliveira, 2016).

As Artes Visuais tornam-se uma grande dinamização na área da educação, impondo formas de expressão e competências na EPE que devem ser desenvolvidas na criança e que exige um papel e uma postura do/a educador/a, sendo estes os aspetos fundamentais a serem referidos de seguida.

2.1. A Arte como forma de expressão

“Educar uma criança através da Arte não só contribui para o seu equilíbrio emocional, como também aumenta a sua capacidade de aprender” (Oliveira & Santos, 2004). As autoras defendem que a criança deve exercitar os sentidos, para maior ser a capacidade de aprender, uma vez que os conhecimentos começam por uma exploração sensorial e o contacto com os materiais permite que encontre o seu equilíbrio.

A oportunidade de a criança se exprimir através da arte deve ser tomada por si, em que seja capaz de satisfazer os seus próprios interesses e de fazer sentido para si mesma, uma vez que, segundo Oliveira & Santos (2004), a arte pressupõe vários objetivos pela sua “função cultural e educativa”, tais como estimular a personalidade aumentando a sua autoconfiança, prevenir e atuar sobre perturbações com diferentes materiais que a motivem, desenvolver a comunicação representando aquilo que sente e fortalecer a socialização onde as atividades em volta da arte permitem as trocas de ideias entre um grupo e podem mesmo combater o isolamento por parte de uma criança.

Eça (2008), no seu artigo da Revista Digital do LAV, acredita que é permitido as crianças e jovens construírem a sua identidade, “para lhes proporcionar o desenvolvimento dos seus potenciais, das suas inteligências e para os ajudar a adquirir valores éticos sólidos, de maneira para a exercer o seu direito à cidadania” (p.6).

A arte como forma de expressão está ciente quando a criança desenha ou pinta, visto que não o faz com o propósito de criar algo para ser avaliado, mas sim com o objetivo de criar o desenho ou a pintura, ou seja a sua “obra”, e também uma libertação dos seus pensamentos e ideias mais profundas. O foco principal não deve estar como a criança concebe a sua criação, mas sim que a crie, a sua expressão ao longo do trabalho, e não apenas o produto final, avaliando as suas técnicas e perspectivas.

É marcante que observemos o trabalho da criança como algo sério e dar o espaço necessário, pois a mesma expressa-se livremente e é o principal elemento dos seus próprios atos, elevando, para além da sua autoconfiança, também o seu papel de responsabilidade.

Através desta expressão livre, não só incentiva a sua imaginação e sentimentos, como desenvolve um autoconhecimento e aprende a conhecer o próximo, analisando como cada pessoa se exprime e, também, unindo esses sentimentos ao pensamento, em que a criança

sente, pensa e “diz” para além das palavras, aprendendo por si com os outros as coisas, as situações, as cores, as formas, as palavras, as sonoridades, os gestos, o movimento, as imagens, em situações que vão da fruição à expressão e à comunicação criativas, em estreita cumplicidade com a experiência estética, continua a ser uma caminhada aliciante (Kowalski, 2012).

A criança deve trabalhar, como áreas dominantes, as explorações plásticas bidimensionais e tridimensionais e as tecnologias da imagem, designadas pelas competências essenciais da cultura visual. “Estamos na era em que a cultura visual «enche» a nossa vista de símbolos, signos e sinais que para se entenderem necessitam ser decodificados” (Oliveira, 2007).

A primeira, a exploração plástica bidimensional, acontece quando a criança entra em contacto com diversos materiais, desde aquarelas, lápis de cor, pincéis, entre outros e, com estes materiais, possa desenvolver competências como, por exemplo, com a pintura, em que favorece a sua coordenação motora ou perceção espacial, desenvolve sensações de tranquilidade e de autoestima. Tudo isto, aplicando técnicas, como a estampagem, pintura com mãos, rasgar, recortar e colar, sendo este último um dos mais utilizados no JI.

De seguida, a exploração plástica tridimensional, decorre das necessidades das crianças pelo poder da manipulação, ou seja, mover ou moldar um objeto, tornando-se essencial para a competência do desenvolvimento motor e até para a motricidade fina. Nesta exploração plástica tridimensional, podemos referir técnicas como a modelagem e processos de escultura, através da utilização de materiais reutilizáveis, apelando a esta prática, com materiais como madeira, cerâmica, barro, pedra, plasticina, metais, paste de moldar, plásticos, entre outros, que podem ser encontrados em volta da criança que, assim, aposta no conhecimento e na oportunidade do seu meio envolvente.

2.2. As Artes Visuais na Educação Pré-Escolar

É na EPE que o ser começa parte do seu desenvolvimento, uma vez que educar não começa apenas na chegada ao JI, mas é nesta fase que se devem criar objetivos e orientações que forneçam à criança as oportunidades de explorar, conviver e brincar. As OCEPE foram criadas pelo Ministério de Educação (ME), nesta visão do desenvolvimento da criança a vários níveis, cognitivo, social, motor, estando na base do desenvolvimento de aprendizagens essenciais que podem advir desde o nascimento e, no início deste contexto, serem fortalecidas.

Como referido anteriormente, o Domínio da Educação Artística insere-se, neste documento, na Área de Expressão e Comunicação que se distingue, para além deste, por mais quatro diferentes domínios (Educação Física, Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Matemática).

Nesta área insere-se, então, o Domínio da Educação Artística implementando o subdomínio das Artes Visuais. É uma área mais prática e mais artística, dado permitir à criança dominar e utilizar o seu corpo, contactando também com diferentes materiais que possibilitam explorar, manipular e transformar.

Na EPE, as crianças estão em idade de terem uma grande capacidade de representar o seu conhecimento do mundo por diversas modalidades, utilizando tipos de linguagem, como o desenho, a modelagem ou até mesmo ações de imitação, em que devem trabalhar, como áreas dominantes, as explorações plásticas bidimensionais e tridimensionais explicadas no ponto anterior, ou mesmo as tecnologias da imagem.

Ao desenvolver atividades focadas neste subdomínio, a criança desenvolve, não só o conhecimento e o prazer de trabalhar com determinados materiais, como também a motricidade fina aprendendo a controlá-la, tal como a aquisição da autonomia, dado que aprende de forma progressiva a ultrapassar as suas dificuldades.

Aprende, também, a escolher os materiais necessários a utilizar na sua produção e, desta forma, desenvolve a capacidade de descoberta e de aprender sozinha. Atividades com as Artes Visuais como recurso educativo podem ser analisadas mais tarde, de modo a perceber a evolução do grupo, servindo até mesmo para transmitir a encarregados de educação e à comunidade educativa o trabalho desenvolvido.

2.2.1. Competências das Artes Visuais

De acordo com o Departamento de Educação Básica, a capacidade de mobilizar conhecimentos e capacidades várias, articulá-los e usá-los adequadamente face a uma situação (interpretando e adequando esse conjunto de elementos mobilizados e integrados à especificidade do contexto – não sendo, portanto, uma simples aplicação, mas uma construção) é o que constitui a essência da competência. É a finalidade da EPE em organizar um conjunto de experiências a partir das quais as crianças aprendam, desenvolvendo competências pessoais e sociais.

Focando-se nas Artes Visuais, as competências a adquirir pelas crianças, referidas nas OCEPE (2016), centram-se, essencialmente, em:

- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas;
- Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa;
- Apreciar diferentes manifestações de artes visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas (pintura, desenho, escultura, fotografia, arquitetura, vídeo, etc.), expressando a sua opinião e leitura crítica (Lopes e Silva, 2016, p. 50).

“Esta área é entendida como uma linguagem própria, autónoma, composta por um código específico que deve ser trabalhado com as crianças a fim de desenvolver diversas competências” (Oliveira, 2007). Nas Artes Visuais, a criança, ao criar, interliga o conceito de criatividade, sendo essencial estimular e trabalhar esta capacidade, justificando-se por esta ter um grande efeito no grupo, tornando-se uma competência fulcral para que a criança confie nas suas potencialidades.

Segundo Sousa, “a criatividade é uma capacidade humana, uma capacidade cognitiva que lhe permite pensar de modo antecipatório, imaginar, inventar, evocar, prever, projectar e que sucede internamente, a nível mental, de modo mais ou menos consciente e voluntário” (p. 169). O autor defende que, com o contacto das artes, a criança para além de desenvolver a criatividade, pode aprender sozinha e ter as suas opiniões e valores.

Para Kowalski (2012), “pensar a criatividade, na perspectiva da educação estética, tem-nos revelado possibilidades que vêm renovar crenças em desafios para a educação de infância” (p.47).

Nas Artes Visuais, como no desenho, é possível desenvolver outras competências na criança, tais como a autoexpressão, permitindo, também, que atue de modo afetivo com o mundo que a rodeia, isto é, apresentar a sua opinião sobre a sua criação e as dos colegas, através de técnicas diversificadas, utilizando diferentes cores, tamanhos, símbolos, formas, entre outras.

Também contribuem para o desenvolvimento motor, para o desenvolvimento cognitivo, ampliando as destrezas cognitivas, e para o desenvolvimento social, pois ajuda a criança a participar e a experienciar sentimentos e emoções que também colabora com o grupo no caminho das suas criações artísticas. O recorte e colagem exercitam a mente e promovem o desenvolvimento da coordenação motora e a sobreposição de colagem de figuras ajuda a melhorar as suas noções de orientação espacial. Também ao pintar, a criança desenvolve-se a nível motor, afetivo e social, ao interpretar obras dos artistas, recriar, tudo isto pelo poder da observação, sendo estímulos que dão a oportunidade de transformar, de reutilizar e de criar elementos, cores, formas, machas. A modelagem, é uma atividade naturalmente sensorial, em que a criança evidencia melhorar, também, a sua motricidade.

Neste sentido, segundo Oliveira (2007), “se considerarmos que a arte enquanto objecto de estudo, estimula a percepção visual através da observação de obras de arte e desenvolve a expressividade e a criação artística nas crianças, não nos restam dúvidas de que a arte é algo educável”. Acreditamos que a educação em torno das Artes Visuais, num processo contínuo no caminho da criança, tenha implicações no desenvolvimento estético-visual da mesma.

2.2.2. O papel do/a educador/a de infância

Analisando o Decreto-Lei nº241/2001 de 30 de agosto, no capítulo II, Anexo I, que aprova os perfis específicos de desempenho profissional do educador/a de infância, na EPE,

“o educador de infância concebe e desenvolve o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas” (Decreto-Lei nº241/2001 de 30 de agosto).

É, então, importante a sua capacidade de observar, planificar e de avaliar, em que observe cada criança com visão pela sua participação ativa na planificação, analisando as competências adquiridas. Também é fulcral pensar no ambiente educativo e que este se encontre à disposição da criança para aprender a criar e a observar mudanças.

Segundo Lopes e Silva et al. (2016), os materiais, relativos às Artes Visuais, devem encontrar-se completamente disponibilizados na sala para a sua utilização, dado que a sua diversidade, qualidade, a disposição e acessibilidade são fatores fulcrais, “permitindo que a criança desenvolva o processo expressivo ao seu ritmo, incluindo retomar o trabalho em diverso(s) momento(s), até que o considere terminado” (p. 51).

As atividades planificadas neste subdomínio podem ser propostas pelo/a educador/a ou partir da iniciativa das crianças, em que o tempo deve ser flexível. Segundo Sousa (2003), os educadores devem

estimular a criança nas relações com o ambiente; apreciar os trabalhos artísticos da criança de acordo com os seus próprios méritos; encorajar o espírito de liberdade, que nasce da própria necessidade da criança se expressar por si mesma; deixar que a criança desenvolva a sua própria técnica através da experimentação (Sousa, 2003. p. 182),

sendo importante que o/a educador/a se preocupe em não influenciar negativamente o trabalho da criança, sempre com reforços positivos e forneça o espaço suficiente, para que esta possa desenhar o que gosta e não o que o adulto exige.

Deve, então, selecionar obras de arte ou locais a visitar, associados a diferentes manifestações das artes visuais, permitindo que a criança explore tudo isso. O/a educador/a, também, deve expor os trabalhos das crianças “envolvendo-as na sua escolha e na definição de critérios estéticos da sua apresentação” (Lopes e Silva et al. (2016, p. 51), dialogando sobre estes trabalhos e durante as suas realizações, comentando com a criança e fornecendo sugestões de melhoria. É essencial, também, que forneça oportunidades de observação de outras formas visuais, ou seja, diversas culturas e tradições, e de modalidades expressivas em diferentes contextos.

Para proporcionar ainda mais as Artes Visuais, o/a educador/a deve usar os conceitos que estão ligados à mesma de uma forma natural, promovendo a sua utilização com outras áreas ou domínios. “A própria opção por esta ou aquela linguagem artística pode ser feita com base nos objetivos do educador, não somente pela afinidade do realizador” (Villaça, 2014). O cuidado com que o/a educador/a aborda um novo tema, os materiais envolvidos, a forma como explica o que se pretende daquele momento e, também, o modo como observa todo o processo de aprendizagem em torno da atividade e os produtos finais das crianças, tudo isto leva a crer que influencia a motivação.

Neste sentido, importa destacar Gonçalves (1991), que nos mostra que muitas vezes a atitude do/a educador/a paralisa e retarda a evolução plástica da criança:

A necessidade de ter uma “ideia” ou um “assunto”, antes e começar a pintar, deriva de um hábito que vem de outras disciplinas escolares, onde o assunto, previamente determinado, tem um valor absoluto, é a unidade de medida, é o denominador comum, em função do qual o trabalho do aluno é medido, apreciado e corrigido. Ora, nas atividades espontâneas, como a pintura livre, o tema não é dado, nem imposto, nem necessariamente obrigatório, nem tampouco unidade de medida ou denominador comum para a apreciação do trabalho realizado. Esses limites condicionariam a própria liberdade de expressão, sendo esta faculdade que importa estimular e desenvolver. Assim, a criança é livre de escolher o seu tema e fá-lo naturalmente, visto que o tema está sempre nela (são as suas aspirações e preocupações dominantes), exprimindo-o ludicamente ao agrado da sua própria imaginação. Por vezes, um pormenor plástico (uma cor, uma linha) é pretexto para desenvolver uma pintura que acaba por narrar uma pequena história ou exprimir em imagem plástica um estado de alegria, de tristeza, ou de serenidade (p. 12).

Tem de se envolver no processo de descoberta da criança, questionar, alertar e desprezar preconceitos, abrindo a mente para novas ideias e novos instrumentos, não só compreendendo a criança, mas também vivenciar as diferentes linguagens da sua arte. Na EPE, o/a educador/a influencia as crianças a todos os instantes com as atividades em torno da arte. Neste aspeto, contribui para o desenvolvimento da autoestima e da expressão artística da criança, com novos desafios no seu ambiente educativo proporcionado.

Para além das competências referidas, é importante mencionar que as Artes Visuais, salientam, também competências fulcrais no/a educador/a, destacando as palavras de Gloton e Clero (1976), uma

sensibilidade perante o mundo, fluidez e mobilidade de pensamento, originalidade pessoal, aptidão para transformar as coisas, espírito de análise e de síntese, capacidade de organização coerente, tais parecem ser (...) as qualidades fundamentais do criador (p. 119).

Deste modo, o/a educador/a deve apostar na sua formação para que, através deste subdomínio, proporcione estratégias em que distingue as dificuldades das potencialidades das crianças, daí ser importante o registo/avaliação contínuo/a das crianças ao longo da atividade, pois são muitas as vezes, como no desenho, consideradas análises dos conhecimentos que as crianças adquiriram.

“O Educador não é, faça o que fizer, um exemplo para os que rodeiam?” (Stern, 1977, p. 149).

3. Metodologia de Trabalho de Projeto

Parte da investigação do presente relatório focou-se na observação participante de atividades implementadas em torno do projeto da sala de um grupo de 5 anos da EPE. Repensamos que é importante descrever este conceito, visto que foi um caminho totalmente interligado com o subdomínio das Artes Visuais que enriqueceu o grupo e a equipa pedagógica, tornando numa das razões principais da motivação para a escolha deste tema do relatório.

John Dewey (1968) emergiu alguns pressupostos da metodologia de projeto fundamentadas na liberdade de expressão da criança no seu processo de ensino-aprendizagem, isto significa, no seu principal interesse como criador dos trabalhos e das aprendizagens formais com que a criança lida ao estar na EPE.

Esta metodologia centra-se nos interesses das crianças como um caminho fundamental para desenvolver a sua autonomia e participação que torna o grupo ativo nas suas aprendizagens, visto que, é com as crianças que surge a motivação das temáticas que, a partir daí, surgem as problemáticas. Podemos referir que esta metodologia é criada como uma ferramenta de resposta às escolhas e competência das crianças.

A criança, em trabalho de projeto, é vista como um ser competente e capaz que investiga o que escolhe para realizar as suas pesquisas, um princípio que vai de encontro aos princípios base das OCEPE (2016), em que as suas características intrínsecas e, também, “do seu processo de maturação biológica e das experiências de aprendizagem vividas, faz de cada criança um ser único, com características, capacidades e interesses próprios, com um processo de desenvolvimento singular e formas próprias de aprender” (Lopes e Silva et al., 2016, p. 8).

A mesma deve prever algo a realizar e deve seguir vários sentidos conforme o seu interesse e dos colegas, de modo que, primeiramente, exista um porquê, seguido de um para quê e como. Para além de ser importante a comunicação entre o grupo para decidirem mutuamente, este caminho deve traçar uma flexibilidade, pois, visto que se trata de uma construção gradual, essa flexibilidade permite adaptar os meios utilizados ao longo do projeto. Para Teresa Vasconcelos (1998), no período do porquê, parte da previsão como ponto de partida, isto é,

uma situação que se pretende modificar, um problema que é necessário resolver, uma intenção, uma curiosidade ou um desejo de realizar qualquer coisa que se traduz na decisão de desencadear um processo. Esta intenção de mudança ou realização corresponde ao “*porquê*” do projecto, à sua razão de existir (p. 93).

De seguida, ao pensar para quê, a criança antecipa uma ideia no desenvolvimento do projeto, isto é, do que se quer “modificar na situação, das formas de encontrar resposta ao problema, de onde nos levará a realização da intenção ou o desejo” (p. 93). Após este período, acontece uma previsão do processo “para se chegar onde se pretende, o que implica “*como*” atingir o resultado do seu desenvolvimento” (p. 93).

Por conseguinte, o trabalho de projeto permite que a criança desenvolva o seu poder de investigação, o seu espírito crítico, a partilha, aprenda a delinear as suas próprias atividades, manifeste opiniões e soluções, levante questões e, igualmente, permite avaliar o seu processo realizado e o produto final, desenvolvendo assim uma capacidade de resolução de problemas.

Kilpatrick (1918) refere, tal como John Dewey, vários pressupostos da metodologia do trabalho de projeto e que alguns projetos “podiam favorecer a fruição estética, outros a resolução de problemas, ou mesmo a aquisição de competências (citado por Vasconcelos, 1998). Tal como referido, o autor defende esta pedagogia de projeto implicando flexibilidade, inflexões e mudanças e reformulações ao longo do processo.

Corresponderá, então, a uma iniciativa das crianças, tendo como ponto de partida os seus interesses ou decorrendo de uma situação imprevista que desperta a sua curiosidade. Leite, Malpique & Santos citam que o trabalho de projeto é “uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes, envolvendo trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder aos problemas encontrados” (citado por Vasconcelos, 1998).

Teresa Vasconcelos (1998), diz-nos, ainda, que o projeto de sala se divide em 4 fases, nomeadamente a Definição do problema, Planificação e lançamento do trabalho, Execução e Avaliação/Divulgação. Desta forma, podemos falar em Projeto, ligado, também, ao brincar, jogo e ao pensar, passando a ser este o foco nos pontos seguintes.

3.1. Definição do problema

Numa primeira fase, as crianças fazem perguntas. Um projeto pode ser iniciado com um objeto novo da sala, uma história ou uma situação problema. A instituição inseriu no ginásio dois novos espaços destinados a aulas de música e trabalhos manuais e a educadora do grupo, no início do ano letivo, explicou para que serviriam estes espaços, frisando que um deles seria para trabalhos relacionados com a arte.

Ao questionar áreas de interesse e ideias para o projeto para decorrer ao longo do ano, as crianças referiram em viajar pelo mundo e demonstraram interesse pelo Egípto, até que uma das crianças, após se lembrar do assunto relativo ao novo espaço, questionou “então e se fosse sobre arte?”, na qual o grupo evidenciou entusiasmo.

As crianças falaram sobre descobrir pintores e que artes existem, isto porque “as crianças partilham os saberes que já possuem sobre o assunto a investigar” (Vasconcelos, 1998, p. 140). Para dar seguimento a este interesse, o grupo ouviu a história do “Artur faz Arte”, em que todos sentiram que seria este o caminho em aprofundar ainda mais o tema, demonstrando interesse e falando sobre arte enquanto brincavam. É importante dar espaço às crianças no que toca à escolha do tema do projeto, isto é, o grupo evidencia o seu interesse e o papel do profissional deve-se focar na orientação e na disponibilização de espaços e materiais para fornecer às crianças a oportunidade de explorarem um assunto que querem aprender mais.

3.2. Planificação e lançamento do trabalho

Nesta segunda fase, analisamos o que as crianças queriam fazer e decidiu-se por onde começar, como fazer e dividir tarefas. O grupo começou a tomar orientação do caminho que pretendia seguir, o que fazer, por onde começar e como fazer. Iniciou-se o tema através de pesquisas em casa com os pais e várias crianças começaram a trazer as pesquisas solicitadas sobre a temática que foram afixadas num mural de uma das paredes da sala, tendo sido muito interessante ver o quão entusiasmadas estavam com as mesmas. É importante registar como, através do projeto, devemos inserir a família no trabalho que decorre dentro da sala, de maneira a que os pais se sintam familiarizados com o contexto onde os educandos estão inseridos.

Katz e Chard (1977), defendem que o/a educador/a pode ajudar o grupo a “elaborar uma “teia” ou uma “rede” (citado por Vasconcelos, 1998). Dia 7 de novembro de 2017, iniciamos a construção da teia do projeto presente na sala, na qual o grupo denominou o projeto por “As Nossas Artes” e, mais tarde, quando para além das obras de arte também quiseram conhecer a arte pelos países, chamaram “As Nossas Artes & À Procura dos Museus do Mundo”, conhecendo artistas e os países de cada um deles.

Foram traçados vários parâmetros nesta teia: “as nossas pesquisas” com fotografias das pesquisas solicitadas; “o que queremos?” com comentários escritos feitos pelas crianças sempre que se reuniam em torno da teia com a equipa pedagógica, com o intuito de discutir e partilhar ideias em torno do projeto, tais como por exemplo:

- “Fazer escultura”;
- “Fazer uma montagem fotográfica com as nossas caras”;
- “Escolher a próxima pintura com um gráfico e votar”;
- “Fazer uma galeria de Arte/Museu chamada Artes Mágicas na sala”.

Outro parâmetro da teia centrou-se em “o que já sabemos?”, em que o grupo citava tudo aquilo que aprendia e desenvolvia ao longo do projeto sempre que se reuniam, tais como:

- “A Arte não é só uma coisa”;
- “A Arte não é só pintura”;
- “A Arte também é escultura”;
- “Tirar fotos também é Arte”;
- “Picasso, Matisse, Van Gogh, António Pedro, Miró, Goya, Salvador Dalí, Da Vinci, Andy Warhol ou Monet são os pintores e artistas que nós já conhecemos”.

De seguida, a teia apresentou as “atividades” e “o que já fizemos?”, isto é, fotografias e comentários de todas as atividades desde o início ao final do projeto, para que o grupo lidasse e recordasse com a sua história e para partilhar estes momentos com os pais que, também, tinham o seu parâmetro “participação dos pais”, para que pudessem escrever ideias e temas a desenvolver. A teia serve para a criança ter presente na sala aquele que será o seu trabalho ao longo do ano e tentar sempre escrever e registar na mesma em assembleias de grupo quando realizado algo mais sobre o projeto, sendo esta sempre em volta e decidida pelas crianças.

3.3. Execução

Na fase de execução as crianças “preparam previamente aquilo que pretendem saber, que perguntas desejam fazer” (Vasconcelos, 1998, p. 142).

Sempre foi o grupo a escolher o que queriam trabalhar, através de pedidos diretos ou votações em gráficos e pictogramas, pois deve ser tido em conta que este trabalho pertence ao grupo e devem ser as crianças, também, a escolherem o fio condutor das atividades. Ao longo dos meses, decidiram explorar vários artistas e as suas obras. Na primeira parte “As Nossas Artes”, foi criado o Museu Artes Mágicas na sala e começaram por explorar Henri Matisse trabalhando “O Caracol”, “A Dança” e “La Gerbe” e realizaram “esculturas” após a Hora do Conto do “Lobo que queria ser artista” com massa *biscuit*, conheceram Pablo Picasso e o seu autorretrato e, mais tarde, Joan Miró com as suas obras “Luva Branca” e “A Mulher à frente do Sol”.

Numa segunda parte “As Nossas Artes & Á Procura dos Museus do Mundo”, as crianças pediram para conhecerem museus do mundo e vários artistas ligados aos seus países naturais: Espanha com Salvador Dalí, Portugal com Almada Negreiros, França com Claude Monet e Goya, México com Frida Kahlo, a Arte Angolana e os Estados Unidos da América com Andy Warhol. “Durante esta fase as crianças desenhavam, pintavam, discutem, dramatizam, escrevem, recolhem dados e informação, contam, medem, calculam, (...) desenhavam diagramas, fazem gráficos, anotam observações (Vasconcelos, 1998, p. 143). Com tudo isto, as crianças pediram para ver museus verdadeiros e, quando criado o museu na sala, visitaram o Museu Nacional Soares dos Reis e registaram e afixaram a visita na sala onde observamos uma exposição de Almada Negreiros e, no final do ano, visitaram, também, o Museu de Serralves conhecendo uma obra de Ana Manso e a participação na oficina “Tinta à Solta”.

As crianças trabalharam a sua autonomia, onde, no início do mesmo, escolheram o tema sobre Arte e muitas crianças trouxeram objetos ou livros de casa sobre a temática que escolheram trabalhar de forma autónoma para partilhar com os colegas. Para além disso, quando a teia do projeto foi criada, as sugestões do parâmetro “o que queremos fazer?” foram ditas pelas crianças e também pediram a criação de um museu na sala, de forma autónoma, junto da opinião e escolha da exposição dos trabalhos nas paredes, onde muitas vezes as crianças tiveram a capacidade de dizer “não”.

Para além de referir os termos da motivação e participação, é importante referir que quando as crianças realizavam votações para decidirem em grande grupo qual o próximo artista/obra a trabalhar, para que pudessem chegar a um acordo, evidenciavam interesse e autonomia nesta decisão pelo voto, tal como a preservação, neste caso, dos materiais utilizados ao longo das atividades.

Focando o subdomínio das Artes Visuais, o principal aspeto em torno do projeto ao longo do ano letivo, cada criança, no final do projeto, apresenta várias aprendizagens adquiridas presentes nas OCEPE e referidas no ponto das Artes Visuais na EPE, desde desenvolver capacidades expressivas e criativas, a reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual e a apreciar diferentes manifestações de artes visuais. Este subdomínio foi o mais aprofundado ao longo do ano, pois o projeto é relacionado com arte e as Artes Visuais funcionou como ferramenta, conhecendo novos materiais, artistas, desenvolvendo a criatividade, expressão e manifestações artísticas. As visitas de estudo ao Museu Nacional Soares dos Reis e ao Museu de Serralves, permitiram desenvolver todos estes aspetos e a apreciação da arte, lidando com a realidade e transportá-la para o decorrer do trabalho.

3.4. Avaliação/Divulgação

Como explica Teresa Vasconcelos (1998), ao divulgar o seu trabalho a criança tem de fazer a síntese da informação adquirida para a tornar apresentável a outros. “Tem, também, que socializar os seus novos conhecimentos, o seu saber, tornando-o útil aos outros, quer seja a sala do lado, o JI mais próximo, o grupo de pais ou meninos mais novos” (Vasconcelos, 1998, p. 143).

Esta quarta fase de avaliação e divulgação foi desenvolvida, por exemplo, na época do Carnaval, onde as crianças atuaram para os pais como uma peça relacionada com o projeto sobre uma visita pelo Museu Artes Mágicas, retratando um museu com obras vivas que tinham aprendido, cantando e dançando. Também com outras atuações ao longo e no final do ano, junto de atividades com outras salas, em que a postura do grupo foi muito orgulhosa, principalmente com as atuações aos pais, e demonstraram-se como os principais envolvidos no seu trabalho, especificando tudo aquilo que trabalharam.

O projeto veio a ser enriquecedor para as crianças, foi uma descoberta útil e determinante. Foi essencial delinear ideias e a importância de ouvir a criança neste processo e como esta se encontra tão inserida nas suas próprias aprendizagens. Rangel e Gonçalves (2010) optam por defender que esta metodologia pode, nem sempre, ir de encontro a todas as aprendizagens das crianças, pois “há, contudo, objetivos e necessidades de ensino e aprendizagem que não são facilmente, ou não são de todo alcançáveis através desta metodologia. Por isso, ela não é, nem nunca poderá ser, do nosso ponto de vista, uma metodologia única e exclusiva nas nossas práticas” (p.26).

PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS

Para dar resposta à questão de partida: “De que forma as Artes Visuais facilitam as aprendizagens e desenvolvem diferentes competências na prática pedagógica?”, a segunda parte, apresentada de seguida, emprega o procedimento metodológico que servirá de aprofundamento da investigação e para clarificar as respostas à questão inicial.

1. Paradigma da investigação

Primeiro deve-se escolher o tema, isto é, “o que se quer saber/compreender/estudar?”, neste caso, sendo as Artes Visuais o tópico e área de interesse que se deseja explorar ou desenvolver e, de seguida, formular a pergunta de partida anteriormente apresentada, tendo assim a formulação do problema de pesquisa. Após uma pergunta de partida, esta deve ser aprofundada com leituras que possam resumir e comparar textos entre si sobre o tema.

Os métodos de investigação permitem selecionar as técnicas de pesquisa do trabalho a realizar e controlar a utilização das técnicas e a integração dos resultados obtidos, depois de se decidir o que se pretende de facto investigar, ou seja, o objeto de estudo. Segundo Oliveira (2015), “a opção do investigador por um determinado paradigma de investigação vai orientá-lo sobre: a matéria a investigar, a relação existente entre investigador e investigado e os métodos a usar na investigação (p. 105).

Posto isto, optamos por confrontar o estudo com a realidade, de maneira a interpretar a mesma com as experiências dos intervenientes e da sua observação direta, designando, assim, a presente investigação de metodologia qualitativa.

Os estudos qualitativos consideram que há uma ligação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objectivo e a subjectividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenómenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa (Vilelas, 2009, p. 105),

isto significa que o investigador que opta por este método, observa, descreve e interpreta o fenómeno como este se apresenta, confrontando, também, com a ideia de Bogdan & Biklen (1994), “na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (p. 47).

Neste sentido, a presente investigação parte de um tempo frequentando o local de estudo, compreendendo os objetivos e a questão de partida no ambiente da ocorrência.

Afirmam, ainda, que os investigadores qualitativos “interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 49), o que é pretendido nesta investigação, observando e analisando as crianças ao longo das suas tarefas. Oliveira (2015) defende esta observação contínua, uma vez que “na investigação qualitativa é essencial que a capacidade interpretativa do investigador nunca perca o contacto com o desenvolvimento do acontecimento” p. 105. Stake (1999) afirma que a realidade pode ser interpretada pelo investigador, mas não pode ser descoberta, ou seja, “em qualquer investigação não existe descoberta de conhecimento, como é pretensão da investigação quantitativa, mas sim construção de conhecimento” (citado por Oliveira, 2015).

No presente estudo, é pretendido, assim, confrontar a individualidade de cada interveniente, através da observação participante e de duas entrevistas com destinatários distintos.

1.1. Objetivos do estudo

Deve ser dada uma enorme importância à arte na área da educação, pois desde cedo que as crianças revelam o gosto pelo desenho, pinturas, movimento ou músicas no seu quotidiano, uma vez que são um grande foco de interesse pelas mesmas.

Contudo, a arte tem, também, vindo a ser um pouco desvalorizada neste aspeto e pelos profissionais de educação, acreditando que deve existir, assim, um trabalho para a mudança de perspetiva sobre este tema e como esta prática diferenciadora por parte do/a educador/a pode auxiliar um grupo de crianças nas suas aprendizagens e comportamentos e como estas lidam em torno de tarefas dentro deste subdomínio.

Por este motivo, a presente investigação parte da colocação em prática de atividades que vão de encontro aos interesses das crianças com o projeto da sala, de maneira a que promovam as Artes Visuais como recurso diferenciador e, de seguida, das entrevistas a educadoras de infância e, sucessivamente, às mesmas crianças do grupo que foram, também, entrevistadas mais tarde, para perceber o impacto do trabalho desenvolvido. Tudo isto, então, tem por base a questão: “De que forma as Artes Visuais facilitam as aprendizagens e desenvolvem as competências das crianças?”.

Para aprofundar a questão de partida, foi essencial marcar três objetivos de estudo, de maneira a integrar esta investigação, nomeadamente:

- Perceber a importância das Artes Visuais como facilitadora de aprendizagem;
- Compreender o tipo de estratégias que podem ser utilizadas pelo/a educador/a para potencializar as Artes Visuais como recurso educativo;
- Entender que competências podem ser trabalhadas na área das Artes Visuais.

1.2. Caracterização da instituição

Na perspectiva de Amado (2014), “o estudo de caso pode consistir no estudo de um indivíduo, de um acontecimento, de uma organização, de um programa ou reforma, de mudanças ocorridas numa região” (p. 122). Desta forma, a investigação ocorreu no ano letivo 2017/2018, mais concretamente no período de dezembro de 2017 a junho de 2018 com um intervalo de tempo de meio ano para as entrevistas de impacto às crianças, a ocorrerem, assim, no ano letivo seguinte, de outubro de 2018 a janeiro de 2019.

Tudo isto na mesma instituição de ensino particular com 18 anos de existência, devidamente reconhecida a nível ministerial e concelhio, na sua capacidade de gestão educativa, financeira e organizacional, em regime de autonomia pedagógica, compreendendo os níveis de ensino desde a creche ao secundário.

Apresenta de forma clara, nos seus documentos estruturantes e ao longo do seu quotidiano entre o trabalho ocorrente nesta prática, que o seu principal objetivo se apresenta numa qualidade de ensino que permita à criança a construção conjunta de um mundo cada vez mais desenvolvido.

Partindo de uma investigação aplicada em EPE, na instituição, relativamente a este contexto, o seu trabalho pedagógico alia-se ao princípio lúdico, como forma de motivar as crianças para a aprendizagem, referindo-se às OCEPE com a perspectiva de brincar ser considerada como “atividade rica e estimulante que promove o desenvolvimento e a aprendizagem e se caracteriza pelo elevado envolvimento da criança, demonstrado através de sinais como prazer, concentração, persistência e empenhamento” (Lopes e Silva et. al, 2016, p 10).

A Metodologia de Projeto é, assim, trabalhada sucessivamente na instituição e, neste caso, as atividades implementadas inserem-se nesta dinâmica de metodologia frequente da instituição, na qual denominam mesmo de Projeto Lúdico, onde as atividades são planificadas, concebidas e avaliadas considerando as aprendizagens a potenciar, de acordo com os ritmos e atitudes a desenvolver, desta forma, num processo aberto, flexível e dinâmico que potencia a exploração ativa das crianças no contacto com os diversos materiais e em distintos contextos.

1.3. Participantes em estudo

Numa primeira fase, para a concretização da observação participante, os intervenientes da investigação pertencem a um grupo de 5 anos da EPE constituído por 25 crianças, nomeadamente 13 rapazes e 12 raparigas que, a nível de Necessidades Educativas Especiais, não apresenta crianças com estas características, mas um caso do que detém dificuldades na comunicação e linguagem, e um segundo que apresenta dificuldades de atenção.

Desde o início que é notório que o grupo apresenta um diálogo coerente quando conversam e se expressam, com uma grande propensão por atividades que englobem a música e a pintura e com a capacidade de utilizar representações mentais, como palavras, números, imagens, das quais são capazes de classificar e processar a informação.

Apesar de ser um grupo equilibrado entre os dois sexos, contudo, existiu uma grande variância nas idades das crianças compreendidas entre 5 e os 6 anos, na qual conteve casos em que os 6 anos são concebidos no início do ano civil e outros em que 5 eram no final, sendo, então, essencial referir que não pode ser permitido um termo de comparação entre as crianças, pois esta diferença de idades influencia os desenvolvimentos e as aprendizagens entre o grupo.

A predisposição do grupo pela pintura partiu, também, pela sua escolha no projeto de sala, em que pretenderam saber mais sobre o que é a arte, evidenciando-se curiosas, bastante ativas nos seus processos de aprendizagem, manifestando interesse e, ao mesmo tempo, diversão nas tarefas a que se propõe, mas sempre concentrados na sua finalidade, com uma postura positiva dentro da sala e ao longo das atividades.

Visto que, no ano letivo seguinte, o mesmo grupo de crianças foi entrevistado já com idades entre os 6 e 7 anos, é importante referir que das 25 crianças, duas mudaram de instituição e no caso da criança que apresenta dificuldades na comunicação e linguagem, o mesmo manteve-se mais um ano da EPE. As restantes crianças transitaram para o 1º Ciclo do Ensino Básico e foram divididas em três turmas, ocorrendo as entrevistas numa fase de inquietação na vida escolar dos alunos.

Na segunda fase da investigação, no que concerne às entrevistas a profissionais, procuramos que os participantes das entrevistas com a colocação das várias questões sobre a temática se limitassem a educadores de infância devido ao contexto inserido. Estas são todas educadoras de infância e não pertencentes à mesma instituição, de maneira a que diversifiquem as experiências e as perspetivas dos intervenientes.

2. Opções técnicas de investigação

2.1. Observação participante

As opções técnicas de investigação são complementadas através do método de observação participante, uma das técnicas mais usuais, que é “o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenómeno” (Ludke e Marli & André, 1986, p. 26), isto é, uma experiência direta para que possam ser verificados os resultados com uma maior aproximação do investigador ao contexto que, na presente investigação, o papel de investigadora parte da educadora estagiária que observou e participou no ambiente da sala ao longo do decorrer do ano letivo.

Yin (2005) refere que “a observação participante é um modo especial de observação, em que o investigador não é meramente um observador passivo, mas pode assumir uma variedade de papéis no estudo de caso, podendo mesmo participar em acontecimentos a serem estudados” (citado por Oliveira, 2015). Apoiando esta ideia, também Lüdke & André (1986), remontam para a perspectiva de que a experiência direta é a melhor opção de verificar a ocorrência de um determinado fenómeno, revelando que existem diversas formas de registar essas observações. Contudo, salientam que quanto maior for a aproximação do investigador com o momento da observação, maior será a acuidade, o que foi optado por a educadora estagiária como investigadora estar presente em todos os momentos com as crianças, o que serviu, também, de motivação.

Desta forma, a intervenção surge através da colocação em prática de cinco atividades pedagógicas que promovem as Artes Visuais dentro da sala com base no projeto do grupo de 5 anos, em que todas foram pensadas previamente identificando sempre as aprendizagens a promover e as competências a serem observadas no momento. Assim, foram registadas e avaliadas ao longo do seu decorrer, de forma a serem avaliadas no momento sem perderem a sua credibilidade, ajudando a refletir numa análise final após o processo.

Cada atividade será apresentada de seguida e, no mesmo modo da autora, “todas as observações tinham um propósito, e foram guiadas por objetivos, ou seja, a investigadora quando observou, procurou significados, palavras ou frases “chave” (traços característicos) e/ou relações que permitissem categorizações e/ou novas sugestões ou perspetivas (teóricas ou práticas) úteis ao estudo” (Oliveira, 2015, p. 118). São apresentados os seus objetivos, competências, planificações e avaliações.

3.1.1. Características das atividades

Pretendemos trabalhar, com estas atividades, o Domínio da Educação Artística, mais concretamente focando-nos no subdomínio das Artes Visuais, aliado a competências que nos parecem essenciais e que são desenvolvidas através deste. As cinco propostas de atividades remetem para temas pedidos pelas crianças, relativos a nomes de artistas plásticos e a visitas com saídas de campo, em que valorizam o papel ativo da criança e a experimentação, isto é, uma aprendizagem significativa.

3.1.1.1. Atividade 1 – “Aqui vamos a um museu verdadeiro!”

Organizou-se a oportunidade de o grupo se deslocar ao Museu Nacional Soares dos Reis durante a manhã e observar a exposição de Almada Negreiros, para visitar e explorar o museu com a intenção de perceber como funciona um “museu verdadeiro” e conhecer um novo artista e português para o projeto.

Desta forma, o grupo partiu de transporte a caminho do museu, registando-se um pequeno tempo de espera à chegada para o lanche da manhã, seguindo-se o início da visita. O grupo, orientado pela guia, começou por conhecer as regras de um museu, principalmente o silêncio e a preservação das obras e das estátuas que não se podem fotografar e tocar. As crianças passaram a observar algumas das obras presentes no museu, mas logo partiram para a exposição de Almada Negreiros, centrando-se, essencialmente, nos seus autorretratos por opção das crianças que diziam ser o que mais gostavam.

Após a visita, o grupo realizou o registo coletivo em cartolina, organizando as fotografias da visita por ordem cronológica de todos os passos ao longo da mesma.

3.1.1.2. Atividade 2 – “Impressionando... com Monet”

Manifestando o interesse por conhecer a arte por França e já conhecendo Paris e Pablo Picasso, as crianças tiveram, agora, a oportunidade de ouvir uma história sobre a vida pessoal e artista de Claude Monet, vendo e conversando sobre as várias obras na Hora do Conto da manhã na biblioteca com o livro “Violeta e Índigo descobrem...Monet”, tais como:

- "Ponte Japonesa" de 1924;
- “Impressão, nascer do sol” de 1872;

- “Nenúfares” de 1904;
- “Campo de Papoulas” de 1893.

Após este momento, o grupo foi dividido em pequenos grupos de 3 elementos que, na sua vez, se deslocavam ao pequeno hall à porta da sala ou no centro da mesma, enquanto o restante grupo se encontrava nas áreas da sala. Nos locais estavam expostas as obras que conheceram e cada criança observou as obras e escolheu uma das mesmas, sentou-se numa cadeira à sua altura, interpretando-a e registando-a numa folha A3, através de canas do seu tamanho com um pincel na sua ponta e, para colorir, utilizaram aguarelas, um material que foi aqui explorado pela 1ª vez pelo grupo. Depois de identificada, a obra é afixada no Museu Artes Mágicas numa das paredes da sala.

3.1.1.2. Atividade 3 – “Adivinhem e recriem... com Goya”

A Hora do Conto na biblioteca desta manhã focou-se desta vez em Goya, devido à viagem de arte do grupo até Espanha. Conhecendo a sua história novamente com a “Violeta e Índigo descobrem...Goya” que mostrou a sua vida pessoal e de artista com algumas das suas obras a serem observadas e comentadas, o grupo foi dividido em dois, sendo que um permaneceu na sala e o segundo deslocou-se para a área de arte presente no ginásio da instituição.

Sentados em volta da mesa e formados os pares de trabalho, uma das crianças de cada par escolheu uma das obras de Goya que se encontraram sobre a mesa impressas e viradas para baixo. O colega fechou os olhos nesse momento, passando assim o primeiro a descrever o que vê na obra ao colega que começou a desenhar com lápis de carvão o que ouve numa folha A3:

- “O guarda-sol” de 1777;
- “O cão” de 1823;
- “La nevada” de 1786;
- “La cometa” de 1778.

À medida deste processo, se a criança que desenha adivinhasse o nome da obra, o colega passou a ajudá-la na tarefa, caso contrário, continua a descrever o que vê, como pormenores, figuras, personagens, com a liberdade centrada em sempre em torno da criança. Após o desenho, os mesmos terminaram a obra pintando com pincéis utilizando as aguarelas e trocaram a vez com o 2º grupo que se encontrava na sala. Depois de identificada, a obra é afixada no Museu Artes Mágicas numa das paredes da sala.

3.1.1.2. Atividade 4 – “Que tal uma fruta...com Frida Kahlo?”

A manhã iniciou-se na biblioteca com a Hora de Conto da história “Violeta e Índigo descobrem...Frida Kahlo”, em que as crianças apreciaram a sua história, partilharam ideias sobre a vida menos boa da artista e observaram algumas das suas obras, escolhendo como mais votada a obra “Natureza morta com papagaio e frutas”.

O grupo optou por esta obra “por gostarem muito de frutas”, deslocando-se para a sala e, nas mesas, em pequeno grupo, cada criança teve uma folha A4 com as frutas e o papagaio representadas na obra original. Com isto, utilizando a tesoura, cada criança cortou os seus elementos e, observando a obra da Frida Kahlo exposta na sala, montou e colou, com recurso a pincéis e cola branca, a sua recriação numa folha de registo A4. À medida que cada criança termina a sua tarefa, a obra é colocada a secar e é chamada outra criança para realizar a atividade. Depois de identificada, a obra é afixada no Museu Artes Mágicas numa das paredes da sala.

3.2.1.2. Atividade 5 – “Um museu cheio de pinta!”

Passando um intervalo de tempo desde a última visita a um museu, as crianças quiseram, novamente, visitar um museu. Desta vez, surgiu a oportunidade de o grupo se descolar a Serralves e participar na oficina “Tinta à Solta” proporcionada pela organização do museu com inscrições prévias. Após a chegada de camioneta, as crianças foram recebidas por duas guias que apresentaram as obras de Ana Manso presentes no museu que representam um espelho, onde o grupo se sentou no chão em frente à obra e se colocou na forma de uma “gotinha de água” muito pequena.

Seguindo-se o caminho até à famosa casa cor-de-rosa, mais concretamente até à cozinha da mesma, o grupo é dividido em pares e foi explicado pelas guias o decorrer a oficina “Tinta à solta” – ou seja, um colega deve colocar-se sobre a folha do seu tamanho na forma da gotinha anteriormente pedida, em que o seu par deve contornar a forma do corpo com lápis de carvão e, trabalhando a pares, devem desenhar dentro da gotinha o que mais gostaram da visita com um giz, passando a pintar a criação com uma esponja e corante alimentar.

Seguiu-se o passeio pelos jardins do Museu de Serralves e o famoso piquenique ao almoço, antes de partirem rumo à instituição. Os trabalhos realizados nesta oficina foram colocados a secar no jardim de Serralves e levados para a sala do grupo, sendo, mais tarde, distribuídos entre as crianças.

3.2.2. Objetivos gerais das atividades

As atividades desenvolvidas obedecem a objetivos gerais que são capazes de desenvolver nas crianças diferentes “capacidades, competências e atitudes que visam o desenvolvimento harmonioso e equilibrado de todas as dimensões do indivíduo” (Oliveira, 2017, p. 27), sendo um ponto criado tendo por base a autora, com objetivos generalizados que envolvem todas as atividades. Estes objetivos gerais centram-se em:

- Integrar, identificar e mobilizar os seus conhecimentos em torno da arte;
- Reconhecer diversas manifestações de arte;
- Representar e recriar plasticamente;
- Conhecer a vida e as obras de artistas plásticos;
- Explorar e preservar diferentes materiais e modalidades expressivas;
- Pensar criticamente sobre o que observa;
- Conhecer um museu e as suas regras de funcionamento;
- Cooperar com os colegas;
- Desenvolver a autonomia e a participação em tudo o que se envolve.

3.2.4. Competências a desenvolver

Na realização da presente investigação, sentiu-se a necessidade de criar um fio condutor que visa o desenvolvimento de competências através da colocação em prática das atividades. Estas exigem competências a diversos níveis exemplificadas na parte I do presente relatório, desde desenvolvendo a criatividade, percebendo como lidar criticamente com a sua produção, o poder da descoberta, da troca de ideias com o colega, como desenvolver a autonomia e a capacidade de questionar, etc. Posto isto, consideramos essencial organizar estas competências traçadas ao longo de todo o caminho, criando referenciais de competências com indicadores que especificam as mesmas, para a realização da presente investigação, focando no desenvolvimento destas competências através da prática das atividades.

As atividades propostas caracterizam-se por promover competências comportamentais, dado que, apesar das aprendizagens em torno das Artes Visuais, ao longo das atividades são desenvolvidas competências que desenvolvem na criança, por exemplo, a sua autonomia e motivação aquando as visitas a museus, ou o interesse e participação por todas as temáticas ao longo das atividades que são essenciais, mobilizando, também, como a preservação das normas de preservação dos materiais.

Relativamente às Artes Visuais, ao longo das propostas pedagógicas, as crianças desenvolvem competências em torno da utilização dos materiais, como saber aplicar as normas de utilização, criatividade e a expressão através da cor, onde descobrem a vida de vários artistas e conhecem obras de arte, demonstrando interesse e respeito pelos mesmos.

Tabela 1 - Referencial de competências - Comportamentais

Competências	Indicador
Interesse	Manifestar empenho sobre o que está a aprender e a observar.
Motivação	Sentir-se motivado pela temática da atividade.
Participação	Questionar ou dar a sua opinião relativamente à temática.
Autonomia	Realizar a tarefa de forma independente, tomando as suas próprias decisões sem auxílio.
Preservação	Saber como respeitar as normas de preservação dos vários materiais utilizados (conhecimento, manejo, ter cuidado e limpeza de material).

Tabela 2 - Referencial de competências – Artes Visuais

Competências	Indicador
Materiais	Aplicar as normas de utilização dos utensílios/suportes, representando e recriando plasticamente utilizando diferentes materiais.
Artistas	Conhecer diferentes artistas e as correntes que os mesmos se inserem.
Criatividade	Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.
Expressão	Recorrer a diferentes elementos da linguagem plástica (cores, linhas, manchas, formas).
Manifestações de artes visuais	Apreciar diferentes manifestações de artes visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas.

3.2.5. Planificação das atividades

Todas as atividades propostas são apresentadas por um Guião da planificação que se baseia no guião criado pela autora Mónica Oliveira (2017) na obra “A Educação Artística para o desenvolvimento da Cidadania – Atividades integradoras para o 1.º Ciclo do Ensino Básico”, na qual adaptamos esta estrutura em torno de alguns conceitos para o contexto de EPE.

Podemos observar esta estrutura a qual denominamos de Guião de Planificação, onde são descritas todas planificações (ver Anexo 1). Planificar é essencial para o sucesso das mesmas, pois na EPE, “o educador de infância concebe e desenvolve o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas” (Decreto-Lei n.º 241/2001, anexo nº1, ponto II).

Tabela 3 - Guião da planificação das atividades

Nome da atividade Título que capte a atenção e curiosidade das crianças.
Proposta da Atividade Desafio lançado às crianças e interpretado pelas mesmas, com um texto provocador.
Faixa etária Refere-se à idade a que se destina a atividade.
Duração Apresentação do número de sessões necessárias e o tempo médio para a execução da atividade. É um tópico de natureza indicativa, sujeito a variações.
Aprendizagens a promover Descreve-se os resultados que devem ser esperados com a atividade.
Conteúdos Diferentes conceitos a trabalhar nas diferentes áreas do saber.
Materiais Especificam-se os materiais essenciais para a proposta da atividade apresentada.
Fases da atividade Descrição da forma como decorrerá a atividade, com os possíveis passos para o processo artístico-didático.
Avaliação Indica-se como será realizada a avaliação por parte do/a educador/a ou da criança.

3.2.7. Avaliação das atividades

De forma a avaliar as atividades, foram criadas grelhas de observação como instrumentos por base nas competências referidas nos referenciais das tabelas 1 e 2, de maneira a registar os comportamentos e conhecimentos da criança face à execução da atividade (ver Anexo 2).

Como afirma Parente (2002), estes instrumentos “devem ser cuidadosamente elaborad[os] e são especialmente indicad[os] para observar traços ou comportamentos que possam ser fácil e claramente especificados” (p.187), por parte do educador/a que “avalia, numa perspectiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adoptados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo” (Decreto-Lei n.º 241/2001, anexo nº1, ponto II).

Partiu de a investigadora escolher como pretendeu avaliar da melhor forma para dar resposta ao que traçou. Existem muitos instrumentos para avaliar as diferentes competências, aliás, a avaliação poderá ser realizada através “[...] de questionários, das escalas, dos inventários, dos testes e das entrevistas” (Malheiro, 2008, p. 17). A escala de avaliação selecionada para as grelhas de observação e avaliação foi a escala de classificação, isto é, uma escala progressiva que permite registar e atribuir um determinado grau.

A escala apresenta uma avaliação qualitativa de “Não observado”, “Não adquiriu”, “Em aquisição”, “Adquiriu” e “Adquiriu totalmente, sendo esta denominada de 1 a 5.

Tabela 4 - Níveis de avaliação para registo de observação

Nível		Descrição
1	Não Observado	Não foi possível observar se a criança adquiriu as aprendizagens/Não esteve presente na atividade
2	Não adquiriu	Revela lacunas na aquisição das aprendizagens pretendidas.
3	Em aquisição	Revela algumas lacunas no desenvolvimento das aprendizagens pretendidas.
4	Adquiriu	Adquiriu com facilidade as aprendizagens pretendidas.
5	Adquiriu totalmente	Desenvolveu plenamente a aquisição das aprendizagens pretendidas.

Um currículo em EPE é concebido e desenvolvido pelo/a educador/a através da organização, planificação e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos que vão decorrer, de modo a construir uma aprendizagem integrada.

Segundo o Decreto-Lei n.º 241/2001, “observa cada criança, bem como os pequenos grupos e o grande grupo, com vista a uma planificação de actividades e projectos adequados às necessidades da criança e do grupo e aos objectivos de desenvolvimento e da aprendizagem” (Anexo II, capítulo 3, alínea a). Este deve utilizar registos de observação que permita refletir sobre planos já executados e que estimulam as decisões pedagógicas. As informações recolhidas com esta avaliação, devem ser recolhidas convenientemente organizadas, interpretadas e refletidas.

2.2. Entrevista

“A entrevista é um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos.” (Amado, 2014, p. 207). Segundo o autor, a entrevista pode assumir variadas formas, tais como: cara a cara, telefone ou via e-mail, enquanto apresenta diversos fins e usos. Bogdan & Biklen (1994), afirmam que a entrevista pode ser utilizada “para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (p. 134). De acordo com a metodologia adotada, será utilizada a entrevista como técnica de recolha de dados, existindo um processo de recolha de informação.

A entrevista inicial tem como intuito ser realizada a educadores de infância com a intenção de entender, primeiramente, a relevância da Educação Artística nas aprendizagens das crianças e, de seguida, partindo para a utilização das Artes Visuais na sua prática profissional, de que forma isto pode suceder, ou mesmo se já foram confrontados com resultados neste campo, refletindo sobre o seu próprio papel.

A mesma foi realizada, assim, a 12 educadoras de infância de diferentes instituições, o que levou a ser uma entrevista estruturada, isto é, “quando tem que seguir muito de perto um roteiro de perguntas idêntica e na mesma ordem (...)” (Ludke & André, 1986, p. 34), devido a alcançar profissionais centrados em diferentes contextos e à impossibilidade das educadoras da própria instituição, partindo da explicação dos seus objetivos e das questões em formato digital, mencionando que as suas respostas seriam apenas para notar as suas opiniões, nas quais foram entregues neste mesmo registo.

Amado (2014) defende, ainda, que a estrutura da entrevista deve apresentar-se em termos de blocos temáticos e de objetivos, o que passará, assim, a constituir o que passamos a chamar de guião da entrevista (ver Anexo 3). Este guião ajudará a gerir questões, relações e resulta de uma profunda preparação para a entrevista, uma vez que nele constam a formulação do problema, os objetivos que se pretendem alcançar, as questões fundamentais e orientadoras numa ordem lógica.

As entrevistas de impacto às 22 crianças também concebem um guião, mas apenas com uma questão orientadora, sendo dado á criança um maior espaço, visto que se trata de um momento para se recordarem de algo com um largo espaço de tempo (ver Anexo 5). É fulcral evidenciar que estas entrevistas foram realizadas após a observação participante descrita em cima, existindo momentos cronológicos entre estas etapas de investigação, primeiro com a observação participante, seguida das entrevistas a profissionais e, por fim, as entrevistas de impacto sobre o projeto do ano anterior.

Os objetivos da entrevista hierarquizam-se em gerais e específicos (podendo estes serem descritos por bloco). O primeiro bloco é de apresentação e legitima a situação de entrevista. (...) Os restantes blocos servirão para guiar a entrevista em direção às temáticas que interesse explorar (Amado, 2014, p. 215).

Desta forma, a presente entrevista apresenta como blocos temáticos e objetivos específicos:

Tabela 5 - Blocos temáticos e objetivos específicos da entrevista a Educadores de Infância

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos
Legitimação e apresentação da entrevista	Apresentar a entrevista e motivar sobre o tema; Garantir o anonimato do entrevistado.
Identificação Socioprofissional	Conhecer o tempo de serviço; Conhecer as habilitações académicas.
A Educação Artística e a sua relevância	Identificar o conceito de Educação Artística; Identificar competências específicas relacionadas com a Educação Artística; Compreender a relação da Educação Artística com a Interdisciplinaridade; Compreender que importância é conferida à Educação Artística na Educação Pré-Escolar.
As Artes Visuais como recurso educativo nas aprendizagens das crianças	Compreender o papel da Arte no processo educativo; Perceber se são utilizadas estratégias com as Artes Visuais como recurso educativo; Perceber a receptividade das crianças às Artes Visuais.

O papel do/a educador/a de infância e a utilização de estratégias nas Artes Visuais	Identificar a importância de formação na área das Artes Visuais; Perceber que tipo de estratégias podem ser optadas para explorar as Artes Visuais.
Finalização da entrevista	Agradecer pela participação.

Tabela 6 - Blocos temáticos e objetivos específicos da entrevista de impacto às crianças

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos
Legitimação e apresentação da entrevista	Apresentar a entrevista e motivar sobre o tema.
Identificação dos entrevistados	Conhecer a idade no ano atual; Conhecer o ano de escolaridade atual.
Projeto Lúdico “As Nossas Artes e à Procura dos Museus do Mundo”	Recordar o projeto lúdico do ano anterior; Identificar as atividades que realizaram ao longo do ano; Compreender que atividades gostou mais.
Artes Visuais	Perceber que artista se recorda de conhecer; Identificar o procedimento das atividades que se recorda (como os materiais e técnicas); Compreender se gostou de trabalhar com as Artes Visuais e o porquê; Perceber se voltava a realizar o Projeto Lúdico do ano anterior.
Finalização da entrevista	Agradecer pela participação.

“O seu papel, enquanto investigador, não consiste em modificar pontos de vista, mas antes em compreender os pontos de vista dos sujeitos e as razões que os levam a assumi-los” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 138). Devemos respeitar o entrevistado, pois cada um é livre de expressar os seus pontos de vista e a entrevista, segundo os autores, tem um poder de criar uma relação, mesmo que as entrevistas sejam realizadas a pessoas de diferentes idades, notando-se o que as crianças têm um discurso informal.

É importante analisar as informações do material recolhido e a referente análise possui, por um lado, uma dimensão descritiva que tem por objetivo narrar os acontecimentos e, por outro lado, uma dimensão interpretativa que visa as “interrogações do analista face a um objecto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular regras de inferência.” (Guerra, 2006, p. 62).

Assim, surgem as categorias e subcategorias que foram utilizadas para a análise do conteúdo recolhido nas entrevistas.

Estas são apresentadas na seguinte forma:

Tabela 7 - Tabela de categorização da entrevista a Educadores de Infância

Categorias	Subcategorias
Identificação Socioprofissional	Género; Idade; Habilitações literárias; Anos de serviço.
A Educação Artística e a sua relevância	Importância da Educação Artística; Competências Específicas desenvolvidas pela Educação Artística; Valorização da Educação Artística na Educação Pré-Escolar; Interdisciplinaridade entre as diferentes áreas do saber.
As Artes Visuais como recurso educativo nas aprendizagens das crianças	As Artes Visuais como recurso Educativo; Estratégias utilizadas através das Artes Visuais; Operacionalização das Artes Visuais na sala; Importância nas atividades das crianças; Valorização das Artes Visuais; Recetividade das crianças às estratégias utilizadas.
O papel do/a educador/a de infância e a utilização de estratégias nas Artes Visuais	Formação no campo das Artes Visuais; Estratégias utilizadas com as Artes Visuais como recurso.

Tabela 8 - Tabela de categorização da entrevista de impacto às crianças

Categorias	Subcategorias
Identificação	Género; Idade; Ano de escolaridade.
Projeto Lúdico “As Nossas Artes e à Procura dos Museus do Mundo”	Atividades realizadas ao longo do ano; Nomeação das atividades que mais preferiu.
As Artes Visuais	Operacionalização das atividades – técnicas e materiais utilizados; Valorização das Artes Visuais no ano anterior e porquê; Recetividade do que aprendeu.

PARTE III – ANÁLISE DE DADOS

“A recolha de dados constitui apenas a fase inicial do trabalho empírico. A efetiva concretização da finalidade da pesquisa (a produção de conhecimento científico) decorre com a organização e o tratamento desses dados, tarefas mais exigentes e complexas que a recolha da informação” (Afonso, 2014, p.119). Com os dados recolhidos para a investigação, é importante seguir para a respetiva concretização das conclusões, na qual a presente terceira parte apresenta, então, a análise de dados das informações.

Bogdan & Biklen (1994) explicitam várias sugestões para realizar uma análise dos dados recolhidos com visão numa análise final. Uma das sugestões, integrantes na obra dos autores, diz-nos “planifique as sessões de recolha de dados à luz daquilo que detectou em observações prévias”, ou seja, o investigador deve pensar sempre no que falta saber e pensar no que já sabe, o que foi tido em conta ao longo da investigação, tentando que as crianças conhecessem novos artistas, novos materiais, até mesmo novos locais e se manifestavam interesses a valores pelo trabalho que desenvolviam.

Segundo Sousa (2009), é importante proceder para o estudo dos resultados “para se poder chegar a inferências que irão ou não validar as hipóteses de investigação” (p. 291). Com isto, a análise dos dados qualitativos surge, num primeiro momento, com a organização de todos os dados e as respetivas conclusões. Primeiramente, segue-se a análise da observação participante, seguida da análise das entrevistas às educadoras de infância e das entrevistas de impacto às crianças.

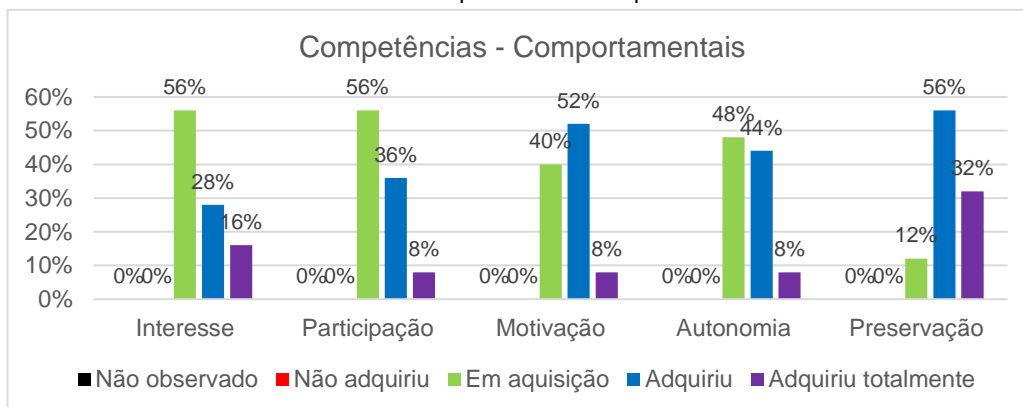
1. Análise da Observação Participante

Para a análise das cinco atividades planificadas que foram colocadas em prática com o grupo de 25 crianças, optamos por a apresentação de gráficos de barras com os dados em percentagem, onde são referidas as competências comportamentais e das artes visuais avaliadas nas grelhas de observação e avaliação preenchidas após cada atividade implementada.

É importante referir que optamos pelo gráfico de barras pela sua facilidade de interpretação e que no final é apresentada uma síntese das conclusões. Todas as crianças participantes são denominadas pelas letras iniciais dos seus nomes, uma vez que devemos garantir o seu anonimato e confidencialidade.

1.1. Análise da Atividade 1 - "Aqui vamos a um museu verdadeiro"

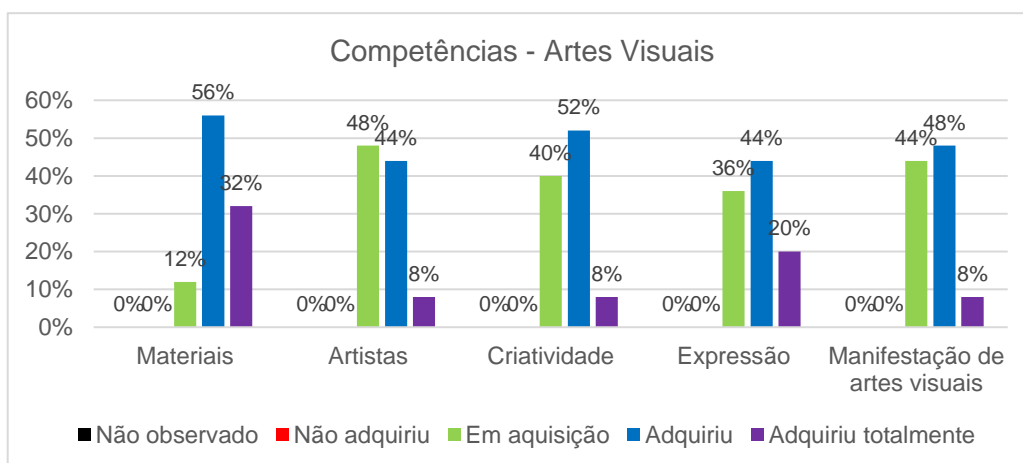
Gráfico 1 - Competências - Comportamentais



No gráfico 1, verificamos que todas as crianças trabalharam as cinco competências e que 56% do grupo manifestou interesse pela atividade, ainda que a revelar algumas lacunas no seu empenho, mas que o restante 44% do grupo revelou encontrar-se no nível 4 e 5 (adquiriu e adquiriu totalmente), como também na participação e autonomia ao longo da visita ao museu.

Contudo, na motivação e na preservação por parte das crianças, a maior percentagem assenta a nível 4 e 5, com 60% no seu conjunto na motivação e 88% na preservação, sendo esta última a competência com maior percentagem, visto que, ao longo da visita, as crianças conversavam sobre as regras dentro de um museu verdadeiro e como estas devem ser respeitadas, tal como o cuidado com as obras como, por exemplo, não tocar e tirar fotografias com o flash ligado.

Gráfico 2 - Competências - Artes Visuais

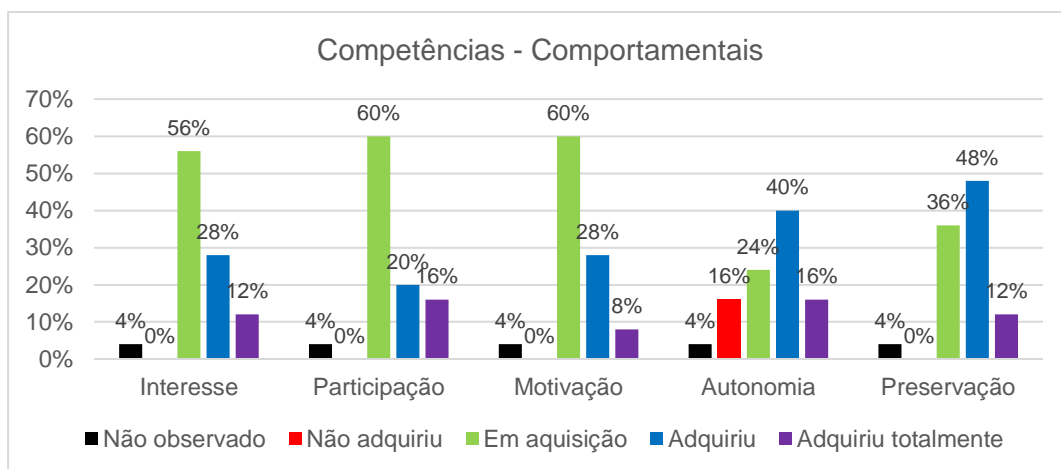


Relativamente às competências no que concerne ao subdomínio das Artes Visuais, no gráfico 2 é novamente perceptível que todas as crianças trabalharam as cinco competências e que mais de 50% do grupo se encontra no nível 3 (em aquisição), revelando apenas algumas lacunas no conhecimento dos materiais e no desenvolvimento das capacidades criativas.

No que diz respeito a conhecer diferentes artistas, trabalhar a expressão recorrendo a diferentes elementos da linguagem plástica e apreciar diferentes manifestações de artes visuais, a maioria das crianças assenta no nível 4 e 5 (adquiriu e adquiriu totalmente), mais concretamente 52% em conhecer artistas, 64% na expressão e 56% em manifestações de artes visuais, adquirindo com facilidade e desenvolvendo plenamente a aquisição, em conjunto respetivamente.

1.2. Análise da Atividade 2 - "Impressionando... com Monet"

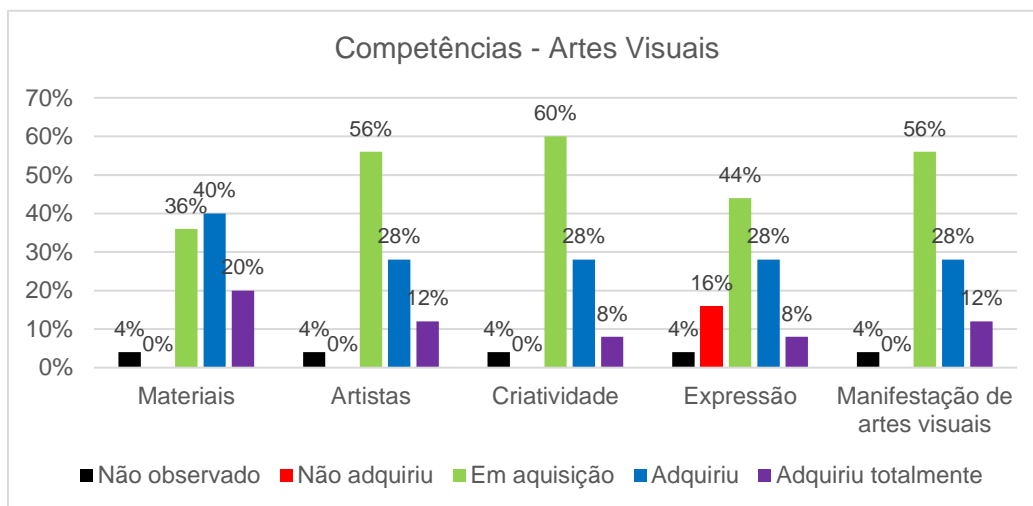
Gráfico 3 - Competências - Comportamentais



No gráfico 3, verificamos que apesar de 4% do grupo não ter sido observado a trabalhar as cinco competências, as maiores percentagens focam-se no interesse, na participação e na motivação das crianças, mais concretamente com 56% das crianças a nível 3 (em aquisição) no seu interesse e 60% tanto na sua motivação, como na participação. Contudo, também se assentam os níveis 4 e 5 (adquiriu e adquiriu totalmente) com um total de 40% no interesse, 36% na motivação e, também, na participação, revelando-se envolvidos ao longo da atividade e questionando sobre o que aprendiam e conversando uns com os outros.

Para além destas competências serem as mais vincadas, a autonomia das crianças revelou menos investimento por parte das mesmas com 14% no nível 2 (não adquiriu). Porém, 48% demonstrou que adquiriu a importância da preservação, respeitando todos os materiais ao longo da tarefa, uma vez que foram materiais diferentes que passaram a ter o seu primeiro contacto e a descobrir pela primeira vez ao longo da respetiva atividade.

Gráfico 4 - Competências - Artes Visuais



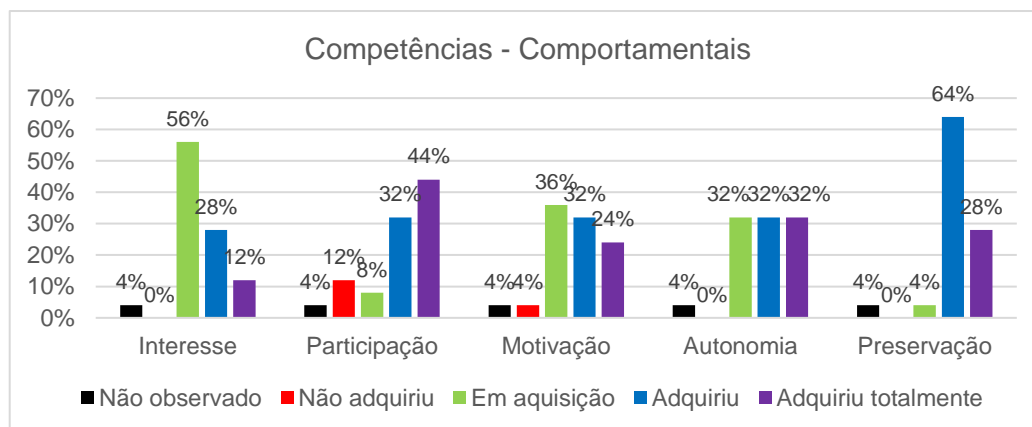
A análise das percentagens das competências relativas ao subdomínio das Artes Visuais, tal como demonstra o gráfico 4, apresenta uma enorme percentagem do grupo em conhecer o artista envolvido na atividade, na criatividade ao longo das produções plásticas e em apreciar diferentes manifestações de artes visuais. Estas percentagens manifestam-se, maioritariamente, no nível 3 (em aquisição), mais concretamente 56% nos artistas e na manifestação de artes visuais e 60% na criatividade, sendo esta a maior percentagem revelada a este nível.

Percebemos que, relativamente aos materiais, esta competência apresenta a percentagem mais alta no que se refere ao nível 4 (adquiriu) com 40% do grupo a respeitar os utensílios/suportes e revelando um conhecimento e manejo sobre o cuidado a ter sobre os mesmos, pois, como referido, foram materiais que logo captaram o entusiasmo das crianças pelos pincéis com canas e aguarelas que foram explorados pela primeira vez, na qual recriaram plasticamente utilizando-os de forma correta.

Contudo, para além de 4% do grupo não ter sido observado ao longo das cinco competências e 16% se encontrar no nível 2 (não adquiriu) sobre recorrer a diferentes elementos da linguagem plástica, ou seja, na expressão, 44% das crianças foram capazes de atingir o nível 3 (em aquisição) sobre esta competência.

1.3. Análise da Atividade 3 - “Adivinhem e recriem... com Goya”

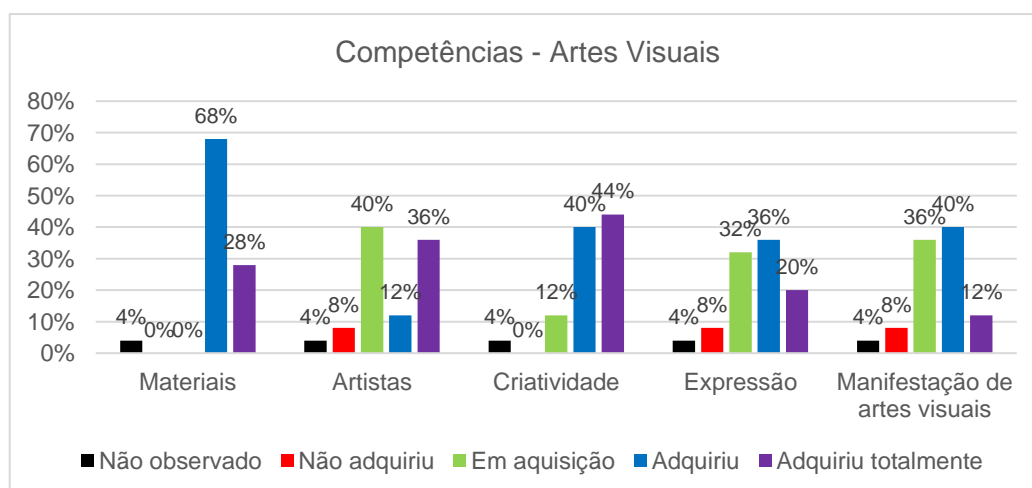
Gráfico 5 - Competências - Comportamentais



No gráfico 5, é perceptível a maior percentagem sobre a competência comportamental que se refere à preservação e respeito das normas dos materiais com 64% do grupo a nível 4 (adquiriu). Também um dos maiores destaques se trata do interesse com uma enorme percentagem de 56% das crianças, mais de metade do grupo, a nível 3 (em aquisição). Percebemos que 4% do grupo não foi observado a trabalhar as cinco competências, mas a nível 5 (adquiriu totalmente), 44% das crianças, no que concerne à participação, questionou ou deu a sua opinião, uma vez que foi uma atividade a pares e se concentravam em realizar a tarefa com o colega.

A autonomia das crianças revelou estabilidade com uma percentagem de 32% a nível 3, 4 e 5, ao contrário da participação e da motivação, onde surgem percentagens como 12% na participação e 4% na motivação a nível 2 (não adquiriu), mas, outrora, a participação revela uma percentagem de 44% a nível 5 e a motivação de 36% a nível 3.

Gráfico 6 - Competências - Artes Visuais

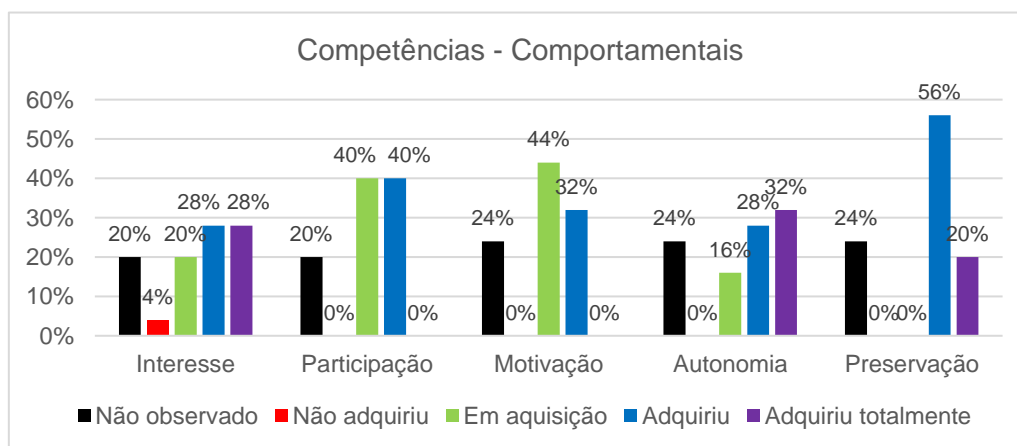


No que concerne ao subdomínio das Artes Visuais, logo percebemos que a maior percentagem no gráfico 6 revela-se a nível dos materiais, mais concretamente com 68% a nível 4 (adquiriu), quase o número total de crianças do grupo, sendo a restante percentagem de 28% a nível 5 (adquiriu totalmente), uma vez a que as crianças, trabalhando a pares, tiveram a preocupação de utilizar devidamente os utensílios.

Mesmo 4% do grupo não ter sido observado nas cinco competências apresentadas, é possível revelar que as capacidades criativas ao longo da mesma e apreciar diferentes manifestações de artes visuais, revelam uma percentagem positiva, mais concretamente 44% a nível 5 (adquiriu totalmente) na criatividade e 40% a nível 4 (adquiriu) nas manifestações de artes visuais, ainda que apresente 8% em ambas a nível 2 (não adquiriu), mas a grande maioria do grupo respeitou as normas e conversava cooperativamente sobre a temática. Também os 8% a nível 2 na expressão se ultrapassa positivamente pela maior percentagem a nível 4 de 36%, onde as crianças foram capazes de recorrer a diferentes cores, manchas e formas.

1.4. Análise da Atividade 4 - "Que tal uma fruta...com Frida Kahlo?"

Gráfico 7 - Competências - Comportamentais

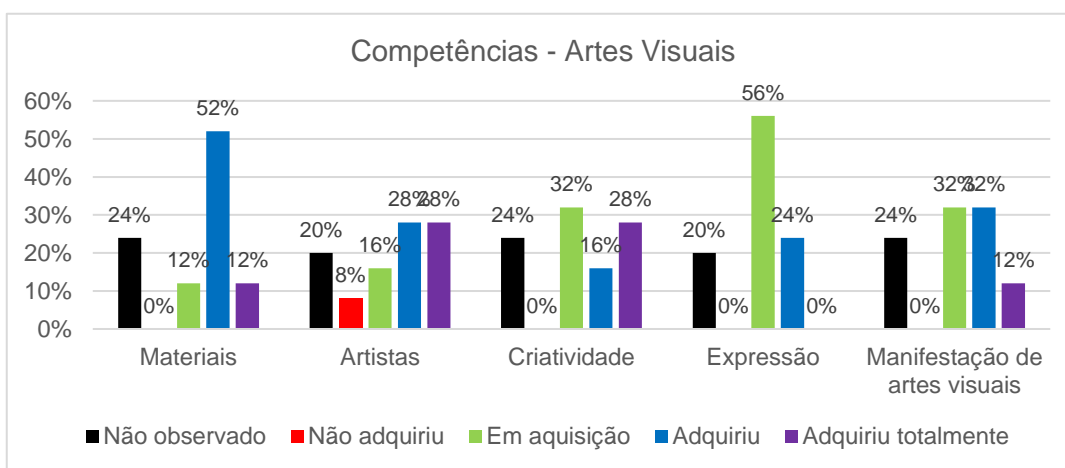


Apesar de entre 20% a 24% das crianças não terem sido observadas ao longo das cinco competências, no gráfico 7 é perceptível o foco na preservação dos materiais, nomeadamente 56% no nível 4 (adquiriu) e a restante percentagem de 20% no nível 5 (adquiriu totalmente), revelando que o grupo respeitou as normas de utilização dos materiais para a realização dos puzzles da obra, mais concretamente com a utilização do papel recortado e as quantidades de cola para a colagem no registo individual.

Apesar de 4% das crianças se encontrar a nível 2 (não adquiriu) no interesse, grande parte do grupo manifestou empenho sobre o que aprendeu e observou com percentagens idênticas a nível 4 e 5, surgindo a mesma situação no que toca à participação com 48% nos mesmos níveis, ou seja, praticamente metade do grupo questionava ou dava a sua opinião relativamente à vida da artista e as suas obras.

A autonomia das crianças revela o valor de percentagem mais alto a nível 5 com 32%, significando que nem sempre foi necessário o apoio do adulto ao longo da tarefa. O mesmo acontece, mas a nível 3, com a maior percentagem de 44% na motivação, onde as crianças manifestaram que se sentiram motivados pela temática.

Gráfico 8 - Competências - Artes Visuais



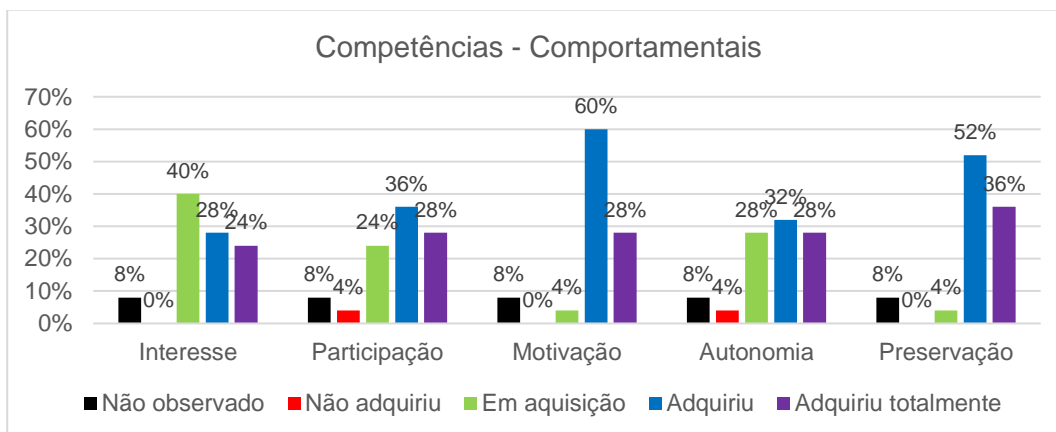
O gráfico 8, relativamente às competências do subdomínio das Artes Visuais, revela um destaque relativo aos materiais e à expressão, isto é, uma percentagem de 52% a nível 4 (adquiriu) para com os materiais e de 56% a nível 3 (em aquisição) da expressão. Isto significa que as crianças respeitaram a utilização dos materiais como, por exemplo, a tesoura bem posicionada para o recorte e a cola e o pincel para a colagem, tal como a realização dos puzzles de forma expressiva sendo capazes de interpretar a obra.

Apesar de 8% do grupo se encontrar no nível 2 (não adquiriu) no que se refere aos artistas, a Frida Kahlo foi uma das artistas que o grupo mais revelou interesse em conhecer, o que explica a percentagem idêntica de 28% a nível 4 e 5 (adquiriu totalmente) nesta competência.

Mesmo sendo uma atividade com puzzle, as crianças revelaram uma maior percentagem de 32% na capacidade criativa a nível 3. Na manifestação de artes visuais, a percentagem centra-se, igualmente, em 32% a nível 3 e 4, uma vez que foram capazes de observar a obra e questionar sobre a mesma.

1.5. Análise da Atividade 5 - “Um museu cheio de tinta!”

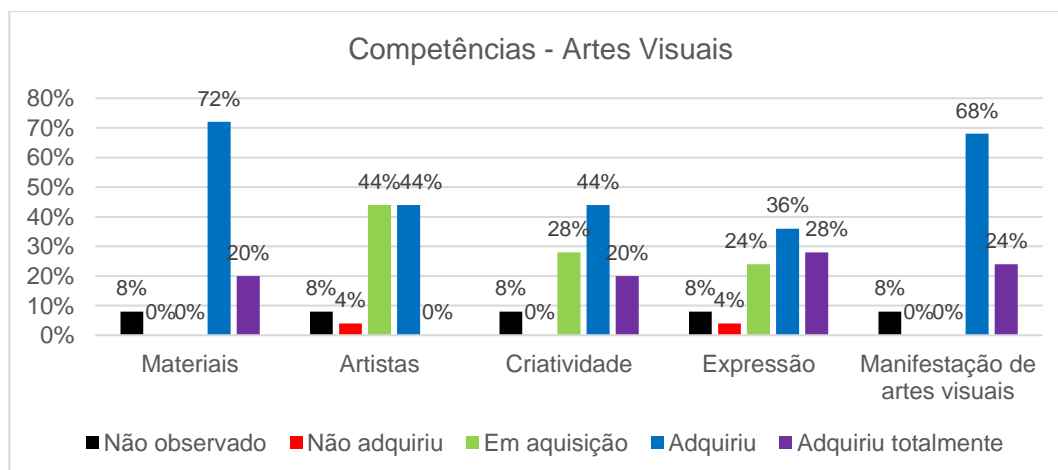
Gráfico 9 - Competências - Comportamentais



Tratando-se de uma visita de estudo a um museu, o gráfico 9 explica o destaque na percentagem de 60% a nível 4 (adquiriu) e de 28% a nível 5 (adquiriu totalmente) no que toca à motivação, uma vez que foi a pedido do grupo para se deslocarem ao museu. O mesmo sucede na preservação dos materiais, onde realizaram uma atividade diferente e foram capazes de respeitar e cuidar os mesmos, concretamente com 52% a nível 4 e 36% a nível 5.

8% das crianças não estiveram presentes na visita, mas, contudo, o grupo revelou um total de 52% relativamente ao interesse a nível 4 e 5, acontecendo o mesmo na participação com um total de 64% nos mesmos níveis e contrariando os 4% a nível 2 (não adquiriu) nesta competência. Relativamente à autonomia, sendo um contexto novo e uma atividade onde as crianças necessitaram de maior orientação, isto originou 4% das crianças a nível 2, mas a maioria do grupo revelou uma grande autonomia ao longo do trabalho com um total de 60% a nível 4 e 5 no seu total.

Gráfico 10 - Competências - Artes Visuais



No gráfico 10, observamos a maior percentagem quase total do grupo relativamente aos materiais a nível 4 (adquiriu) com 72% e 20% a nível 5 (adquiriu totalmente), um dos potenciais do grupo ao utilizar os novos materiais que conheceram, no caso da esponja com o corante para pintarem. O mesmo acontece com a manifestação de artes visuais com um destaque de 68% a nível 4, uma vez que o grupo questionou e dialogou bastante sobre o funcionamento do museu, os artistas e as obras.

Realizando uma visita e conhecendo obras de diferentes artistas, apesar de 4% das crianças se encontrarem no nível 2 (não adquiriu) sobre esta competência, 44% revelaram aprender a conhecer os mesmos com a percentagem idêntica a nível 3 (em aquisição) e a nível 4.

Como uma diferente atividade na oficina, funcionando a pares, as crianças foram capazes de se expressarem, ainda com 4% a nível 2, de uma forma positiva com uma percentagem completamente distribuída de 24% a nível 3, 36% a nível 4 e 28% a nível 5, uma vez que tiveram de recorrer à sua imaginação ao desenhar o que era pedido. Isto revela, também, a capacidade criativa do grupo com um total de 64% a nível 4 e 5 na competência de criatividade.

1.6. Síntese das atividades

Torna-se importante apresentar uma breve síntese sobre as conclusões da análise dos dados relativos à observação participante, na medida de percebermos, de uma forma geral, as competências mais destacadas ao longo das cinco atividades.

Relativamente às competências comportamentais, a preservação dos materiais é a competência mais relevante ao longo das atividades, ou seja, respeitar as normas de preservação dos vários materiais utilizados. Todas as crianças tiveram o cuidado de entender como funcionavam os materiais, mais concretamente no que toca a materiais que os próprios ainda desconheciam, para o que serviam, quais as regras de utilização e, principalmente, o cuidado a ter. O facto de descobrirem novos materiais e técnicas pode explicar o porquê de a motivação ser, também, a competência que se destaca ao longo das atividades, uma vez que as crianças se envolviam totalmente sobre as temáticas e experienciavam novas descobertas, o que acabou por provocar uma postura mais motivadora perante as tarefas e o grupo sempre se demonstrou em compromisso com os objetivos traçados nas cinco atividades. Todas as competências comportamentais foram visíveis, mas, as duas referidas foram as mais destacadas.

No que respeita às competências do subdomínio das Artes Visuais, o maior enfoque centra-se nos materiais, isto é, aplicar as normas de utilização dos utensílios/suportes, representando e recriando plasticamente utilizando diferentes materiais, ou seja, saber aplicar de forma adequada a utilização dos mesmos. Em todos os momentos, as crianças, após terem em conta o conhecimento e a preservação dos materiais como competência comportamental tal como referido anteriormente, manifestavam conhecer os materiais e utilizavam os mesmos de forma adequada, ou seja, a preservação destina-se a conhecer as suas normas de utilização e a competência dos materiais foca-se em perceber se as crianças foram realmente capazes de utilizar os diversos materiais.

Visto que as cinco atividades são implementadas em torno do projeto e das decisões das crianças, os artistas que as mesmas conheceram foram fruto das suas escolhas, uma parte cónica associada ao conhecimento dos artistas, da sua obra e vida, o que levou a um maior investimento também sobre esta competência com as atividades em torno de Claude Monet, Goya ou Frida Kahlo. O grupo dialogava sobre as suas vidas, as correntes onde estes se inserem e marcos importantes ao longo das histórias contadas em cada atividade, querendo conhecer as diferentes obras de cada um, votando inúmeras vezes através de gráficos para perceberem qual delas queriam trabalhar. Tudo isto justifica, também, que a competência de manifestações de artes visuais seja adicionalmente umas das competências de destaque, onde o grupo apreciou diferentes manifestações de artes visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas.

Contextualizando com as tabelas 1 e 2 de referencial de competências a desenvolver e os seus indicadores descritos na página 47, os gráficos revelam menor investimento por parte das crianças no que se referem às restantes competências comportamentais, tais como a autonomia, o interesse e a participação, sucedendo o mesmo com outras competências das artes visuais como a criatividade e a expressão. Contudo, é, assim, essencial referirmos que as competências referidas como destaque, nomeadamente a preservação dos materiais, a motivação, a utilização dos materiais, conhecer diferentes artistas e apreciar diferentes manifestações de artes visuais, foram as mais notórias pelo grupo, mas o que não invalidou todas as competências traçadas serem alcançadas satisfatoriamente. Apenas o grupo realçou estar apto sobre essas competências com um maior rigor ao longo do seu trabalho e foram inúmeras as vezes que alcançaram um percurso rico e construtivo sobre estas, mas com alguns momentos em que as crianças precisaram de maior trabalho sobre as restantes competências.

2. Análise das Entrevistas

2.1. Análise das entrevistas a Educadores de Infância

As presentes entrevistas foram realizadas a 12 educadoras de infância de diferentes instituições que são denominadas de E1 a E12 para garantir o seu anonimato e confidencialidade (ver Anexo 4). A análise é apresentada em texto e realizada a cada objetivo específico da tabela 5 da página 51 referindo cada pergunta e, de seguida, é apresentada uma síntese como forma da análise geral por cada bloco temático.

2.1.1. Perfil dos Entrevistados

As entrevistas foram realizadas a 12 entrevistadas do sexo feminino com idades compreendidas entre os 23 e os 56 anos, mais concretamente com 33,3% no intervalo dos 20 anos, 41,7% no intervalo dos 30 anos, 16,7% no intervalo dos 40 anos e apenas 8,3% no intervalo dos 50 anos. Relativamente às habilitações literárias, 58,3% das educadoras de infância têm a licenciatura, enquanto que 41,7% têm o mestrado quanto à sua formação.

Todas as educadoras entrevistadas lecionam em diferentes instituições e os seus anos de serviço variam de 0 a 25 anos, isto é, 16,6% das entrevistadas têm 0 anos de serviço devido a encontrarem-se, ainda, em experiência de estágios na área, 33,3% lecionam com um ano de serviço e o restante 50,1% variam a sua experiência entre quatro, nove, catorze, vinte, vinte e cinco e trinta e quatro anos.

2.1.2. Conceito de Educação Artística

Na primeira pergunta “O que entende por Educação Artística?”, grande parte das educadoras de infância, mais concretamente 58,3%, referem a Educação Artística como uma área global e abordagem educativa que envolve diferentes áreas que estão interligadas entre si e um contacto em prol da arte com que a criança contacta desde cedo, privilegiando o seu desenvolvimento cognitivo e pessoal, tal como menciona E1, “a Educação artística engloba as artes visuais, o jogo, o teatro, a música e a dança” ou E12, “é uma educação alicerçada em tudo o que envolve arte. Por exemplo, música, teatro”.

41,7% das entrevistadas referem a Educação Artística como uma área que trabalha competências essenciais das crianças desde cedo, uma vez que E6 nos diz que “a educação artística é o primeiro contacto com a arte da criança, que se inicia desde o berçário. Tem as mais variadas formas e engloba um sem número de experiências fantásticas para as crianças”. Também E8 refere que a Educação Artística “privilegia as diferentes modalidades artísticas em prol do desenvolvimento cognitivo e pessoal do indivíduo”, ao encontro do que refere E9 que defende, também, a Educação Artística como “um meio que permite que a criança enriqueça, desenvolva, a sua expressão e comunicação”.

E10 defende que a Educação Artística trabalha desde os sentidos das crianças, como também a sua sensibilidade e experimentação, completando com a estimulação da criatividade referida por E11.

2.1.3. Competências específicas relacionadas com a Educação Artística

Na pergunta anterior são referidas algumas competências das crianças relacionadas com a Educação Artística, contudo, na pergunta “Acredita que a Educação Artística estimula e desenvolve competências nas crianças? Se sim, quais?”, as entrevistadas referem competências desde pessoais, sociais, cognitivas e mesmo em torno da arte, como, por exemplo, E1 que nos diz, “sim, estimula e desenvolve competências: sociais, culturais, em termos de independência da criança”.

99,6% das educadoras referem competências pessoais, sociais ou cognitivas das crianças, ou seja, competências em que a Educação Artística desenvolve aspetos sobre si própria, como lidar com os outros e sobre a sua tarefa, tais como competências emocionais, de concentração, imaginação e criatividade e de cooperação, dinamismo e trabalho em equipa com os colegas. E7 menciona que “(...) a educação artística provoca diferentes estímulos nas crianças na medida em que as leva a ter contacto com situações com as quais, à partida, não estão habituadas”, completando E6 que defende competências sobre a capacidade da criança “ (...) ver o mundo com diferentes olhares, de pintar a sua realidade (...)”.

Também o exemplo de E9 sobre o trabalho em torno da Educação Artística com uma criança que se torna “mais autónoma, responsável, criativa, alarga a autoestima, desinibida, enriquece a representação simbólica e estética e alarga a comunicação interpessoal”, ajudando a que a criança se conheça a si própria e os outros.

Mais concretamente a competências cognitivas e em torno da arte, 58,3% das educadoras de infância mencionam competências como motoras, estéticas, de coordenação, motricidade, tal como refere E7, "(...) permite que estas se desenvolvam a nível da audição, a nível motor, a nível visual de uma forma que as outras vertentes não conseguem", completando E6 que nos indica que a Educação Artística destaca a capacidade "de ouvir e conhecer música, melodias, cantar, dançar e expressar-se de diferentes formas através do seu corpo". A mesma entrevistada refere que através da Educação Artística, a criança é capaz "de usar diferentes materiais, de reutilizar, de recortar, modelar, de observar e interpretar obras de arte", um aspeto importante relativo às Artes Visuais.

2.1.4. A relação da Educação Artística com a Interdisciplinaridade

Para compreender a relação da Educação Artística com a Interdisciplinaridade foi colocada a questão "Considera que a Educação Artística potencia a interdisciplinaridade? Porquê?", onde 100% das entrevistadas consideram que a Educação Artística, de facto, potencializa a interdisciplinaridade.

Deste modo, 75% das educadoras de infância referem que com uma educação através das artes, é possível interligar a outras áreas ou domínios trabalhando em simultâneo e relacionar diferentes conteúdos, uma vez que, tal como refere E1, "as OCEPE não foram criadas para serem trabalhadas em forma de "gavetas", mas sim, interligadas" e como E7, "podemos primeiro envolver as várias vertentes da educação artística e lecionar outros conteúdos com a educação artística que promova a interdisciplinaridade e motive os alunos devido à utilização de estratégias diferentes e mais dinâmicas".

25% das entrevistadas relacionam a Educação Artística com a interdisciplinaridade, também, pela sua capacidade de se tornar numa ferramenta motivacional, não só de forma a promover a motivação, como também, a curiosidade, o poder de descoberta e conhecimentos únicos das crianças através de diferentes experiências trabalhando diferentes domínios. E9 acredita que através da interdisciplinaridade entre a Educação Artística, "a criança, através do que sabe fazer, do seu prazer em explorar, manipular, transformar, criar, observar e comunicar, proporciona experiências e oportunidades de aprendizagem diversificadas, que ampliam as aprendizagens espontâneas das crianças".

2.1.5. A importância da Educação Artística na Educação Pré-Escolar

De modo a compreender a importância da Educação Artística no JI, com a pergunta “Qual o valor da Educação Artística na Educação Pré-Escolar?”, percebemos que 66,7% das entrevistadas retribuem um valor significativo à Educação Artística como ferramenta em contexto de EPE e que esta é fundamental para o desenvolvimento integral da criança. “A Educação artística é, como já referi, um marco de interligação entre todas as áreas de conteúdo que aborda diversas competências essenciais à formação inicial da criança” (E6), onde esta deve estar presente “diariamente de forma consciente, descontraída sempre aberta a novas experiências”. (E10). Segundo E9, cabe ao educador de infância desenvolver a criatividade das crianças, “alargando e enriquecendo a sua representação simbólica e o seu sentido estético, através do contacto com diversificadas manifestações artísticas de diversas épocas, culturas e estilos, incentivando o espírito crítico”.

33,3% das educadoras de infância consideram que o valor é pouco notório, uma vez que seria importante existir um grande investimento por parte dos profissionais neste sentido, tal como explica E1 quando refere que, neste momento, a Educação Artística “não tem muito valor, principalmente na altura dos 5 anos em que muitos educadores se focam em preparar as crianças para a entrada do primeiro ciclo. Penso que devia de estar mais presente nas salas de PE”, ou E7 que pensa que “é nesta fase que devemos apostar na educação artística. É uma idade em que as crianças absorvem tudo e com a educação artística podemos desenvolver melhor os sentidos e algumas competências essenciais para o desenvolvimento”.

2.1.6. O papel da Arte no processo educativo

Com a pergunta “Na sua opinião, qual o papel da arte no processo educativo?”, 75% das entrevistadas consideram o papel da arte de extrema importância no percurso educativo, uma vez que esta “(...) ajuda as crianças a fomentar a sua criatividade, a sua imaginação, a ver o mundo com um olhar mais atento, mais original. Ajuda-as a sonhar, a criar (...)” (E6), como estimula a novos desafios e motiva para a aprendizagem. A criança demonstra sensações e sentimentos e, como refere E9, serve para que esta se identifique como pessoa, para com os outros e o mundo, “sendo importantes as técnicas e instrumentos utilizados, bem como a organização do ambiente educativo, nomeadamente o que é exposto, alargando a criatividade e o sentido estético”.

25% das educadoras de infância entrevistadas referem o/a educador/a de infância como um principal agente no processo entre a arte e a criança, onde este “pode observar o desenvolvimento da criança e/ou problemas que a criança tenha, como é que a criança se expressa (...)” (E1) e, também, como nos diz E2 “é pertinente, mas ao mesmo tempo é um grande desafio para o educador”, uma vez que o próprio tem o desafio de observar e, em simultâneo, utilizar a arte como um “meio de comunicação para exteriorizar pensamentos e emoções” (E3).

A importância da arte também se verifica quando à pergunta “No jardim de infância, as crianças devem ter a oportunidade de realizar atividades que promovam o sentido estético e que envolvam a arte?”, 100% das educadoras de infância entrevistadas afirmam que sim e que “o educador não se deve ficar apenas por “desenhinhos” numa folha branca. As artes visuais vão para além disso. Pode-se trabalhar pintores, formas de pintar diferentes, manipulação de materiais diferentes, conhecer formas de expressão diferentes” (E1).

Assim, são os artistas, as obras ou as manifestações artísticas os pontos que muitas entrevistadas, mais concretamente 41,6%, referem como um aspeto fulcral, uma vez que “as crianças mostram uma sensibilidade extraordinária perante a Arte e são absolutamente imaginativas e criativas (...)” (E6).

2.1.7. Utilização de estratégias com as Artes Visuais como recurso educativo

Através da pergunta “Procura utilizar as Artes Visuais como recurso dentro da sua sala? Se sim, com que frequência? E de que forma?”, verificamos que 91,6% das educadoras de infância procuram, de facto, utilizar as Artes Visuais dentro da sala, mas que apenas 41,6% coloca isso em prática frequentemente ou mesmo todos os dias.

As formas como as estratégias são colocadas em prática variam desde “(...) uma panóplia de atividades e recursos disponíveis livremente para as crianças (...)” (E6), como, também, “(...) em registos pessoais ou de grupo, e utilizando muitos materiais recicláveis (...)” (E9).

Ou seja, variam dos temas e contextos do grupo que, tal como refere E11, “fazendo diferentes trabalhos dependendo dos temas em questão. Colagem, pintura das mais diversas maneiras, picotagem, moldagem”.

2.1.8. A recetividade das crianças face às Artes Visuais

De forma a entender a recetividade das crianças com que as entrevistadas lidam e trabalham frequentemente, foi colocada a pergunta “Qual a recetividade das crianças às Artes Visuais?”, à qual 100% das educadoras de infância respondem afirmativamente que esta recetividade é de excelência e que as crianças se manifestam entusiasmadas e interessadas. “É uma área de excelência na minha prática pedagógica, as crianças são muito recetivas, mostrando prazer e satisfação na concretização” (E8).

E3 menciona, ainda, que as crianças do seu grupo aderem com entusiasmo, mas, principalmente “se lhe proporcionamos uma grande variedade de materiais”, tal como E6 que, vivenciado um projeto em torno da arte ao longo do ano, as Artes Visuais tiveram uma presença diária “com uma diversidade de técnicas muito grande, que todas as crianças puderam experimentar. A sua recetividade foi absolutamente extraordinária e o reflexo deste projeto no grupo foi notável”.

2.1.9. A importância de formação na área das Artes Visuais

Através da pergunta “Considera importante a formação contínua na área das Artes Visuais? Quais os conteúdos que gostaria de abordar?”, percebemos que 100% das entrevistadas consideram importante a formação contínua sobre o tema. E6, para além de afirmar que sim, diz-nos ainda “(...) embora não existam muitas formações nesta área (...)” e E10 menciona que esta formação deveria ser “dada por quem tem boas práticas”.

Em relação aos conteúdos que as educadoras entrevistadas gostariam de abordar, é importante realçar o facto de 66,6% referirem que poderiam aprender mais sobre diferentes técnicas. E2 menciona o seu exemplo com colegas da área que trabalham as Artes Visuais apenas com pinturas, entre os marcadores, tintas ou lápis de cor, mas que adora “ver técnicas de lápis de cera derretido, de espuma com tinta, o papel higiénico. Considero importante utilizar materiais do dia a dia e mostrar-lhes formas grandiosas de aprender”, ou seja, é importante variar o pensamento sobre como podemos trabalhar as Artes Visuais e o/a educador/a deve investir neste aspeto, pois, como refere E9, “a formação contínua é importante, porque nos permite atualizar-nos com novas técnicas”. “(...) Quando comecei a trabalhar havia muitas técnicas que não conhecia e tive de me informar... Pasta de papel, trabalhar com o barro, Fimo (...)” o que revela que a formação nesta área ainda é um aspeto a investir ao longo do percurso dos profissionais.

2.1.10. Tipo de estratégias a serem optadas para explorar as Artes Visuais

Com a pergunta “Que estratégias pode utilizar para explorar diferentes perspectivas nas Artes Visuais?” concluímos que 75% das educadoras entrevistadas referem os materiais e a manifestação de artes visuais como as principais estratégias a utilizar, isto é, “começar com a exploração de um pintor, descobrir um pouco a sua arte, explorar cores, materiais, formas de pintar, dará "asas" tanto ao educador como para as crianças” (E1) e, também, como refere E6 sobre a sua experiência, “uma das estratégias que utilizamos este ano e foi muito interessante, foi a exploração e interpretação de diversas obras de arte e o conhecimento das técnicas de vários pintores ou pintoras” que revelou que as crianças manifestassem a sua criatividade e promovessem a sua imaginação enquanto conheceram e aplicaram as diferentes técnicas.

E2 relata-nos a sua experiência em vários espaços da instituição, pois “vou para o jardim, para a horta, para o refeitório. Também vamos ao teatro, ao jardim-zoológico” e E10 relata-nos, ainda, experiências em volta de “Visitas interativas a museus e formação com artistas com experiência pedagógica”.

2.1.1. Síntese das entrevistas e Educadores/as de Infâncias

Na tabela 5 da página 51, observamos os blocos temáticos e os objetivos específicos das questões colocadas às 12 educadoras de infância entrevistadas. Na análise nos pontos anterior estiveram presentes cada objetivo específico que foram analisados tendo em conta as respetivas perguntas. Na presente síntese, é apresentada uma análise geral das respostas por cada bloco temático presente na respetiva tabela.

Relativamente ao bloco temático “A Educação Artística e a sua relevância”, as entrevistadas revelam considerar este conceito como uma área global que envolve diferentes áreas, mais concretamente o subdomínio das Artes Visuais, da Música, do Jogo Dramático/Teatro e Dança, privilegiando, assim, o desenvolvimento das crianças que devem ter o primeiro contacto com a arte desde cedo. Na visão das entrevistadas, a Educação Artística privilegia competências pessoais e sociais nas crianças, desde a concentração, imaginação, criatividade, tal como a cooperação, o dinamismo e a capacidade de trabalhar em equipa que, nas suas perspectivas, estas provocam estímulos para que a criança observe o mundo de outra forma e devem ser promovidas neste sentido.

Também competências cognitivas em torno da coordenação, motricidade e sensibilidade estética são mencionadas pelas entrevistadas, na medida em que as crianças consigam desenvolver outras capacidades.

Um dos aspetos relevantes a mencionar no que respeita à relação da Educação Artística com a interdisciplinaridade, é o facto de todas as educadoras concordarem que esta área beneficia o contacto da arte com outras áreas ou domínios, de modo a trabalhar e relacionar os conteúdos e a mencionam como uma ferramenta motivacional. Esta relação com as outras áreas explica a valorização, por parte das entrevistadas, conferida à Educação Artística, apesar de mencionarem que deve ser mais investida.

No bloco temático “As Artes Visuais como recurso educativo nas aprendizagens das crianças”, as educadoras de infância consideram a arte extramente importante e que deve ser o/a educador/a de infância a promover a relação da criança com a mesma. Concluimos, ainda, que mencionam a importância da arte, uma vez que desenvolve competências que estimulam a criança e motiva-a para as aprendizagens, e que as Artes Visuais vão muito para além do pintar, pois é possível até investir na manifestação das Artes Visuais trabalhando pintores, novas formas ou manipulação de diferentes materiais. Neste sentido, todas as entrevistadas assumem procurar promover e utilizar as Artes Visuais dentro da sala utilizando estratégias com diferentes técnicas, materiais ou temas. Quando desenvolvida, a receptividade das crianças para com as Artes Visuais, na visão das educadoras de infância, é muito positiva, pois demonstram-se entusiasmadas e interessadas, principalmente quando descobrem múltiplos materiais.

No terceiro bloco temático “O papel do(a) educador(a) de infância e a utilização de estratégias nas Artes Visuais”, as entrevistadas assumem que é importante uma formação contínua para que possam recorrer a boas práticas e desenvolver, assim, o trabalho com as crianças. Com isto, as educadoras gostariam de abordar, essencialmente, temas inerentes a diferentes técnicas, isto é, com diferentes materiais, formas ou manipulações, para que possam variar o pensamento sobre a forma de trabalhar e, assim, as crianças notarem diferentes métodos de trabalho. As estratégias que utilizam referem-se, essencialmente, aos materiais e à manifestação das Artes Visuais, ou seja, grande parte trabalha diferentes artistas e a interpretação de diversas obras de arte, explorar formas, cores, materiais e, até mesmo, visitas a museus.

Assumimos que os blocos temáticos com os objetivos específicos foram alcançados e desenvolvidos através das perspetivas das 12 educadoras de infância que mostraram o seu interesse nesta área e partilharam as suas experiências com as crianças como profissionais em EPE.

2.2. Análise das entrevistas de impacto às crianças

As presentes entrevistas de impacto foram realizadas a 22 crianças que pertenciam ao grupo de 5 anos da EPE, o ano onde foi desenvolvida a Metodologia de Trabalho de Projeto e aplicadas as cinco atividades referidas anteriormente.

Como forma de perceber o impacto deste projeto e do trabalho desenvolvido, pensamos que seria pertinente ouvir os seus comentários face ao que aprenderam (ver Anexo 6).

De uma forma inicial, no ponto seguinte surge a identificação das crianças que frequentam atualmente o 1º Ciclo do Ensino Básico e, por isso, são denominados de alunos (A1 a A22) para garantir o seu anonimato e confidencialidade. Foi realizada a pergunta “O que mais te recordas e gostaste do Projeto do ano passado?” e, neste caso, visto que foi realizada apenas a presente questão focada no que recordam e gostaram, a análise é apresentada numa tabela que se divide perante estas duas dimensões presentes na questão, surgindo os diferentes conceitos referidos e as suas afirmações. De seguida, é apresentada uma síntese como forma de análise geral, tendo em conta a tabela exposta e os objetivos da entrevista.

2.2.1. Identificação dos Entrevistados

As entrevistas foram realizadas a 22 alunos do 1º ano de escolaridade que no ano anterior pertenceram à sala de 5 anos da EPE onde decorreu a investigação.

O grupo era constituído por 25 crianças, contudo, uma das crianças reteve e duas mudaram de instituição e, por isso, as entrevistas foram realizadas a 59,1% dos alunos do sexo masculino e 40,9% do sexo feminino com idades compreendidas entre os 6 e 7 anos.

2.2.2. Análise das entrevistas

Pretendeu-se realizar a análise através de uma tabela que apresenta as diferentes dimensões mencionadas, ou seja, é relevante referir que esta se divide em dois aspetos, mais concretamente nas recordações e nas preferências, uma vez que a questão que foi colocada está focada nas mesmas.

De seguida, estão presentes os aspetos mais referidos pelos entrevistados que surgiram após as análises das entrevistas que são sustentados com as suas afirmações.

Tabela 9 - Análise das entrevistas de impacto

	Recordações	Preferências
Técnicas	Técnicas de pintura: “aguarelas” (A1, A3, A4, A5, A6, A9, A12 e A14); “lápiz de cor” (A8 e A10); “esponja e giz” (A1, A7, A11, A13, A14, A16 e A17); “corante alimentar” (A1, A2, A5, A6, A11, A13 e A14).	“Gostei de pintar” (A2); “Gostei mesmo muito de fazer aquele desenho com aquele pincel muito grande sobre Monet” (A3); “(…) gostei do projeto porque usamos (…) aguarelas uma vez” (A8); “O que mais gostei foi de fazer o nosso retrato porque eu gosto de desenhar” (A9).
Visitas de estudo	“Museu Soares dos Reis” (A1, A4, A5, A10, A11, A13, A15 E A18); “Museu de Serralves” (A1, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A17, A18 e A21).	“Gostei muito do piquenique desse dia ao almoço” (A2); “Gostei mais da atividade da gotinha em Serralves porque foi mais giro e tínhamos de pintar desenhos com ela” (A4); “No Museu Soares dos Reis vimos uma estátua e quadros. Gostei dos quadros porque ficaram iguais quando fizemos o registo” (A5); “Foi a atividade que mais gostei porque aprendi a pintar gotas” (A13); “Gostei muito deste dia porque vimos um museu verdadeiro” (A14).
Artistas	“Monet” (A1, A2, A3, A5, A6, A10, A15, A16, A18, A19, A21 e A22); “Frida Khalo” (A3, A4, A5, A6, A7, A8, A10, A11, A12, A14, A15, A16 e A19); “Picasso” (A1, A2, A3, A5, A6, A7, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A17, A21 e A22); “Miró e Salvador Dalí” (A2, A3, A9, A11, A13, A14, A17 e A19); “Matisse” (A1, A4, A9, A14, A15, A6 e A9).	“Também gostei dos pintores porque são eles que fazem as artes” (A22).
Materiais	“pincéis”, “tintas”, “papel”, “tesouras”, “folhas”, “lápiz” ou “esponja” (A5, A6, A10, A12, A13, A15, A16, A17 e A19).	“(…) daqueles pincéis muito grandes que fizemos as obras de Monet” (A2); “Gostei mesmo muito de fazer aquele desenho com aquele pincel muito grande sobre Monet” (A3); “Usamos tintas, pincéis e gostei de tudo” (A5); “Mas a minha atividade preferida foi a dos pincéis grandes, onde utilizamos tintas, uma tela e um pincel

		comprido e tínhamos de fazer uma obra de Monet” (A16); “Pintar porque é colorido, aprendo a mexer no pincel, a pegar no pincel” (A22).
Obras	“obras dos pintores” e “quadros dos pintores” (A2, A4, A5, A6, A7, A9, A10, A11, A15, A16, A18, A19 e A20).	“Gostei também daquela arte da Frida, a do Papagaio, porque era muita gira e gostava dessa” (A7); “(…) lembro-me da pintura das frutas que era da Frida. Foi a que mais gostei por ser gira e tinha muitas cores (A8); “De contornar e das obras” (A15); “Foi das que mais gostei porque tinha mesmo muitas frutas” (A16).
Importância do projeto	Sobre “pintores”, “museus”, “pinturas” e “arte” (A1 a A22).	“Este projeto foi muito bonito” (A6); “Voltava a ter este projeto” (A9); “Voltava a ter, foi importante porque se não fizemos na vida mais coisas de pintar, não tínhamos como fazer as coisas coloridas e os lápis de cor também não existiam. Posso ser criativo, podes inventar coisas e também podes fazer um mundo colorido e flores coloridas” (A10); “Tudo foi importante para sabermos pintar e a fazer pinturas de artes” (A13); “É muito importante para aprendermos mais sobre a obra de arte” (A16); “Foi tudo importante para trabalharmos mais e mais um dia de trabalho, ter mais inteligência e aprendizagem” (A17); “O projeto foi muito importante para sabermos fazer pinturas, a ser mais pintores e a aprender mais” (A19).
Importância da Arte	“pintar”, “desenhar”, “colar”, “ser divertida” (A1 a A22).	“(…) se não tivéssemos voz, podíamos desenhar” (A9); “Posso ser criativo, podes inventar coisas e também podes fazer um mundo colorido e flores coloridas” (A10); “(…) a arte foi importante (...) porque nós aprendemos outras coisas a desenhar e a pintar, ajuda-nos e mexer a termos mais criatividade” (A11); “Acho a arte importante porque fazemos coisas giras, dá para recortar e depois colar o trabalho e aprender coisas novas” (A15); “É importante porque se soubéssemos só escrever, se nos perguntarem para pintar nós não sabemos” (A21).

Com base na tabela anterior, foi possível reunir vários dados em percentagens relativos às recordações e preferências dos alunos sobre o projeto do ano passado.

Percebemos que 77,3% dos entrevistados foram capazes de recordar técnicas interligadas à pintura, como também 77,3% mencionam as visitas aos museus, com um maior destaque de 68,2% no que concerne à visita de estudo ao Museu de Serralves.

Recordam muitos artistas referidos ao longo do projeto, mas é fulcral referir a percentagem de 59,1% no que diz respeito a Frida Khalo como a artista que mais recordam e de 54,6% sobre a Claude Monet como o artista que mais preferem.

Também 40,9% dos alunos recordam os diferentes materiais utilizados e percebemos, assim, o impacto do projeto do ano anterior quando 100% recordam o tema e o que este retratou com a importância em torno da arte.

Estes dados refletem-se nas suas afirmações e são fundamentados na síntese apresentada de seguida.

2.2.1. Síntese das entrevistas de impacto às crianças

Respondendo à questão “O que mais te recordas e gostaste do Projeto do ano passado?”, os entrevistados referem-se mais concretamente a técnicas de pintura, às visitas de estudo implementadas nas atividades, aos artistas e às obras, aos materiais, à importância do projeto e, ainda, à importância da arte.

Relativamente às técnicas, os alunos foram capazes de recordar técnicas interligadas à pintura, uma vez que tiveram um primeiro contacto de descoberta com algumas das mesmas e com diferentes materiais, no caso das aguarelas com os pincéis de canas na atividade “Impressionando...com Monet” e a pintura com corante alimentar, giz e esponja na Oficina “Tinta à Solta” no Museu de Serralves. O facto de recordarem estes aspetos leva, também, a verificar que os alunos gostaram de descobrir diferentes técnicas de pintura através das suas afirmações e que uma das atividades que mais gostaram foi precisamente a de Claude Monet. Também mencionam as visitas aos museus, com um maior destaque sobre a visita ao Museu de Serralves e, para além de recordarem a visita, é perceptível que gostaram das visitas de estudo, uma vez que afirmam que preferiram esta atividade com grandes pormenores sobre a mesma.

Recordam muitos artistas referidos ao longo do projeto, mas é fulcral referir Claude Monet, o que corresponde a uma das atividades que mais gostaram e a uma das técnicas de pintura que presenciaram com os pincéis de canas, o que revela que a atividade manifestou vários interesses dos alunos. Recordam os diferentes materiais utilizados e nas suas afirmações percebemos o impacto em torno destes pincéis e das aguarelas.

Também se referem a Frida Khalo como uma das artistas que mais recordam, principalmente pela sua história de vida e pela obra que trabalharam, sendo esta a obra que mais demonstram que gostaram nas suas afirmações. Contudo, não manifestaram preferir algum artista que mencionaram recordar.

Percebemos o impacto do projeto do ano anterior visto que recordam o tema e o que este retratou, tal como verificamos na tabela quando mencionam o que mais gostaram e que voltavam a ter este projeto porque foi importante para serem criativos e saberem mais. O mesmo acontece com a arte, uma vez que foi o tema principal do projeto e os entrevistados referem-na como essencial para aprenderem coisas para além de ler e escrever ou aprender coisas novas de formas diferentes.

LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO

O presente estudo presenciou implicações ao longo do seu processo que foram sempre resolvidas e tomadas em atenção.

O tempo curto para a realização da investigação foi uma das principais limitações para a capacidade de gerir e organizar o tempo, principalmente no que concerne à observação participante, uma vez que as atividades implementadas sempre manifestaram uma preparação prévia, não só a nível dos materiais como, no caso das visitas de estudo aos museus, uma organização e diálogos presenciais com as instituições para a escolha de possíveis datas.

A unidade curricular que insere a prática profissional onde resultou o estudo decorreu em simultâneo com outras unidades curriculares como forma de relacionar a teoria investida nas aulas com a experiência prática. Para além de enriquecedor por relacionar a teoria com a prática, por vezes existiu uma dificuldade na gestão do tempo.

Contudo, foram criadas estratégias e um rigor para cumprir com os objetivos, de forma a insistir numa preparação delineada desde o início sobre a investigação para que esta não se limitasse ao tempo escasso, o que foi possível através de marcação de dias específicos e uma boa gestão do trabalho sobre todas as opções técnicas de investigação (ver Anexo 7).

Consideramos, assim, que os obstáculos foram ultrapassados e que conseguimos proporcionar todas as condições para que tudo fosse desenvolvido e cumprido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da presente investigação, aprofundamos a importância da Educação Artística, mais concretamente das Artes Visuais, aliada às aprendizagens das crianças em contexto de Educação Pré-Escolar, criando e entendendo estratégias que visam promover o seu desenvolvimento integral.

Contextualizando perante a questão de partida “De que forma as Artes Visuais facilitam as aprendizagens e desenvolvem diferentes competências na prática pedagógica?”, percebemos como as Artes Visuais melhoram a compreensão de diferentes conceitos através da sua utilização, fomentando assim a facilidade das aprendizagens. Com isto, surgem várias competências que são promovidas através de diferentes técnicas, particularmente as técnicas de pintura e exploração de diferentes materiais, e que motivam a criança a participar, a sentir-se envolvida sobre os temas, a manifestarem o seu interesse, a desenvolverem a criatividade, tal como trabalhar competências, também, em torno da estética e das manifestações das artes visuais.

Consideramos que estas competências e importância em torno da arte, parte, também, das estratégias utilizadas na sala para a sua promoção. É aqui que surge a importância do educador/a de infância que deve promover múltiplas estratégias dentro ou fora da sala de JI, como pudemos perceber em torno de diferentes materiais, exploração dos mesmos e conhecendo artistas, as suas obras e diferentes manifestações artísticas.

Percebemos, assim, que algumas das competências que mais se manifestaram focadas ao longo da implementação da observação participante, são as mesmas que as educadoras de infância referem como promovidas pelas Artes Visuais, nomeadamente desde a autonomia, o interesse e a participação ou mesmo a criatividade e a expressão. Para além destas competências serem salientadas nas atividades e por parte das profissionais, também as crianças no ano letivo seguinte, valorizam que se sentem motivadas, empenhadas e criativas ao trabalhar em contacto com a arte e diferentes técnicas. É importante salientar que, na visão das educadoras de infância, a arte é muito valorizada nos seus trabalhos, ainda que esta deva ser mais investida na área da educação, onde podem ser implementados novos conteúdos e mais formação contínua.

Torna-se, assim, essencial confrontar os três objetivos específicos traçados inicialmente relacionados com a questão de partida, com as diferentes análises e considerações mencionadas.

No que concerne a perceber a importância das Artes Visuais como facilitadora de aprendizagem, recorrendo às afirmações fornecidas pelas educadoras de infância, as mesmas interpretam esta área como fundamental para o desenvolvimento integral da criança. Nas atividades implementadas, é perceptível entender como ao longo do tempo foi possível integrar e colocar em prática estratégias em torno desta área.

É importante, também, referir que todas as educadoras consideram conferir a Educação Artística como aliada à interdisciplinaridade, o que é possível cruzar, neste caso, com as atividades implementadas. Com a artista Frida Khalo, o grupo trabalhou a obra “Natureza morta com papagaio e frutas” e, como pudemos perceber na entrevista às crianças no ano seguinte, foi a obra que mais impacto teve nas suas recordações e preferências. Isto significa que as crianças falaram implicitamente de diferentes aspetos relativos, também, à Área do Conhecimento do Mundo e o mesmo sucede com a audição das histórias da vida de cada artista e a interpretação das diferentes obras, ligando-se, assim, com a interdisciplinaridade e percebemos, focando-nos nas Artes Visuais, como esta se torna a importante como facilitadora de aprendizagem.

Relativamente a compreender o tipo de estratégias que podem ser utilizadas pelo/a educador/a para potencializar as Artes Visuais como recurso educativo, as mesmas dizem respeito à utilização de diferentes materiais e à manifestação de artes visuais como as principais estratégias a utilizar, tal como a exploração e interpretação de diversas obras de arte e artistas de forma a aplicar diferentes técnicas e promover, também, a imaginação, o que foi notório por parte dos profissionais e nas preferências das crianças.

No que diz respeito a entender que competências podem ser trabalhadas na área das Artes Visuais, ao longo das atividades percebemos como foram investidas algumas das competências comportamentais focadas na autonomia, no interesse e na participação, sucedendo o mesmo com outras competências das Artes Visuais como a criatividade e a expressão. Nas entrevistas com as educadoras de infância percebemos que reconhecem que em torno das Artes Visuais na EPE, as crianças sentem-se mais motivadas e criativas ao longo das tarefas, onde também as próprias crianças referem nas entrevistas que com a arte se sentem mais criativas e felizes para saberem mais.

Por fim, devemos salientar a importância desta investigação como perspetiva de futuro, uma vez que esta foi um trabalho inicial e que pretendemos agora uma prática profissional diferenciadora e desenvolver sempre competências que permitam o desenvolvimento integral da criança, partindo deste início de trajeto como capazes de valorizar as Artes Visuais como uma ferramenta dinâmica na prática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (2ªed.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra

Afonso, N. (2014). *Investigação naturalista em educação*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora

Dewey, J. (1989). O Meu Credo Pedagógico. Tradução in: *Cadernos de Educação de Infância*

Eça, T. (2010). Educação através da Arte para um futuro sustentável. *Cadernos Cedes*, (30)(80), 13-25. Disponível em <https://www.cedes.unicamp.br/>

Eça, T. (2008). Para acabar de vez com a Educação Artística. *Revista Digital do LAV*, (1)(1), 1-11. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3370/337027033003.pdf>

Eisner, E. W. (1972). *Educar la visión artística*. Barcelona: Paidós Educador

Freinet, C. (2004). *Pedagogia do Bom Senso* (7ª ed.). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda

Gloton, R. & Clero, C. (1976). *A actividade criadora na criança*. Lisboa: Editorial Estampa.

Godinho, J. C. & Nunes de Brito, M. J. (2010). *As Artes no Jardim de Infância* (1ª ed.). Lisboa: Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Gonçalves, E. (1991). *A Arte descobre a Criança*. Lisboa: Raiz Editora

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo - Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipia

Kowalski, I. (2012). Criatividade e educação estética na infância. *Cadernos de Educação de Infância*, (96), 47-49. Disponível em http://apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/CEI.96_IK.pdf

Leite, E. & Malpique, M. (1986). *Espaços de criatividade*. Porto: Edições Afrontamento

Lopes da Silva, I., Marques, L., Lourdes, M. & Rosa, M. (2017). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação

- Lowenfeld, V. (1954). *A criança e a sua arte*. São Paulo: Editora Mestre Jou
- Lüdke, M., & André, M. E. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda
- Malheiro, C. (2008). *Instrumentos de avaliação - Estudo centrado em escalas utilizadas no Mestrado em Actividade Física Adaptada*. Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Desporto
- Nunes, L. B. (2010). *As imagens que invadem as salas de aula: reflexões sobre cultura visual*. Ideias&Letras
- Oliveira, M. (2018). Escola do Futuro: Perspetivas dos Alunos de 1.º Ciclo do Ensino Básico. *Saber & Educar*, (24). Disponível em <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/issue/view/29/showToc>
- Oliveira, M. (2017). *A Educação Artística para o desenvolvimento da Cidadania*. São Salvador: APECV
- Oliveira, M. (2016). A importância da arte contemporânea para o futuro professor: uma abordagem desde a perspectiva dos estudantes. *Revista GEARTE*, 3, (1), 53-66. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/gearte>
- Oliveira, M. (2016). Arte e Educação: Um Diálogo em Tempo de Mudança. *Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, 5(2). Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3370/337027033003.pdf>
- Oliveira, M. (2015). *A Arte Contemporânea para uma Pedagogia Crítica*. Porto: APECV
- Oliveira, M. (2007). A Expressão Plástica para a compreensão da Cultura Visual. *Saber & Educar*, (12), 61-78. Disponível em <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar>
- Oliveira, M. & Santos, A. (2004). A Arterapia: Os Efeitos Terapêuticos de Expressão Plástica e a sua influência no Comportamento e Comunicação da Criança. *Cadernos de Estudo*, (1), 27-33. Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/710/2/Cad_1Arterapia.pdf
- Parente, C. (2002). *Observação: um percurso de formação, prática e reflexão*. Porto Editora: Porto

Rangel, M. & Gonçalves. C. (2011). A Metodologia de Trabalho de Projeto na nossa prática pedagógica. *Da investigação às práticas*, (1)(3), 21-43. Disponível em <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2809/1/A%20metodologia%20de%20trabalho%20de%20projeto.pdf>

Read, H. (2010). *Educação Pela Arte*. Lisboa: Edições 70

Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação* (2.^a ed.). Lisboa: Horizonte

Sousa, M. (2008). *Música, educação artística e interculturalidade. A alma da arte na descoberta do outro*. (Tese de Doutoramento). Universidade Aberta, Lisboa

Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Arte na Educação*. (1^a ed.). (Vols 1 e 3). Lisboa: Instituto Piaget

Stern, A. (1977). *Iniciação à educação criadora*. Lisboa: SOCIOCULTUR – Divulgação Cultural, Lda.

Vasconcelos, T. (1998). *Qualidade e Projeto na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação

Vilelas, J. (2009). *Investigação - O Processo de Construção do Conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo

Villaça, I. C. (2014). Arte-Educação: a arte como metodologia educativa. *Cairu em Revista*, (04), 74-85. Disponível em https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/05_ARTE_EDUCACAO_METODOLOGIA_EDUCATIVA.pdf

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto. Diário da República n.º 201/2001, Série I-A. Lisboa: Ministério da Educação

Decreto-Lei nº 344/90 de 2 de novembro. Diário da República n.º 253/1990 - Série I. Lisboa: Ministério da Educação

Lei de Bases do Sistema Educativo n.º 46/86 de 14 de outubro. Diário da República n.º 237/1986 – Série I. Lisboa: Assembleia da República

Lei nº 49/2005 de 30 de agosto. Diário da República n.º 166/2005 - Série I-A. Lisboa: Assembleia da República

Lei Quadro da Educação Pré-Escolar n.º 5/97 de 10 de fevereiro. Diário da República n.º 34/1997 - Série I-A. Lisboa: Assembleia da República

ANEXOS

Anexo 1 - Planificações das atividades e fotografias dos resultados

Guia de Planificação - Atividade nº 1

Planificação nº 1	
Nome	“Aqui vamos a um museu verdadeiro!”
Proposta de atividade	“Um museu verdadeiro queres conhecer? Prepara-te que as suas regras vais saber!”
Duração	4 horas
Faixa etária	5 anos
Aprendizagens a promover	<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas;- Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa;- Apreciar diferentes manifestações de artes visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas, expressando a sua opinião e leitura crítica;- Dialogar sobre as diferentes imagens e/ou objetos que aprecia/contacta em diferentes contextos;- Representar e recriar plasticamente vivências individuais, temas, histórias, pessoas, animais, etc., utilizando diferentes materiais.
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none">- Interpretação das obras;- Criatividade;- Expressão;- Diálogo;- Colagem.
Materiais	Registo – Lápis; Fotografias da visita; Cola; 1 cartolina.
Fases da atividade	<p>1º Fase: O grupo parte pelas 9h da manhã no transporte em direção ao Museu Nacional Soares dos Reis com chegada prevista para as 9h50 (1 hora);</p> <p>2º Fase: O grupo visita o Museu e, logo de seguida, a exposição de Almada Negreiros – Observarão as suas obras com a explicação por parte da guia (2 horas);</p> <p>3º Fase: Já na instituição, após a visita, realizam o registo coletivo em cartolina com as várias fases da visita (1 hora).</p>
Avaliação	<ul style="list-style-type: none">- Registo coletivo do grupo sobre a visita na instituição;- Preenchimento da grelha de observação e avaliação.

Registos Fotográficos



Figura 1 - Início "Aqui vamos a um museu verdadeiro!"



Figura 2 - Percurso pelas exposições no museu



Figura 3 - Continuação da observação das exposições



Figura 4 - Início da exposição de Almada Negreiros



Figura 5 - Construção do registo coletivo



Figura 6 - Registo coletivo afixado na sala

Guia de Planificação - Atividade nº 2

Planificação nº 2	
Nome	“Impressionando... com Monet”
Proposta de atividade	<p>“Espanha já foram conhecer? Querem a ajuda de um artista? Apresento-vos o Monet Que é tão impressionista!”</p>
Duração	2 horas
Faixa etária	5 anos
Aprendizagens a promover	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas; - Dialogar sobre as diferentes imagens e/ou objetos que aprecia/contacta em diferentes contextos; - Representar e recriar plasticamente vivências individuais, temas, histórias, pessoas, animais, etc., utilizando diferentes materiais; - Emitir opiniões sobre os seus trabalhos, os das outras crianças e sobre diferentes manifestações de artes visuais com que contacta, indicando algumas razões dessa apreciação; - Utilizar adequadamente os materiais de expressão plástica; - Apresentar trabalhos limpos e organizados.
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> - Interpretação das obras; - Traço; - Materiais; - Desenho figurativo; - Criatividade; - Expressão; - Pintura.
Materiais	Imagens das obras; Canas; Pincéis; Folhas A3; Aquarelas.
Fases da atividade	<p>1º Fase: O grupo desloca-se até à biblioteca para a Hora do Conto sobre a biografia de Claude Monet com o livro “Violeta e Índigo descobrem...Monet” e observam várias obras do artista com imagens e vídeos (15 minutos);</p> <p>2º Fase: Após a história, realizam o reconto da vida de Claude Monet e comentam as várias obras que mais apreciam (10 minutos);</p> <p>3º Fase: As crianças, na sala, observam as obras “Impressão...Nascer do Sol”, “Mulher com sombrinha”, “Nenúfares”, “Campo de Papoulas” e “A Ponte Japonesa” do artista e realizam o registo individual da obra à sua escolha com pincéis de canas e aquarelas numa folha A3 (1h30 minutos);</p> <p>4º Fase: Exposição dos trabalhos na parede da sala “O Museu Artes Mágicas” (5 minutos).</p>
Avaliação	- Preenchimento da grelha de observação e avaliação.

Registos Fotográficos



Figura 7 - Utilização das aguarelas



Figura 8 - Utilização dos pincéis com canas



Figura 9 - "A Ponte Japonesa"



Figura 10 - "Nenúfares"



Figura 11 - "Campo de Papoulas"



Figura 12 - Exposição das obras de Claude Monet no museu Artes Mágicas

Guia de Planificação - Atividade nº 3

Planificação nº 3	
Nome	“Adivinha e recriem... com Goya”
Proposta de atividade	“Já viram as obras de Goya Tão reais que elas são Ajuda o teu colega Descobrimo a tua opção!”
Duração	2 horas
Faixa etária	5 anos
Aprendizagens a promover	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas; - Dialogar sobre as diferentes imagens e/ou objetos que aprecia/contacta em diferentes contextos; - Representar e recriar plasticamente vivências individuais, temas, histórias, pessoas, animais, etc., utilizando diferentes materiais; - Emitir opiniões sobre os seus trabalhos, os das outras crianças e sobre diferentes manifestações de artes visuais com que contacta, indicando algumas razões dessa apreciação; - Utilizar adequadamente os materiais de expressão plástica; - Apresentar trabalhos limpos e organizados; - Realizar trabalhos em equipa.
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> - Interpretação das obras; - Traço; - Materiais; - Desenho figurativo; - Criatividade; - Expressão; - Pintura; - Técnicas pictóricas.
Materiais	Imagens das obras; Lápis; Folhas A3; Aguarelas; Livro “Violeta e Índigo descobrem...Goya”.
Fases da atividade	<p>1º Fase: O grupo desloca-se até à biblioteca para a Hora do Conto sobre a biografia de Goya com o livro “Violeta e Índigo descobrem...Goya” e observam várias obras do artista com imagens e vídeos (15 minutos);</p> <p>2º Fase: Após a história, realizam o reconto da vida de Claude Monet e comentam as várias obras que mais apreciam (10 minutos);</p> <p>3º Fase: O grupo desloca-se ao ArtLab e, trabalhando a pares, uma das crianças escolhe uma das obras: “O Cometa”, “O Guarda Sol”, “O Cão”, “Mulher do Trigo” e “A Nevada”. Após isto, diz todos os pormenores ao colega, até o mesmo descobrir qual a obra desenhando a mesma numa folha A3. No final, pintam a obra com recurso às pincéis e aguarelas (1h30 minutos);</p>

	4º Fase: Exposição dos trabalhos na parede da sala “O Museu Artes Mágicas” (5 minutos).
Avaliação	- Preenchimento da grelha de observação e avaliação.

Registos Fotográficos



Figura 13 - Observação da obra de Goya

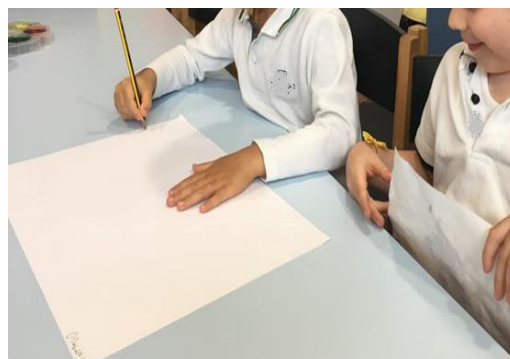


Figura 14 – Desenho dos pormenores da obra



Figura 15 - Início da pintura do registo



Figura 16 - Continuação da pintura da obra



Figura 17 - Finalização dos registos



Figura 18 - Exposição das obras de Goya no museu Artes Mágicas

Guia de Planificação - Atividade nº 4

Planificação nº 4	
Nome	“Que tal uma fruta...com Frida Kahlo?”
Proposta de atividade	“Ao México viajamos E a Frida Kahlo lá encontramos Vimos obras tão estrondosas Que frutas deliciosas!”
Duração	2 horas
Faixa etária	5 anos
Aprendizagens a promover	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas; - Dialogar sobre as diferentes imagens e/ou objetos que aprecia/contacta em diferentes contextos; - Representar e recriar plasticamente vivências individuais, temas, histórias, pessoas, animais, etc., utilizando diferentes materiais; - Emitir opiniões sobre os seus trabalhos, os das outras crianças e sobre diferentes manifestações de artes visuais com que contacta, indicando algumas razões dessa apreciação; - Utilizar adequadamente os materiais de expressão plástica; - Apresentar trabalhos limpos e organizados.
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> - Interpretação das obras; - Materiais; - Criatividade; - Expressão; - Recorte; - Colagem.
Materiais	Imagem da obra; Tesoura; Cola branca; Pincéis; Folha A4; Lápis de cera.
Fases da atividade	<p>1º Fase: O grupo desloca-se até à biblioteca para a Hora do Conto sobre a biografia de Frida Kahlo com o livro “Violeta e Índigo descobrem...Frida Kahlo” e observam várias obras do artista com imagens e vídeos (15 minutos).</p> <p>2º Fase: Após a história, realizam o reconto da vida de Frida Kahlo e comentam as várias obras que mais apreciam (10 minutos);</p> <p>3º Fase: Cada criança, na sala, deve recortar várias imagens com frutas e um papagaio como se encontram na obra. Depois do recorte, devem observar a obra e montar os seus recortes na folha A4, tal e qual como na obra original, utilizando cola branca (1h30 minutos);</p> <p>4º Fase: Exposição dos trabalhos na parede da sala “O Museu Artes Mágicas” (5 minutos).</p>
Avaliação	- Preenchimento da grelha de observação e avaliação.

Registos Fotográficos



Figura 19 - Recorte com tesoura



Figura 20 - Continuação do recorte com tesoura



Figura 21 - Início da montagem da obra



Figura 22 - Colagem da obra

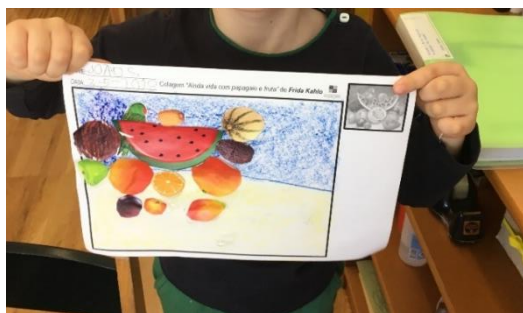


Figura 23 - Obra final "Natureza morta com papagaio e frutas"



Figura 24 - Obra da Frida Khalo exposta no Museu Artes Mágicas

Guia de Planificação - Atividade nº 5

Ficha técnica da atividade	
Nome	“Um museu cheio de pinta!”
Proposta de atividade	“Ui, ui, ui, ui Mas onde vamos agora? Serralves, ouvi dizer? Hum, que segredos terá lá a esconder?”
Duração	4h30 minutos
Faixa etária	5 anos
Aprendizagens a promover	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas; - Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa; - Apreciar diferentes manifestações de artes visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas, expressando a sua opinião e leitura crítica; - Dialogar sobre as diferentes imagens e/ou objetos que aprecia/contacta em diferentes contextos; - Representar e recriar plasticamente vivências individuais, temas, histórias, pessoas, animais, etc., utilizando diferentes materiais.
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> - Interpretação das obras; - Criatividade; - Expressão; - Diálogo; - Traço; - Desenho figurativo; - Pintura; - Técnicas pictóricas.
Materiais	Folhas A1;
Fases da atividade	<p>1º Fase: O grupo parte no transporte pelas 9h da manhã em direção a Serralves com chegada prevista para as 9h50 (1hora);</p> <p>2º Fase: As crianças visitam o Museu de Serralves e, logo de seguida, os Jardins onde irão realizar um piquenique.</p> <p>– Observarão uma obra em espelho para, mais tarde, retratar na Oficina (2 horas);</p> <p>3º Fase: Após a visita ao Museu, a instituição disponibilizará a participação na Oficina “Tinta à Solta”, a ser realizada na cozinha da casa cor de rosa com a exploração da esponja e pintura com corante alimentar (1h30 minutos).</p>
Avaliação	- Registo do processo, atitudes e comentários das crianças ao longo da atividade.

Registos Fotográficos

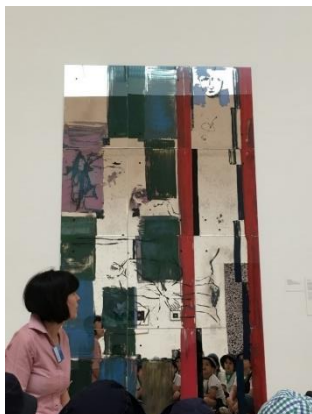


Figura 25 - Início "Um museu cheio de tinta!"



Figura 26 - Obra de Ana Manso e a "gotinha de água"



Figura 27 - Chegada à casa cor-de-rosa



Figura 28 - "Oficina à Solta" na cozinha da casa cor-de-rosa com contorno do corpo



Figura 29 - Pinturas com esponja



Figura 30 - Pinturas com corantes

Anexo 2 - Grelhas de observação e avaliação das atividades

Grelhas de observação e avaliação da Atividade nº 1 – “Aqui vamos a um museu verdadeiro!”

Grupo de crianças	Comportamentais				
	Interesse	Participação	Motivação	Autonomia	Preservação
C. M.	3	3	3	3	4
D. V.	4	3	3	3	5
D. E.	3	3	4	3	4
D. S.	4	4	4	4	4
D. G.	3	3	4	3	4
E. P.	3	3	3	3	4
F. S.	5	4	4	4	5
I. R.	5	5	5	5	5
J. S.	4	4	4	4	5
J. R.	3	3	3	3	4
M. A.	4	4	4	4	5
M. T.	4	4	4	4	4
M. P.	3	3	3	3	4
M. L.	3	3	4	4	4
M. C.	3	4	4	4	4
P. MT.	3	3	3	3	3
P. MQ.	5	5	5	5	5
R. B.	3	3	4	4	5
R. S.	3	3	3	3	3
R. F.	4	3	4	4	4
R. L.	3	3	3	3	3
S. V.	4	4	4	4	5
T. D.	3	3	3	3	4
T. R.	5	4	4	4	4
V. B.	3	4	3	3	4

1 – Não Observado

2 – Não adquiriu

3 – Em aquisição

4 – Adquiriu

5 – Adquiriu totalmente

Aluno com dificuldades de aprendizagem e da linguagem

Alunos com dificuldades de atenção

Grupo de crianças	Artes Visuais				
	Materiais	Artistas	Criatividade	Expressão	Manifestações de artes visuais
C. M.	4	3	3	3	3
D. V.	5	3	3	4	4
D. E.	4	4	4	4	3
D. S.	4	4	4	4	4
D. G.	4	4	4	3	4
E. P.	4	3	3	3	3
F. S.	5	4	4	5	4
I. R.	5	5	5	5	5
J. S.	5	4	4	5	4
J. R.	4	3	3	3	3
M. A.	5	4	4	4	4
M. T.	4	4	4	4	4
M. P.	4	3	3	4	4
M. L.	4	3	4	4	3
M. C.	4	4	4	4	4
P. MT.	3	3	3	3	3
P. MQ.	5	5	5	5	5
R. B.	5	3	4	4	3
R. S.	3	3	3	3	3
R. F.	4	3	4	3	3
R. L.	3	3	3	3	3
S. V.	5	4	4	5	4
T. D.	4	3	3	4	3
T. R.	4	4	4	3	4
V. B.	4	4	3	4	4

1 – Não Observado

2 – Não adquiriu

3 – Em aquisição

4 – Adquiriu

5 – Adquiriu totalmente

Aluno com dificuldades de dificuldades de aprendizagem e da linguagem

Alunos com dificuldades de atenção

Grelhas de observação e avaliação da atividade nº 2 – “Impressionando...com Monet”

Grupo de crianças	Comportamentais				
	Interesse	Participação	Motivação	Autonomia	Preservação
C. M.	3	3	3	2	3
D. V.	5	4	4	5	5
D. E.	3	3	3	3	4
D. S.	4	5	5	4	4
D. G.	4	3	3	3	4
E. P.	3	3	3	2	3
F. S.	5	3	4	4	5
I. R.	4	4	3	4	3
J. S.	5	5	4	4	5
J. R.	3	3	3	4	4
M. A.	3	3	4	4	4
M. T.	3	3	3	4	3
M. P.	4	3	3	3	4
M. L.	4	3	3	3	4
M. C.	3	3	3	5	3
P. MT.	3	3	3	3	4
P. MQ.	4	5	5	5	4
R. B.	3	4	4	4	4
R. S.	3	3	3	2	3
R. F.	1	1	1	1	1
R. L.	3	3	3	3	3
S. V.	3	4	3	4	3
T. D.	3	4	4	5	4
T. R.	4	5	4	4	4
V. B.	3	3	3	2	3

1 – Não Observado

2 – Não adquiriu

3 – Em aquisição

4 – Adquiriu

5 – Adquiriu totalmente

Aluno com dificuldades de aprendizagem e da linguagem

Alunos com dificuldades de atenção

Grupo de crianças	Artes Visuais				
	Materiais	Artistas	Criatividade	Expressão	Manifestações de artes visuais
C. M.	4	3	3	2	3
D. V.	5	5	4	4	5
D. E.	3	3	3	3	3
D. S.	4	4	5	5	4
D. G.	3	4	3	3	4
E. P.	3	3	3	2	3
F. S.	4	5	4	4	5
I. R.	4	4	3	3	4
J. S.	4	5	4	4	5
J. R.	4	3	3	3	3
M. A.	4	3	4	4	3
M. T.	4	3	3	3	3
M. P.	3	4	3	3	4
M. L.	3	4	3	3	4
M. C.	5	3	3	3	3
P. MT.	3	3	3	3	3
P. MQ.	5	4	5	5	4
R. B.	5	3	4	4	3
R. S.	3	3	3	2	3
R. F.	1	1	1	1	1
R. L.	3	3	3	3	3
S. V.	4	3	3	3	3
T. D.	5	3	4	4	3
T. R.	4	4	4	4	4
V. B.	3	3	3	2	3

1 – Não Observado

2 – Não adquiriu

3 – Em aquisição

4 – Adquiriu

5 – Adquiriu totalmente

Aluno com dificuldades de aprendizagem e da linguagem

Alunos com dificuldades de atenção

Grelhas de observação e avaliação da atividade nº 3 – “Adivinhem e recriem...com Goya”

Grupo de crianças	Comportamentais				
	Interesse	Participação	Motivação	Autonomia	Preservação
C. M.	4	5	5	5	4
D. V.	3	5	4	4	5
D. E.	5	4	3	5	4
D. S.	4	4	4	5	5
D. G.	4	4	4	5	4
E. P.	3	4	3	3	4
F. S.	4	5	4	5	5
I. R.	1	1	1	1	1
J. S.	3	3	4	4	5
J. R.	3	5	5	3	5
M. A.	3	4	3	4	4
M. T.	3	2	3	3	4
M. P.	4	5	4	4	4
M. L.	3	4	3	3	4
M. C.	4	5	4	5	4
P. MT.	3	2	3	3	4
P. MQ.	5	5	5	5	5
R. B.	4	5	5	4	4
R. S.	3	4	3	3	4
R. F.	3	5	4	4	4
R. L.	3	3	3	3	4
S. V.	5	5	5	4	5
T. D.	3	4	3	5	4
T. R.	3	5	5	3	4
V. B.	3	2	2	4	3

1 – Não Observado

2 – Não adquiriu

3 – Em aquisição

4 – Adquiriu

5 – Adquiriu totalmente

Aluno com dificuldades de aprendizagem e da linguagem

Alunos com dificuldades de atenção

Grupo de crianças	Artes Visuais				
	Materiais	Artistas	Criatividade	Expressão	Manifestações de artes visuais
C. M.	4	5	5	5	3
D. V.	5	4	5	4	4
D. E.	4	5	4	3	5
D. S.	5	5	4	4	4
D. G.	4	5	4	4	4
E. P.	4	3	4	3	3
F. S.	5	5	5	4	4
I. R.	1	1	1	1	1
J. S.	5	3	3	4	4
J. R.	5	2	5	5	3
M. A.	4	3	4	3	4
M. T.	4	5	3	2	3
M. P.	4	3	5	4	4
M. L.	4	3	4	3	3
M. C.	4	5	5	4	4
P. MT.	4	3	4	3	2
P. MQ.	5	5	5	5	5
R. B.	4	4	5	5	4
R. S.	4	2	4	3	3
R. F.	4	4	5	4	3
R. L.	4	3	5	3	3
S. V.	5	3	5	5	5
T. D.	4	5	4	3	3
T. R.	4	3	4	4	4
V. B.	4	3	3	2	2

1 – Não Observado

2 – Não adquiriu

3 – Em aquisição

4 – Adquiriu

5 – Adquiriu totalmente

Aluno com dificuldades de aprendizagem e da linguagem

Alunos com dificuldades de atenção

Grelhas de observação e avaliação da atividade nº 4 – “Que tal uma fruta...com Frida Kahlo?”

Grupo de crianças	Comportamentais				
	Interesse	Participação	Motivação	Autonomia	Preservação
C. M.	3	3	3	4	4
D. V.	4	4	4	4	5
D. E.	3	3	3	3	4
D. S.	5	4	4	4	4
D. G.	5	4	3	5	4
E. P.	4	3	4	4	4
F. S.	4	4	4	5	5
I. R.	4	4	4	4	5
J. S.	5	3	3	5	4
J. R.	5	4	4	5	4
M. A.	3	4	3	3	4
M. T.	5	3	4	5	4
M. P.	5	4	3	5	5
M. L.	4	4	3	4	4
M. C.	3	3	3	3	4
P. MT.	2	3	3	3	4
P. MQ.	4	4	4	5	5
R. B.	4	3	3	4	4
R. S.	5	3	3	5	4
R. F.	1	1	1	1	1
R. L.	1	1	1	1	1
S. V.	1	1	1	1	1
T. D.	3	3	1	1	1
T. R.	1	1	1	1	1
V. B.	1	1	1	1	1

1 – Não Observado

2 – Não adquiriu

3 – Em aquisição

4 – Adquiriu

5 – Adquiriu totalmente

Aluno com dificuldades de aprendizagem e da linguagem

Alunos com dificuldades de atenção

Grupo de crianças	Artes Visuais				
	Materiais	Artistas	Criatividade	Expressão	Manifestações de artes visuais
C. M.	3	2	3	3	3
D. V.	5	4	3	4	5
D. E.	4	3	3	3	3
D. S.	4	5	4	4	4
D. G.	4	5	5	3	3
E. P.	4	4	3	3	3
F. S.	5	4	5	4	5
I. R.	4	4	3	4	4
J. S.	4	5	5	3	4
J. R.	3	5	5	3	3
M. A.	4	3	3	4	4
M. T.	4	5	5	3	4
M. P.	5	5	5	4	4
M. L.	4	4	4	3	3
M. C.	4	3	3	3	3
P. MT.	3	2	3	3	3
P. MQ.	4	4	4	3	5
R. B.	4	4	4	3	4
R. S.	4	5	5	3	4
R. F.	1	1	1	1	1
R. L.	1	1	1	1	1
S. V.	1	1	1	1	1
T. D.	1	3	1	3	1
T. R.	1	1	1	1	1
V. B.	1	1	1	1	1

1 – Não Observado

2 – Não adquiriu

3 – Em aquisição

4 – Adquiriu

5 – Adquiriu totalmente

Aluno com dificuldades de aprendizagem e da linguagem

Alunos com dificuldades de atenção

Grelhas de observação e avaliação da atividade nº 5 – “Um museu cheio de tinta!”

Grupo de crianças	Comportamentais				
	Interesse	Participação	Motivação	Autonomia	Preservação
C. M.	3	4	4	3	4
D. V.	4	4	4	3	5
D. E.	4	5	4	4	5
D. S.	5	5	5	5	5
D. G.	4	4	4	4	4
E. P.	3	3	4	3	4
F. S.	5	4	5	5	5
I. R.	5	5	5	5	5
J. S.	4	5	5	5	4
J. R.	3	3	4	4	5
M. A.	4	4	4	4	4
M. T.	4	4	5	5	4
M. P.	1	1	1	1	1
M. L.	3	4	4	4	4
M. C.	3	4	4	4	4
P. MT.	3	3	4	3	4
P. MQ.	5	5	5	5	5
R. B.	4	4	4	4	4
R. S.	3	3	4	3	4
R. F.	1	1	1	1	1
R. L.	3	3	4	3	4
S. V.	5	5	5	5	5
T. D.	3	3	4	3	4
T. R.	5	5	4	4	5
V. B.	3	2	3	2	3

1 – Não Observado

2 – Não adquiriu

3 – Em aquisição

4 – Adquiriu

5 – Adquiriu totalmente

Aluno com dificuldades de aprendizagem e da linguagem

Alunos com dificuldades de atenção

Grupo de crianças	Artes Visuais				
	Materiais	Artistas	Criatividade	Expressão	Manifestações de artes visuais
C. M.	4	3	4	4	4
D. V.	4	4	4	4	4
D. E.	4	3	4	5	4
D. S.	4	4	5	5	5
D. G.	4	3	4	4	4
E. P.	4	3	3	3	4
F. S.	5	4	4	4	4
I. R.	5	4	5	5	5
J. S.	4	4	4	5	4
J. R.	4	3	3	3	4
M. A.	4	4	4	4	4
M. T.	4	4	4	4	5
M. P.	1	1	1	1	1
M. L.	4	3	4	4	4
M. C.	4	3	4	4	4
P. MT.	4	3	3	3	4
P. MQ.	5	4	5	5	5
R. B.	4	4	4	4	4
R. S.	4	3	3	3	4
R. F.	1	1	1	1	1
R. L.	4	3	3	3	4
S. V.	5	4	5	5	5
T. D.	4	3	3	3	4
T. R.	5	4	5	5	5
V. B.	4	2	3	2	4

1 – Não Observado

2 – Não adquiriu

3 – Em aquisição

4 – Adquiriu

5 – Adquiriu totalmente

Aluno com dificuldades de aprendizagem e da linguagem

Alunos com dificuldades de atenção

Entrevista a Educadores/as de Infância

Desenvolvendo uma investigação no âmbito da Prática Profissional Supervisionada em Educação Pré-Escolar, cujo tema se denomina “As Artes Visuais como prática pedagógica diferenciadora”, a presente entrevista serve como recolha de dados com o objetivo de compreender como estas atuam sobre a aprendizagem e comportamento da criança, percebendo como, através das Artes Visuais, educar um grupo de crianças contribui para a sua capacidade de aprender e para o seu equilíbrio emocional.

As entrevistas serão incluídas no relatório de investigação, mas assumindo o anonimato dos educadores.

Perfil do Entrevistado
Género:
Idade:
Habilitações Literárias:
Anos de Serviço:

Dimensão I (A Educação Artística e a sua relevância)

1. O que entende por Educação Artística?
2. Acredita que a Educação Artística estimula e desenvolve competências nas crianças?
Se sim, quais?
3. Considera que a Educação Artística potencia a interdisciplinaridade? Porquê?
4. Qual o valor da Educação Artística na Educação Pré-Escolar?

Dimensão II (As Artes Visuais como recurso educativo nas aprendizagens das crianças)

1. Na sua opinião, qual o papel da Arte no processo educativo?
2. No jardim de infância, as crianças devem ter a oportunidade de realizar atividades que promovam o sentido estético e que envolvam a Arte? Justifique a sua resposta.
3. Procura utilizar as Artes Visuais como recurso dentro da sua sala? Se sim, com que frequência? E de que forma?
4. Qual a receptividade das crianças às Artes Visuais?

Dimensão III (O papel do/a educador/a de infância e a utilização de estratégias nas Artes Visuais)

1. Considera importante a formação contínua na área das Artes Visuais? Quais os conteúdos que gostaria de abordar?
2. Que estratégias pode utilizar para explorar diferentes perspetivas nas Artes Visuais?

Muito obrigada pela sua contribuição!

Anexo 4 - Registos das entrevistas a educadores/as de infância

Perfil do Entrevistado			
Género	Idade	Habilitações literárias	Anos de Serviço
E1 – Feminino	E1 – 26 anos	E1 – Licenciatura	E1 – 0
E2 – Feminino	E2 – 25 anos	E2 – Mestrado	E2 – 1 ano
E3 – Feminino	E3 – 48 anos	E3 – Licenciatura	E3 – 20 anos
E4 – Feminino	E4 – 37 anos	E4 – Licenciatura	E4 – 9 anos
E5 – Feminino	E5 – 31 anos	E5 – Mestrado	E5 – 1 ano
E6 – Feminino	E6 – 35 anos	E6 – Licenciatura	E6 – 14 anos
E7 – Feminino	E7 – 23 anos	E7 – Mestrado	E7 – 0
E8 – Feminino	E8 – 24 anos	E8 - Mestrado	E8 – 1 ano
E9 – Feminino	E9 – 56 anos	E9 - Licenciatura	E9 – 34 anos
E10 – Feminino	E10 – 49 anos	E10 - Licenciatura	E10 – 25 anos
E11 – Feminino	E11 – 37 anos	E11 – Licenciatura	E11 – 4 anos
E12 - Feminino	E12 – 37 anos	E12 - Mestrado	E12 – 1 ano
Dimensão I			
A Educação Artística e a sua importância			
Pergunta nº1			
O que entende por Educação Artística?			
<p>E1 – “Educação que envolve as diferentes artes. Plástica, motora, dramática e musical”.</p> <p>E2 – “A Educação artística engloba as artes visuais, o jogo, o teatro, a música e a dança”.</p> <p>E3 – “Educação através da arte”.</p> <p>E4 – “Educar para a arte”.</p> <p>E5 – “Educação virada para as artes”.</p> <p>E6 – “A educação artística é o primeiro contacto com a Arte da criança, que se inicia desde o berçário”. Tem as mais variadas formas e engloba um sem número de experiências fantásticas para as crianças”.</p> <p>E7 – “Educação que envolve as diferentes artes. Plástica, motora, dramática e musical”.</p> <p>E8 – “Considero ser uma abordagem educativa que privilegia as diferentes modalidades artísticas em prol do desenvolvimento cognitivo e pessoal do indivíduo”.</p> <p>E9 – “Um meio que permite que a criança enriqueça, desenvolva, a sua expressão e comunicação”.</p> <p>E10 – “Educação dos sentidos, da sensibilidade e experimentação”.</p> <p>E11 – “Este tipo de educação estimula a criatividade das crianças”.</p> <p>E12 – “É uma educação alicerçada em tudo o que envolve arte. Por exemplo, música, teatro”.</p>			
Pergunta nº2			
Acredita que a Educação Artística estimula e desenvolve competências nas crianças? Se sim, quais?			
<p>E1 – “Sim, estimula e desenvolve competências: sociais, culturais, em termos de independência da criança”.</p> <p>E2 – “Cooperação, dinamismo, trabalho em equipa, concentração, entre outras”.</p> <p>E3 – “Motoras, estéticas, emocionais”.</p> <p>E4 – “Imaginação”.</p> <p>E5 – “Sim. Sociabilização ou coordenação”.</p> <p>E6 – “Sim, sem dúvida. A capacidade de ver o mundo com diferentes olhares, de pintar a sua realidade, de usar diferentes materiais, de reutilizar, de recortar, modelar, de observar e interpretar obras de arte... De fomentar a grafo motricidade, a criatividade, a imaginação. De ouvir e conhecer música, melodias, cantar, dançar e expressar-se de diferentes formas através do seu corpo”.</p>			

E7 – “Sim, a educação artística provoca diferentes estímulos nas crianças na medida em que as leva a ter contacto com situações com as quais, à partida, não estão habituadas. Permite que estas se desenvolvam a nível da audição, a nível motor, a nível visual de uma forma que as outras vertentes não conseguem”.

E8 – “Depende naturalmente do género de arte em causa que, naturalmente, influencia as repercussões na criança. Mas considero que sim! Por exemplo: motricidade fina, sentido de estética, comunicação verbal e não verbal, interajuda...”.

E9 – “Sim acredito, pelo que comprovo no dia a dia. Torna-se uma criança mais autónoma, responsável, criativa, alarga a autoestima, desinibida, enriquece a representação simbólica e estética e alarga a comunicação interpessoal”.

E10 – “Que ajudem a conhecer- se melhor a si e aos outros”.

E11 – “Criatividade, maneiras diferentes de mostrar o que sente”.

E12 – “Sim, claro. Competências motoras, de movimento, de motricidade fina e grossa”.

Pergunta nº 3

Considera que a Educação Artística potencia a interdisciplinaridade? Porquê?

E1 – “Claramente que potencia. Se for bem trabalhada, a Educação Artística pode (e claramente deve de ser) um potenciador para a interdisciplinaridade. As OCEPE não foram criadas para serem trabalhadas em forma de "gavetas", mas sim, interligadas”.

E2 – “Sim, pois trabalho muitas vezes a matemática com jogos e músicas, o português com o teatro e as artes visuais”.

E3 – “Sim. Porque trabalha simultaneamente outras áreas de conteúdo”.

E4 – “Trabalhamos várias disciplinas com a arte: música, pintura, dança”.

E5 – “Sim, pois é possível intercalar diferentes conteúdos de diferentes áreas”.

E6 – “Sim é absolutamente transversal a todas as áreas de conteúdo das OCEPE. É um domínio que interliga e dá forma a muitas das atividades de outras áreas de conteúdo e domínios”.

E7 – “Claro que sim. Podemos primeiro envolver as várias vertentes da educação artística e lecionar outros conteúdos com a educação artística que promova a interdisciplinaridade e motive os alunos devido à utilização de estratégias diferentes e mais dinâmicas”.

E8 – “Sim, porque a arte está presente em todo e qualquer tipo de conteúdo e pode ser uma excelente ferramenta motivacional”.

E9 – “Muito, pois permite que a criança, através do que sabe fazer, do seu prazer em explorar, manipular, transformar, criar, observar e comunicar, proporciona experiências e oportunidades de aprendizagem diversificadas, que ampliam as aprendizagens espontâneas das crianças”.

E10 – “Sim. Cria curiosidade, descobertas e conhecimentos únicos”.

E11 – “Em certo modo. Porque consegue-se trabalhar vários domínios”.

E12 – “Sim. Pois pode aliar-se a todas as áreas de conteúdo”.

Pergunta nº 4

Qual o valor da Educação Artística na Educação Pré-Escolar?

E1 – “Neste momento não tem muito valor, principalmente na altura dos 5 anos em que muitos educadores se focam em preparar as crianças para a entrada do primeiro ciclo. Penso que devia de estar mais presente nas salas de PE”.

E2 – “Significativo”.

E3 – “Fundamental para o desenvolvimento integral da criança”.

- E4 – “Para mim tem uma importância fundamental. Já fiz um Projeto Pedagógico "olhar as artes" e foi das melhores experiências”.
- E5 – “Tem valor 0, embora não devesse”.
- E6 – “A Educação artística é, como já referi, um marco de interligação entre todas as áreas de conteúdo que aborda diversas competências essenciais à formação inicial da criança”.
- E7 – “Penso que é nesta fase que devemos apostar na educação artística. É uma idade em que as crianças absorvem tudo e com a educação artística podemos desenvolver melhor os sentidos e algumas competências essenciais para o desenvolvimento”.
- E8 – “É o ponto de partida para fomentar a expressividade das crianças”.
- E9 – “Permite que todas as crianças tenham acesso à arte e cultura artística. O educador é o mediador essencial para o desenvolvimento da criatividade das crianças, alargando e enriquecendo a sua representação simbólica e o seu sentido estético, através do contacto com diversificadas manifestações artísticas de diversas épocas, culturas e estilos, incentivando o espírito crítico”.
- E10 – “Deve estar presente diariamente de forma consciente, descontraindo sempre aberta a novas experiências”.
- E11 – “Ainda não se dá muito valor”.
- E12 – “É fundamental nesta faixa etária. Uma vez que, nesta fase, através dela as aprendizagens se tornam mais cativadoras e estimulantes”.

Dimensão II

As Artes Visuais como recurso educativo

Pergunta nº1

Na sua opinião, qual o papel da Arte no processo educativo?

- E1 – “É muito importante na minha opinião. O educador pode observar o desenvolvimento da criança e/ou problemas que a criança tenha, como é que a criança se expressa, etc”.
- E2 – “É pertinente, mas ao mesmo tempo é um grande desafio para o educador. Muitas vezes sinto dificuldade neste conteúdo”.
- E3 – “Meio de comunicação para exteriorizar pensamentos e emoções, desenvolve a criatividade e imaginação e favorece a iniciação à escrita”.
- E4 – “Ensinar a olhar e não apenas a ver”.
- E5 – “Importantíssimo”.
- E6 – “A Arte ajuda as crianças a fomentar a sua criatividade, a sua imaginação, a ver o mundo com um olhar mais atento, mais original. Ajuda-as a sonhar, a criar...”.
- E7 – “Como já foi sendo referido a arte tem um papel fundamental para proporcionar outros estímulos aos alunos e motivá-los”.
- E8 – “É uma forma de expressão e que lhes permite demonstra sensações e sentimentos”.
- E9 – “Contribui para a sua identidade pessoal, social e cultural, articulando-se mais a área da formação pessoal e social, o conhecimento do mundo e expressão e comunicação. Sendo importantes as técnicas e instrumentos utilizados, bem como a organização do ambiente educativo, nomeadamente o que é exposto, alargando a criatividade e o sentido estético da criança”.
- E10 – “Torna-nos mais atentos, curiosos e respeitadores dos gostos dos outros quando bem "trabalhada””.
- E11 – “Importante”.
- E12 – “Na minha opinião, a arte cativa os alunos e promove neles a criatividade e a originalidade”.

Pergunta nº 2

No jardim de infância, as crianças devem ter a oportunidade de realizar atividades que promovam o sentido estético e que envolvam a Arte? Justifique a sua resposta.

E1 – “Sim. O educador não se deve ficar apenas por "desenhinhos" numa folha branca. As artes visuais vão para além disso. Pode-se trabalhar pintores, formas de pintar diferentes, manipulação de materiais diferentes, conhecer formas de expressão diferentes”.

E2 – “Sim. Um aspeto fulcral é dar a conhecer diferentes artistas e diferentes obras.”

E3 – “Sim, pois desenvolvem a capacidade de apreciar e criticar a beleza percebida pelos sentidos”.

E4 – “Claro que sim. Já fiz com crianças de 2 anos, reproduzirem quadros famosos e a experiência foi incrível”.

E5 – “Sim em qualquer faixa etária”.

E6 – “Sim. Decididamente. As crianças mostram uma sensibilidade extraordinária perante a Arte e são absolutamente imaginativas e criativas, sendo que proporcionar-lhes contacto com a Arte, promovendo o seu sentido estético irá torná-los mais criativos, críticos, e fomentar importantes progressos nas representações da realidade observada e vivenciada”.

E7 – “Sim, pois assim começam a ter mais cuidado nos trabalhos que desempenham”.

E8 – “Sim! É um excelente ponto de partida para o desenvolvimento em todos os níveis da criança”.

E9 – “Acho que devem utilizar sempre que possível e for oportuno”.

E10 – “Sim. Tendo contacto com museus espetáculos artistas experimentando assistindo criando recriando...”.

E11 – “Sim... é uma maneira de exteriorizar aquilo que sente e sabe fazer de diferentes maneiras...”.

E12 – “Sem dúvida. Para além de lhes proporcionar atividades mais ricas e diversificadas, desenvolve nas mesmas inúmeras competências”.

Pergunta nº 3

Procura utilizar as Artes Visuais como recurso dentro da sua sala? Se sim, com que frequência? E de que forma?

E1 – “Ainda sou estudante. Mas durante o meu estágio, muitas das atividades que realizava envolviam-se com as artes visuais, principalmente na hora do conto. Durante os projetos realizados, todos os dias estimula vá as artes visuais. No mínimo 3 a 4 vezes por semana”.

E2 – “Poucas vezes, infelizmente”.

E3 – “Todos os dias”.

E4 – “Já fiz com crianças de 2 anos, reproduzirem quadros famosos e a experiência foi incrível”.

E5 – “Sim, pelo menos de 2 em 2 dias”.

E6 – “Sim. Todos os dias. Com uma panóplia de atividades e recursos disponíveis livremente para as crianças, e atividades diárias que envolvem as artes visuais”.

E7 – “Claro que sim. Se não diariamente pelo menos uma vez por semana porque é importante para os alunos pelos motivos que já foram sendo referidos”.

E8 – “Não se motivacional, mas também formativa. É algo com que as crianças contactam diariamente”.

E9 – “As artes Visuais estão sempre presentes no dia a dia, em registos pessoais ou de grupo, e utilizando muitos materiais recicláveis, alargando a criatividade e sentido estético da criança”.

E10 – “Sim. Existem livros vídeos ou cd's a que podemos recorrer diariamente”.

E11 – “Sim... 2 ou 3 por semana. Fazendo diferentes trabalhos dependendo dos temas em questão. Colagem, pintura das mais diversas maneiras, picotagem, moldagem”.

E12 – “Sim. Frequentemente. Através de PowerPoint’s, imagens e músicas”.
Pergunta nº 4
Qual a receptividade das crianças às Artes Visuais?
E1 – “Enquanto estagiária, a receptividade às artes visuais era grande. Mesmo em atividades livres, as crianças recorriam a diferentes formas de expressão artística”.
E2 – “Adoram”.
E3 – “As crianças aderem com entusiasmo, especialmente se lhe proporcionamos uma grande variedade de materiais”.
E4 – “Muito receptivos e curiosos”.
E5 – “Boa”.
E6 – “As crianças do grupo sempre apreciaram realizar pinturas, desenhos, modelagem, colagens... Este ano, vivenciamos um projeto ligado à Arte e aos pintores do mundo, e a abordagem às artes visuais teve de forma ainda mais presente no nosso dia a dia, com uma diversidade de técnicas muito grande, que todas as crianças puderam experimentar. A sua receptividade foi absolutamente extraordinária e o reflexo deste projeto no grupo foi notável”.
E7 – “Bastante receptiva”.
E8 – “Muita”.
E8 – “É uma área de excelência na minha prática pedagógica, as crianças são muito receptivas, mostrando prazer e satisfação na concretização”.
E10 – “Muito boa”.
E11 – “Bastante receptivas”.
E12 – “Muito boa”.
Dimensão III
O papel do(a) educador(a) face às Artes Visuais
Pergunta nº1
Considera importante a formação contínua na área das Artes Visuais? Quais os conteúdos que gostaria de abordar?
E1 – “Sim considero. Gostaria de aprender mais sobre técnicas”.
E2 – “Sim, considero muito importante. Tenho colegas que trabalham a arte visual só com pinturas quer seja com marcadores, tinta ou lápis de cor. Adoro ver técnicas de lápis de cera derretido, de espuma com tinta, o papel higiénico. Considero importante utilizar materiais do dia a dia e mostrar-lhes formas grandiosas de aprender”.
E3 – “Pedagogia da arte”.
E4 – “Técnicas”.
E5 – “Técnicas”.
E6 – “Sim, embora não existam muitas formações nesta área. Gostaria de algum tipo de abordagem à fotografia”.
E7 – “Não sei”.
E8 – “Sim. Didática das artes”.
E9 – “A formação contínua é importante, porque nos permite atualizar-nos com novas técnicas”.
E10 – “Sim. Formação dada por quem tem boas práticas”.
E11 – “Sim. Quando comecei a trabalhar havia muitas técnicas que não conhecia e tive de me informar... Pasta de papel, trabalhar com o barro, Fimo...”.

E12 – “Considero sim. Técnicas e pedagogia da arte”.
Pergunta nº 2
Que estratégias pode utilizar para explorar diferentes perspectivas nas Artes Visuais?
E1 – “Como já referi mais acima, penso que começar com a exploração de um pintor, descobrir um pouco a sua arte, explorar cores, materiais, formas de pintar, dará "asas" tanto ao educador como para as crianças”.
E2 – “Vou para o jardim, para a horta, para o refeitório. Também vamos ao teatro, ao jardim-zoológico (mas só 2x por ano). Falamos com as crianças sobre o sítio onde nos inspiramos para fazer aquela tarefa e eles fazem todas as sugestões e no final escolhemos uma para irmos todos juntos. Todos os dias mudamos de sítio”.
E3 – “Área das expressões com materiais diversos”.
E4 – “Através das diferentes áreas dar-lhes a conhecer arte e não só o Panda, por exemplo”.
E5 – “Experiência prática”.
E6 – “Uma das estratégias que utilizamos este ano e foi muito interessante, foi a exploração e interpretação de diversas obras de arte e o conhecimento das técnicas de vários pintores ou pintoras. Estas diferentes perspectivas podem ajudar a criança na sua criatividade e na promoção da sua imaginação, ao mesmo tempo que conhecem e aplicam diversas técnicas”.
E7 – “Não sei”.
E8 – “Estratégia interdisciplinar”.
E9 – “Através da observação, experimentação e produção plástica”.
E10 – “Visitas interativas a museus e formação com artistas com experiência pedagógica”.
E11 – “Realizando diferentes técnicas dependendo dos temas abordados...”.
E12 – “Todas as anteriormente mencionadas”.

Anexo 5 - Guião das entrevistas de impacto às crianças

Entrevista de impacto do Projeto Lúdico “As Nossas Artes e à Procura dos Museus do Mundo” desenvolvido no ano letivo 2017/2018

As entrevistas serão incluídas no relatório de investigação, gravadas e transcritas, mas assumindo o anonimato das crianças.

Tempo após o final do projeto: 6 meses (julho de 2018-dezembro de 2018)

Número de crianças 2017/2018: 25

Número de crianças 2018/2019: 22 (1 criança reteve e 2 crianças não se encontram a frequentar a instituição)

Tempo estimado da entrevista a cada criança: 15 minutos

Perfil da Criança
Inicial do nome:
Género:
Idade atual:
Ano de escolaridade 2018/2019:

Questão: O que mais te recordas e gostaste do Projeto do ano passado?

Anexo 6 - Registos das entrevistas de impacto às crianças

Perfil do Entrevistado		
Género	Idade atual	Ano de escolaridade 2018/2019
A1 - Masculino	A1 – 6 anos e 8 meses	A1 - 1º ano do Ensino Básico
A2 - Masculino	A2 – 6 anos e 2 meses	A2 - 1º ano do Ensino Básico
A3 – Masculino	A3 – 6 anos e 4 meses	A3 - 1º ano do Ensino Básico
A4 - Masculino	A4 – 6 anos e 4 meses	A4 - 1º ano do Ensino Básico
A5 - Feminino	A5 – 6 anos e 6 meses	A5 - 1º ano do Ensino Básico
A6 - Feminino	A6 – 6 anos 8 meses	A6 - 1º ano do Ensino Básico
A7 - Feminino	A7 – 6 anos e 4 meses	A7 - 1º ano do Ensino Básico
A8 - Feminino	A8 – 6 anos e 1 mês	A8 - 1º ano do Ensino Básico
A9 - Masculino	A9 – 6 anos e 5 meses	A9 - 1º ano do Ensino Básico
A10 - Masculino	A10 – 6 anos e 10 meses	A10 - 1º ano do Ensino Básico
A11 - Masculino	A11 – 6 anos e 9 meses	A11 - 1º ano do Ensino Básico
A12 - Feminino	A12 – 6 anos	A12 - 1º ano do Ensino Básico
A13 - Masculino	A13 – 6 anos e 8 meses	A13 - 1º ano do Ensino Básico
A14 - Masculino	A14 – 6 anos e 2 meses	A14 - 1º ano do Ensino Básico
A15 - Feminino	A15 – 6 anos e 7 meses	A15 - 1º ano do Ensino Básico
A16 - Feminino	A16 – 6 anos e 1 mês	A16 - 1º ano do Ensino Básico
A17 - Masculino	A17 – 6 anos e 4 meses	A17 - 1º ano do Ensino Básico
A18 - Feminino	A18 – 6 anos e 7 meses	A18 - 1º ano do Ensino Básico
A19 - Masculino	A19 – 6 anos e 11 meses	A19 - 1º ano do Ensino Básico
A20 – Feminino	A20 – 6 anos e 2 meses	A20 - 1º ano do Ensino Básico
A21 - Masculino	A21 – 6 anos e 4 meses	A21 - 1º ano do Ensino Básico
A22 - Masculino	A22 – 7 anos e 1 mês	A22 - 1º ano do Ensino Básico
Questão		
O que mais te recordas e gostaste do Projeto do ano passado?		
<p>A1 – “Lembro-me que aprendi vários pintores. O Claude Monet, Pablo Picasso, Matisse, Van Gogh...”</p> <p>Estagiária – “E de tudo o que falamos, o que mais gostaste?”</p> <p>A1 – “De aprender os pintores. Lembro-me de uma atividade em que os pincéis eram assim grandes, em que utilizamos aguarelas porque nunca tínhamos usado. Também fomos ao Museu Soares dos Reis e ao Museu de Serralves.”</p> <p>Estagiária – “Do que te recordas dessas visitas?”</p> <p>A1 – “Lembro-me que no Soares dos Reis vimos uma exposição de Almada Negreiros e em Serralves fizemos um jogo que era... nós tínhamos um par e uma vez eramos nós a desenhar o nosso par, o contorno como se fôssemos uma gotinha de água, e depois era o outro par a desenhar-nos a nós. Também vimos a casa rosa e utilizamos uma esponja e giz invisível, onde as tintas eram corantes alimentares e eram muito molhadas.”</p> <p>Estagiária – “Porque foi o que mais gostaste?”</p> <p>A1 – “Porque gosto de descobrir coisas novas e de trabalhar com as artes.”</p>		
<p>A2 – “O nosso projeto era sobre pintores, lembro-me que o Picasso pintava muitas pinturas... do Miró e do Salvador Dalí.”</p> <p>Estagiária – “Que atividades gostaste mais no projeto?”</p> <p>A2 – “Gostei de pintar, brincar e quando conhecemos outras coisas... daqueles pincéis muito grandes que fizemos as obras de Monet.”</p> <p>Estagiária – “Porque foi o que mais gostaste?”</p> <p>A2 – “Porque eu gosto de pintar e de pintar como o Picasso.”</p>		
<p>A3 – “Lembro-me que um dia fiquei animado porque fizemos a Torre Eiffel com cartão por termos conhecido Picasso de Paris e no fim do ano eu fiquei com ela. Conhecemos muitos artistas... Picasso,</p>		

Miró e Salvador Dalí. Gostei mesmo muito de fazer aquele desenho com aquele pincel muito grande sobre Monet.”

Estagiária – “E do que te recordas mais?”

A2 – “Que no projeto utilizamos aguarelas e um dia mascarei-me de mariachi por cauda da Frida ser do México. Lembro-me de ir a um museu, aquele que tinha a casa cor de rosa e tinha uma exposição de uma espanhola, pintamos com corante alimentar numa folha muito grande e vimos retratos. Tínhamos de segurar na folha e depois fazer o desenho à volta de nós. Gostei muito do piquenique desse dia ao almoço e do nosso projeto com brilhantes.”

A4 – “O nosso projeto tinha pintores e fizemos atividade sobre pintores, lembro-me do Salvador Dalí e do Matisse. Uma vez tínhamos uma atividade com pincéis muito grandes e usamos aguarelas para colorir um quadro de algum pintor.”

Estagiária – “E o que mais gostaste?”

A4 – “De ver quadros de pintores que não são desconhecidos, como no Museu Soares dos Reis daquele quadro com aquela pomba e aqueles meninos. Gostei porque estava mais colorido. Lembro-me da história da Frida, onde estava ela e tinha um macaco. Gostei mais da atividade da gotinha em Serralves porque foi mais giro e tínhamos de pintar desenhos com ela. Se voltava atrás, voltava a ter este projeto porque trabalhar com artes era divertido.”

A5 – “Lembro-me. Era dos pintores com as cidades. Nós pintamos, também fizemos uma atividade com pincéis grandes e aguarelas e lembro-me da Frida em que vimos um vídeo dela. Lembro-me de Monet, Salvador Dalí, Picasso e do Diego Rivera que era o marido da Frida.”

Estagiária – “Recordas alguma visita?”

A5 – “Sim. No Museu Soares dos Reis vimos uma estátua e quadros. Gostei dos quadros porque ficaram iguais quando fizemos o registo. Em Serralves, vimos uma exposição e depois fomos fazer uma atividade na casa cor de rosa, em que tínhamos de desenhar os amigos à volta e lá dentro desenhar o que mais gostamos da visita. Pintamos com corante alimentar e vimos uma exposição antes.”

Estagiária – “O que mais gostaste sobre o projeto?”

A5 – “Pintar os quadros porque é muito divertido e gostei de saber mais sobre artistas porque é fixe aprender. Usamos tintas, pincéis e gostei de tudo. Não mudava nada porque adoro artes para aprender mais coisas.”

A6 – “O projeto era sobre arte. Aprendemos obras do Picasso, a Mona Lisa, a Frida Kahlo... E atividades como a dos pincéis grandes com tinta de aguarela e papel. Tínhamos de estar numa cadeira muito alta e pintávamos uma obra de Monet. Só me lembro mais da visita a Serralves, onde desenhámos à volta e pintávamos por dentro com corante alimentar sobre coisas que gostamos da visita. Havia pedrinhas no jardim, uma fonte com água aos quadrinhos com gaivotas lá a beber água. Lembro-me também de falar de Paris porque a minha avó é de lá.”

Estagiária – “O que mais gostaste no projeto?”

A6 – “França. Quando aprendemos as pinturas de França e a fazer muitas obras porque em Paris há muita coisa fixe que eu gosto, com muitas obras e coisas para comer. No projeto usávamos tintas, pincéis, folhas... não me lembro de mais nada. Adorei trabalhar com as artes porque é importante para eu aprender a desenhar e a pintar. Este projeto foi muito bonito.”

A7 – “O projeto era sobre os museus, pintores, arte... fizemos muita coisa. Lembro-me da atividade dos pincéis grandes, de conhecer Picasso, Salvador Dalí, a Frida que quase não me lembrava. Nós tínhamos de trazer pesquisas sobre isto tudo e até puzzles e obras.”

Estagiária – “O que mais gostaste?”

A7 – “Do jardim em Serralves e da atividade. Nós tínhamos de estar como uma gota e depois os outros amigos que estavam sentados tinham de desenhar. Depois saímos e ficou uma gota de água. Pintamos com uma esponja e tinta. Mas o que mais gostei mesmo do projeto foi de conhecer a arte de Paris porque gosto de Paris. Gostei também daquela arte da Frida, a do Papagaio, porque era muita gira e gostava dessa.”

A8 – “Era dos pintores. Fizemos pinturas, lembro-me da pintura das frutas que era da Frida. Foi a que mais gostei por ser gira e tinha muitas cores. Utilizávamos muitos materiais também, lápis, cola, papel, lápis de cor...”

Estagiária – “Recordas alguma visita?”

A8 – Sim, de Serralves... lembro-me das estátuas, da casa cor de rosa... voltava a ter este projeto, a arte é importante e divertida. Assim, nós aprendemos a saber mais.”

A9 – “Era sobre os pintores. Fizemos atividades, aquela dos caracóis que era do Matisse. Conhecemos também o Picasso, Miró, Salvador Dalí. Lembro-me de fazermos o retrato da nossa cara e das nossas visitas aos museus. Em Serralves, lembro-me de quadros bonitos e de fazer uma atividade em que desenhávamos o colega e o colega desenhava a nós, pintamos com vermelho, azul e amarelo.”

Estagiária – “E o que mais gostaste ao longo do projeto?”

A9 – “Tivemos aqueles pincéis muito grandes com tinta de aguarelas. O que mais gostei foi de fazer o nosso retrato porque eu gosto de desenhar. Desenhar é importante porque se não tivéssemos voz, podíamos desenhar ou escrever. Voltava a ter este projeto.”

A10 – “Era sobre os pintores. Lembro-me de nós fazermos muitas artes, tipo colagens de artistas, também mais coisas da Frida e do marido que era o Diego Rivera. Aprendemos o tipo de pinturas de todos. Recordo o Salvador Dalí, Monet... Picasso. As atividades que me lembro são atividades de recortes e colagens ou experiências. Precisávamos de matérias como, por exemplo, pincéis, folhas, pinturas e assim. Também tivemos as visitas... na primeira ao Museu Soares dos Reis vimos uma exposição do Almada Negreiros, em que me lembro que o pintor fazia muitos autorretratos e muitas coisas. Em Serralves, vimos muitas pinturas como uma que tinha forma de um quadro com formas geométricas e na atividade que fizemos lá, era uma atividade de ter um giz invisível e depois o giz tapava a tinta azul porque era um giz especial que fazia desaparecer. Lembro-me de aprender mesmo sobre os pintores porque se nós não aprendêssemos isso, não sabíamos nem fazíamos as pinturas que vimos.”

Estagiária - “Voltavas a ter este projeto?”

A10 – “Voltava a ter, foi importante porque se não fizemos na vida mais coisas de pintar, não tínhamos como fazer as coisas coloridas e os lápis de cor também não existiam. Posso ser criativo, podes inventar coisas e também podes fazer um mundo colorido e flores coloridas.”

A11 – “Lembro-me. Era sobre os artistas, fizemos autorretratos, conhecemos o Almada Negreiros, Picasso, Miró e a Frida. Conhecemos o Almada Negreiros no Museu Soares dos Reis com uma exposição dele que tinha vários quadros, como aquele com um espelho. Na visita a Serralves, fizemos uma bolinha de chuva com lápis e o nosso corpo... uma pessoa ficava lá dentro e a outra pessoa que estava lá fora estava a contornar e pintava com corante alimentar e uma esponja. Depois ficou transparente.”

Estagiária – “O que mais gostaste no projeto?”

<p>A11 – “De fazer o autorretrato do Almada Negreiros porque foi divertido. No projeto, a arte foi importante para além de ler e escrever porque nós aprendemos outras coisas a desenhar e a pintar, ajuda-nos e mexer a termos mais criatividade.”</p>
<p>A12 – “Sim, era sobre os pintores e museus, como o Picasso, a Frida ou Almada Negreiros. Lembro-me da atividade daa folhas, dos pincéis grandes e da atividade em Serralves com a atividade da chuva na casa cor de rosa. Nessa atividade tínhamos de nos embrulhar e o amigo tinha de fazer a nossa gota com um lápis.”</p> <p>Estagiária – “O que mais gostaste no projeto?”</p> <p>A12 – “Da visita a Serralves e de aprender a pintar, gostei do projeto porque usamos materiais como pincéis, lápis de carvão, folhas, aguarelas uma vez e até tintas. A plástica faz coisas diferentes e ajuda-nos a aprender e torna-se mais divertido.”</p>
<p>A13 – “Lembro-me muito do Miró, por isso era sobre pintores e sobre arte. Fizemos a luva branca, falamos do Picasso também e fizemos duas visitas. Conhecemos o Almada Negreiros na visita ao Museu Soares dos Reis e em Serralves lembro-me das pinturas no espelho e da casa cor de rosa. Numa atividade lá, desenhamos o amigo à volta no papel como uma gota e pintamos com uma esponja e corante alimentar. Foi a atividade que mais gostei porque aprendi a pintar gotas.”</p> <p>Estagiária – “Que materiais te lembras de utilizar no projeto?”</p> <p>A13 – “Pincéis, tintas, papel e tesouras. Mas o que mais gostei mesmo foi a Luva Branca do Miró porque gostei de ver. Tudo foi importante para sabermos pintar e a fazer pinturas de artes.”</p>
<p>A14 – “Sim. Recordo-me do Picasso, Matisse, Miró e da Frida, mas da Frida não me lembro muito. Fizemos uma atividade com pincéis grandes deste tamanho em que sentamos em cima de uma cadeira, púnhamos um papel no chão e depois pintávamos com os pincéis e as aguarelas.”</p> <p>Estagiária – “Recordas alguma visita que fizemos?”</p> <p>A14 – “Sim, a Serralves na casa cor de rosa onde fizemos a atividade da gotinha. Tínhamos de enrolar como uma gota e depois os outros meninos desenharam a nossa gota, depois pintávamos com esponja e corante alimentar de várias cores. Gostei muito deste dia porque vimos um museu verdadeiro. A arte é diferente e aprendo os pintores.”</p>
<p>A15 – “Lembro-me bem. Era sobre os pintores como o Matisse, Andy World, a Frida e Salvador Dalí... fizemos uma atividade que tinhas uns pincéis assim muito grandes, estávamos sentadas num banco e depois íamos buscar uma cor e pintávamos uma obra de... Monet. Usamos pincéis, tinta e folhas. E também me lembro do Soares dos Reis quando fomos ao museu de lá e fizemos um registo. Em Serralves fizemos uma gotinha na casa cor de rosa, foi muito giro. Vimos as gotinhas da chuva e depois tínhamos folhas e desenhamos lá as gotinhas, desenhamos no meio o que queríamos e pintamos com uma esponjinha e com tinta. Pusemos a secar e levamos para casa.”</p> <p>Estagiária – “O mais gostaste no projeto?”</p> <p>A15 – “De contornar e das obras. Acho a arte importante porque fazemos coisas giras, dá para recortar e depois colar o trabalho e aprender coisas novas. Se pudesse, voltava atrás e mudava um pintor e tirava o marido da Frida e punha o bigode do Salvador Dalí para mais pequenino porque chegar até aos olhos não é bom.”</p>
<p>A16 – “Eu lembro-me que era sobre as artes, aprendi pintores como Matisse, Salvador Dalí, a Frida Khalo que me lembro que ela adorava flores e da obra dela do papagaio que era cheia de frutas e fizemos um puzzle. Foi das que mais gostei porque tinha mesmo muitas frutas. Também gostei das visitas aos museus, onde vimos a cada rosa que tinha uma cozinha e fizemos uma gotinha no papel e o outro nos</p>

<p>desenhava, depois pintávamos com a esponja e corante... gostei mesmo muito porque aprendi coisas novas e essa obra está guardada na parede da minha cozinha. Mas a minha atividade preferida foi a dos pincéis grandes, onde utilizamos tintas, uma tela e um pincel comprido e tínhamos de fazer uma obra de Monet. Foi preferida porque foi divertido por ser grande e adoro pintar e outras coisas como recortar à volta. É muito importante para aprendermos mais sobre a obra de arte.”</p>
<p>A17 – “Era dos pintores, Picasso, Miró e Salvador Dalí. Fizemos uma atividade dos pincéis grandes, fomos ao museu de Serralves e foi lindo e gostei muito. Fizemos uma gota de água, eramos dois e tínhamos de desenhar à volta e pintar com uma esponja e tinta. Aprendi a ser uma gota de água, coisas novas e a ser mais responsável. Usávamos pincéis, esponjas, tesouras, lápis, folhas e o que mais gostei de tudo foi aquela parte onde cantávamos músicas do projeto. Foi tudo importante para trabalharmos mais e mais um dia de trabalho, ter mais inteligência e aprendizagem. Assim, aprendemos a usar a tesoura, aprendemos a usar a cola e aprendemos a usar os lápis porque se não existisse aprender esses materiais, só estávamos a brincar porque não sabíamos usar. Fizemos uma atuação para os pais, aprendi mais músicas, a estar com os pais na sala e a ser o Picasso.”</p>
<p>A18 - “O nosso projeto era dos pintores, lembro-me do Monet e quando fizemos a atividade dos pincéis grandes. Escolhemos uma obra de Monet e usamos uma folha, pincéis e tinta. Também fomos ver museus verdadeiros, vimos estátuas no Museu Soares dos Reis e em Serralves a casa cor de rosa que eu já tinha ido. Vimos lá uma exposição e depois tínhamos de usar um giz branco e escolhemos uma cor e aparecia.”</p> <p>Estagiária – “O que mais gostaste sobre o projeto?”</p> <p>A18 – “Foi de ir à casa cor de rosa porque desenhamos. O projeto fez bem à saúde ao pintar com a arte para aprendermos mais coisas que podemos criar.”</p>
<p>A19 – “Este ano nós fizemos um puzzle que parecia um caracol que era do Henri Matisse. Era sobre os pintores Matisse, Salvador Dalí, Miró, Monet... uma atividade com os pincéis muito grandes porque ele só fazia assim ao pintar com pintinhas e eu escolhi a obra da ponte. Lembro-me do puzzle do Salvador Dalí e da Frida com a obra do papagaio e das frutas. Utilizamos tesoura, pincéis, cola, uma folha, tintas.”</p> <p>Estagiária – “E tens alguma atividade preferida?”</p> <p>A19 – “Sim. Foi o puzzle da Frida porque eu gosto muitos dos pintores e aprendi a montar, a ver as coisas direitas para montar porque se eu não soubesse montava errado e punha uma peça na do meio. O projeto foi muito importante para sabermos fazer pinturas, a ser mais pintores e a aprender mais.”</p>
<p>A20 – “Lembro-me de coisas sim. De histórias sobre os pintores, obras de arte e quando a minha mãe foi a colégio para nos ver.”</p> <p>Estagiária – “E o que mais gostaste?”</p> <p>A20 – “Da casa cor-de-rosa. Lembro-me desse dia que eu estava num sítio para brincar. Gostei da gotinha de água. Mas o que mais gostei foi quando a minha foi. Com a arte podemos fazer desenhos para as nossas mães e elas ficam felizes.”</p>
<p>A21 – “Era sobre os museus, os pintores... lembro-me de visitar museus e quando os pais vinham lá contar uma história. O Picasso, Monet... quando a mãe do R. trouxe coisas de pinturas em angolas e as mulheres com aquelas saias.”</p> <p>Estagiária – “Recordas alguma visita?”</p> <p>A21 – “Da primeira não, mas em Serralves vimos uma exposição e uma pintura de uma gota com o amigo à volta e pintar. Isto foi o que mais gostei porque tinha arte e eu gosto de arte porque o meu irmão</p>

também faz arte. É importante porque se soubéssemos só escrever, se nos perguntarem para pintar nós não sabemos.”

A22 – “Era sobre pintores... Picaud... Picasso e Monet. Lembro-me de brincar muito com o D. e de pintar.”

Estagiária – “O que mais gostaste?”

A22 – “Pintar porque é colorido, aprendo a mexer no pincel, a pegar no pincel... Também gostei dos pintores porque são eles que fazem as artes. Com a arte fazemos uma coisa bonita e orgulhamo-nos de nós, ajuda-me a aprender a pintar e assim já faço pinturas espetaculares.”

Estagiária – “E das visitas aos museus?”

A22 – “Só daquela casa cor de rosa. Foi um ano giro cheio de arte.”

Anexo 7 - Cronograma da Investigação

Tempo de investigação		Pesquisa	Planificação da intervenção	Observação participante	Entrevistas a educadoras	Entrevistas de impacto	Análise dos Dados
2017	Outubro						
	Novembro						
	Dezembro						
2018	Janeiro						
	Fevereiro						
	Março						
	Abril						
	Maio						
	Junho						
	Julho						
	Agosto						
	Setembro						
	Outubro						
	Novembro						
	Dezembro						
2019	Janeiro						
	Fevereiro						
	Março						
	Abril						
	Maio						
Junho							